



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas

***A PRESENÇA PORTUGUESA NO HAWAII NO SÉCULO XIX***



**ALCINDO JOSÉ PEDROSO DA COSTA**

DISSERTAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE  
EM CRIAÇÕES LITERÁRIAS CONTEMPORÂNEAS

Orientadora: Professora Doutora Maria de Deus Beites Manso

Co-orientador: Professor Doutor Joseph Abraham Levi



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas

## ***A PRESENÇA PORTUGUESA NO HAWAII NO SÉCULO XIX***



**ALCINDO JOSÉ PEDROSO DA COSTA**



DISSERTAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE  
EM CRIAÇÕES LITERÁRIAS CONTEMPORÂNEAS

Orientadora: Professora Doutora Maria de Deus Beites Manso

Co-orientador: Professor Doutor Joseph Abraham Levi

## Índice

Agradecimentos .....	iv
Resumo.....	vi
Abstract .....	viii
The Portuguese presence in Hawaii.....	viii
Índice de ilustrações.....	x
Introdução.....	xi
Objectivos.....	xi
Capítulo 1 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E METODOLOGIA.....	1
Capítulo 2 — CARACTERIZAÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO: .....	4
O HAWAII COMO DESTINO DA EMIGRAÇÃO PORTUGUESA .....	4
2.1.    HAWAII .....	4
2.1.1.    Localização geográfica.....	4
2.1.2.    As dúvidas quanto à descoberta das ilhas .....	6
2.1.2.1.    Cartografia existente anterior a Thomas Cook .....	9
2.1.3.    O reino do Hawaii: de Kamehameha ao reinado de Kalakaua .....	12
2.2.    RELAÇÕES QUE SE ESTABELECEM ENTRE O REINO DE PORTUGAL E O REINO DO HAWAII .....	33
2.2.1.    A viagem do rei Kalakaua à volta do mundo e a passagem por Lisboa.....	33
2.2.2.    A instabilidade política e económica na Europa como alavanca da emigração .	39
2.2.3.    A Convenção Provisória de 1882 entre Portugal e o Hawaii.....	42
2.2.3.1.    A justificação para o tratado .....	42
2.2.3.2.    O Tratado.....	45
2.2.4.    O Consulado Português em Honolulu .....	50
Capítulo 3 – A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA NO SÉC. XIX E O IMPACTO NA POPULAÇÃO HAVAIANA .....	64
3.1.    EMIGRAÇÃO MASCULINA ENTRE OS SÉCULOS XIX-XX.....	64

3.1.1.	A emigração masculina em Portugal à época .....	67
3.1.1.1.	Desequilíbrio demográfico .....	70
3.2.	Portugal: da emigração masculina à emigração familiar para o Hawaii .....	74
3.2.1.	Expectativas na chegada .....	76
3.2.2.	Preferência pelo trabalhador português.....	79
Capítulo 4 -	SOCIEDADE MULTI-RACIAL .....	81
4.1.	Evolução populacional e étnica no Hawaii.....	81
4.1.1.	Os “haoles” .....	85
4.2.	Os portugueses e a necessidade de pertença.....	87
4.2.1.	Os casamentos dentro da comunidade e os casamentos na pátria .....	87
4.2.2.	A religiosidade.....	89
4.2.3.	Onde pertencem os portugueses? .....	98
4.2.4.	Legado cultural.....	107
Considerações finais.....		116
Glossário.....		118
Bibliografia .....		119
Anexos.....		129

## Agradecimentos

À Professora Doutora Maria de Deus Beites Manso que desde início acompanhou a parte curricular do mestrado, e a orientação da dissertação, e tendo passado por períodos de incerteza, sempre acreditou que levaria a bom porto este trabalho.

Ao Professor Doutor Joseph Abraham Levi, que em Évora e Lisboa orientou as primeiras pesquisas bibliográficas sobre o Hawaii, e mais tarde, em Providence, Rhode Island e em Washington D.C. encurtou as distâncias através da internet para ajudar e apoiar na co-orientação desta dissertação.

A Erma O'Toole, colaboradora da *Hawai'i Council on Portuguese Heritage* que convicte que muito havia que investigar sobre a presença portuguesa no Hawaii, me forneceu pistas que se poderiam ter em conta para o desenvolvimento desta tarefa e me orientou nos corredores da *Hawaii State Public Library* em Honolulu. Uma palavra de agradecimento para o bibliotecário da secção do Hawaii e Pacífico desta biblioteca pela sua simpatia e disponibilidade.

A Audrey Reed que apesar de estar condicionada por afazeres familiares em Dezembro de 2006 em Maui, e apresentado desculpas por qualquer erro de linguagem, demonstrou uma enorme alegria em poder falar português e se disponibilizou para ajudar em tudo o que estivesse ao seu alcance.

Ao Professor Doutor Eduardo Mayone Dias que por duas vezes em época natalícia, Dezembro de 2007 e Dezembro de 2008, amavelmente me recebeu em sua casa em Los Angeles e manifestou contentamento em ajudar, orientar, e esclarecer quaisquer dúvidas sobre a comunidade portuguesa no Hawaii.

À Elizabete Peleja que me encaminhou e acompanhou desde início em todo o trajecto deste mestrado, e me incentivou para não desistir, mesmo perante todas as adversidades.

Ao Sérgio Correia, que ao longo de toda a investigação, foi ouvindo e questionando sobre a evolução da dissertação.

A todos os que fazem parte do meu núcleo pessoal, em especial a minha família e amigos, para os quais estive menos disponível, uma palavra de agradecimento pela compreensão.

A todos aqueles que de forma directa ou indirecta, como por exemplo, todos os bibliotecários da Biblioteca Nacional de Lisboa, Biblioteca Nacional de Espanha, *Hawaii State Public Library* e *Los Angeles Public Library*, contribuíram para tornar possível a conclusão deste trabalho.

## Resumo

Este estudo centraliza-se no conhecimento da situação sócio-cultural, política, laboral e religiosa das ilhas de Sandwich, ou ilhas havaianas no século XIX, aquando da chegada a este território insular de levadas de portugueses destinadas ao trabalho braçal nas plantações de cana-de-açúcar.

A evolução política de uma monarquia hereditária, a dinastia Kamehameha, para uma monarquia constitucional, passando pelo derrube da mesma, incluindo uma curta passagem por uma república até à anexação do território pelos Estados Unidos da América, períodos estes pelos quais os imigrantes portugueses tiveram que atravessar.

O reinado de Kalakaua, o primeiro monarca reinante a visitar os Estados Unidos da América, foi o primeiro a realizar uma viagem de circum-navegação. Na sua passagem pela Europa, o régulo realiza uma visita oficial a Portugal, onde procede a conversações com o Rei D. Luís para a assinatura de um tratado de comércio e amizade que iria estabelecer as relações diplomáticas entre os dois países, assim como regulamentar a emigração de Portugal para o Hawaii.

Analisa-se a importância do consulado português em Honolulu, após a Convenção Provisória de 1882, assim como o trabalho desenvolvido pelo cônsul António de Sousa Canavarro, o qual nos dá uma panorâmica da comunidade portuguesa que na altura se ia fixando nas ilhas havaianas.

Caracteriza-se a emigração que desde Portugal continental, a Madeira, os Açores e Cabo Verde partia para aquele território insular, numa longa viagem de vários meses, e aí se instalava, inicialmente com um contrato de trabalho de três anos.

A integração da comunidade portuguesa na sociedade havaiana trouxe muitas transformações, quer a nível sócio-cultural quer religioso. Era a maior

comunidade europeia e caucasiana; contudo, não considerada branca no Hawaii. O grupo católico maioritário enraizou-se em festas e cultos religiosos muito fortes. A adaptação de parte do grupo ao protestantismo — através de um grupo de exilados da Madeira seguidores do missionário protestante Dr. Kalley, ex-residente no Funchal, perseguido e expulso da Madeira por motivos religiosos — não foi tão pacífica, foram confrontados com insultos e animosidade por parte dos católicos.

Os casamentos inter-raciais são uma marca da comunidade portuguesa no Hawaii, assim como um legado na área da música, com a introdução do cavaquinho nas ilhas, conhecido na actualidade por *ukulele*, na culinária, e nas festas religiosas do Espírito Santo.

**Palavras-chave:** Hawaii, Kalakaua, Consulado de Honolulu, Convenção Provisória de 1882, imigração portuguesa no Hawaii, legado português no Hawaii

## **Abstract**

### **The Portuguese presence in Hawaii**

This work is a study of the sociopolitical, cultural, labor, and religious situation of the Sandwich Islands, also known as the Hawaii Islands, in the XIX century at the time of the arrival to the archipelago of a great number of Portuguese immigrants contracted to work in the sugar-cane plantations. Special attention shall be placed on the political evolution of a hereditary monarchy, the Kamehameha Dynasty (1810-1893), into a constitutional monarchy (October 8, 1840) and its eventual demise (January 24, 1895), only to resurface, though short-lived, as a republic (1894-1898). Portuguese immigration occurred all along Hawaiian history, including the latter period, when the islands were eventually annexed by the United States of America (July 7, 1898), as the U.S. Territory of Hawai'i.

King Kalakaua (1874-1891) was the first reigning Hawaiian monarch to visit the United States of America, and the first Hawaiian ruler to travel around the world. In his trip through Europe, Kalakaua made an official visit to Portugal, carrying out talks with the King D. Luís (1861-1889) in order to sign a treaty of commerce and friendship, thus establishing diplomatic relations between the two countries as well as regulating emigration from Portugal to Hawaii.

In this work I shall also analyze the importance of the Portuguese Consulate in Honolulu after the Provisional Convention of 1882, as well as the work of António de Sousa Canavarro, the first Portuguese General Consul to the archipelago, thus being able to provide an overview of the Portuguese community at this time of early settlement.

The main core of the study is an analysis of the mass emigration from Continental Portugal, Madeira, the Azores, and Cape Verde (until 1975 under Portuguese rule), to Hawaii: after a long journey of several months, these Lusophone speakers and, almost all of them, Portuguese nationals, arrived and settled in Hawaii, initially with a three-year contract.

The integration of the Portuguese community in Hawaiian society has brought many changes to the islands, culturally, socially, and religiously. It was the biggest European and Caucasian community; yet, in Hawaii the Portuguese were considered white. Being mostly Catholic, the Portuguese expressed their religion outwardly, especially when it came to religious festivals.

The adaptation of part of this apparently cohesive Portuguese/Portuguese-speaking community to Protestantism—as in the case of a group of exiles from Madeira (ca. 1846-1854), followers of Dr. Robert Reid Kalley (1809-1888), a Scottish physician and Presbyterian missionary to Madeira who was persecuted and eventually expelled from the Portuguese archipelago in 1846—was not so peaceful: though not on Portuguese soil any longer, they were confronted with insults and animosity by some of their Catholic compatriots.

The inter-racial marriages are a hallmark of the Portuguese community in Hawaii, as well as a legacy in music, with the introduction of the *cavaquinho* or *braguinha*, a small Portuguese four string guitar, was introduced in the islands when the Portuguese labors came to work in the cane fields in 1878, known nowadays for ukulele. Some cooking specialties and the religious festivals of the (*Espírito Santo*) Holy Ghost are still a Portuguese legacy to the Hawaii.

**Key words:** Hawaii, Kalakaua, Consulate of Honolulu, Provisional Convention of 1882, Portuguese immigration in the Hawaii, Portuguese legacy in the Hawaii

## Índice de ilustrações

Ilustração 1 – Uma família portuguesa .....	i
Ilustração 2 – Mapa do Hawaii .....	4
Ilustração 3 – Mapa-mundo do século XVII.....	7
Ilustração 4 - Mapa-mundo do século XVIII.....	9
Ilustração 5 - Pormenor do mapa-mundo do século XVIII, estando sinalizada a rota de Gaetan, no lado esquerdo, a norte entre o equador e o trópico de câncer. Biblioteca Nacional de Lisboa. ....	11
Ilustração 7 – Rainha Kaahumanu .....	22
Ilustração 6 – Bandeira do Hawaii .....	22
Ilustração 8 – Trabalhadores numa plantação de cana-de-açúcar .....	27
Ilustração 9 – Rei Kalakaua I.....	28
Ilustração 10 - Volta ao mundo do Rei Kalakaua.....	33
Ilustração 11 - Diário Ilustrado: Primeira página de segunda-feira, 29 de Agosto de 1881. Biblioteca Nacional de Lisboa.....	35
Ilustração 12 – Cerimónia de anexação do Hawaii 1898 .....	48
Ilustração 13 – Igreja do Espírito Santo de Kula .....	100
Ilustração 14 – Exemplos da mistura racial e étnica no Hawaii .....	104
Ilustração 15 – Rainha Liliuokalani .....	108
Ilustração 16 – Campa de Manuel Nunes no cemitério católico de King Street em Honolulu .....	110
Ilustração 17 – Mulheres portuguesas na tarefa de cozer o pão, num típico forno exterior, quase impossível encontrar hoje um exemplar em Honolulu.....	112
Ilustração 18 – Monumento com pormenor de mulher trabalhadora portuguesa em Koloa Sugar Mill.....	113

## **Introdução**

### ***Objectivos***

O presente trabalho corresponde à dissertação de Mestrado em Criações Literárias Contemporâneas, pretendendo por isso, abordar um caso de estudo que se centraliza no conhecimento do ambiente, que se vivia tanto a nível político, como a nível social e cultural, no território que correspondia na altura, finais do século XIX ao Reino das Ilhas de Sandwich, ou Reino das Ilhas Havaianas, e com o qual os emigrantes portugueses se depararam aquando da sua fixação nesse território insular. O quanto o meio sociocultural, político, laboral, e mesmo religioso, aí vigente, teria influenciado o seu processo de adaptação a esta nova realidade. E até que ponto esse ambiente, que aí se vivia, teria contribuído também para a criação de uma nova identidade, movidos por um novo sentimento de pertença, ao lugar que elegeram como segunda pátria.

Os imigrantes portugueses chegavam após uma longa viagem que de início chegava a ultrapassar meio ano; era indescritível a sua chegada a um lugar tão longínquo, deparando-se assim com um povo tão diferente e uma língua que desconheciam. As incertezas de um trabalho, cujo contrato tinham assinado, sem saberem nem ler nem escrever, e todas as dificuldades que surgiam com a interpretação do mesmo, os empregadores usavam esta falha, o analfabetismo, para argumentarem questões contratuais, e de forma por vezes abusiva, implementarem regras que os contratados desconheciam, como por exemplo a não permissão da mulher ou os filhos que viessem a poder trabalhar, não o podiam fazer fora da plantação, onde o chefe de família trabalhava. Os meados e finais do século XIX, períodos difíceis nos quais este reino insular se encontrava, iriam ser palco, tanto para os primeiros grupos que se aí encontravam, como para os grupos seguintes que emigraram de uma forma mais organizada, de grandes convulsões e transformações sociopolíticas profundas.

O rei Kakakaua foi eleito durante esse período, visitou Portugal, e preparou a assinatura de uma convenção entre o Reino de Portugal e o Reino do Hawaii, que viria a regulamentar a emigração para o seu país. A abertura do consulado português em Honolulu, veio trazer uma luz de esperança no apoio que estes portugueses precisavam no início de uma nova vida. Parte deste trabalho centrou-se na figura e no trabalho empreendido pelo cônsul António de Sousa Canavarro e a abertura do primeiro consulado neste reino insular, após a ratificação de convenção entre os dois países, o Reino de Portugal e o Reino das Ilhas Havaianas.

A emigração portuguesa para este território teve umas características diferentes do tipo de emigração existente até aqui, ou seja, deixou de ser um êxodo exclusivamente masculino para passar a ser uma emigração familiar. Este factor teria sido um ponto positivo, nos parâmetros reunidos pela junta de emigração do Hawaii da altura, quando se debruçaram sobre a escolha da melhor gente, que desejariam ter como novos colonos no território havaiano. Os chineses vinham apenas os homens e queriam partir no final dos contratos, os portugueses eram europeus, e quase os únicos na Europa que aceitavam trabalhar pelo salário que estava estipulado. Vinham para ficar e por isso traziam toda a família e isso serviria os interesses do reino, que se debatia com problemas demográficos de vária ordem.

A integração na sociedade foi ocorrendo de forma gradual, com todas as transformações socioculturais espectáveis. Além disso, e mormente, os hábitos da terra de origem e a enorme religiosidade dos Portugueses iriam ser marcantes. A grande percentagem de católicos nas ilhas havaianas, que chegou aos nossos dias, são de origem portuguesa, e as festividades católicas, como a festas do Espírito Santo, estão associadas a igrejas que tiveram no seu passado forte ligação aos portugueses e algumas delas por eles construídas.

Constitui, também, objectivo avaliar como esta população portuguesa se inseriu socialmente, o evoluir das suas famílias e porque foram saindo da esfera protectora do grupo, para depois se misturarem com os mais variados grupos aí existentes, e até que ponto isso influenciou a sociedade no seu todo.

Os portugueses iam deixando marcas que passavam a fazer parte da sociedade de então. Com o passar do tempo, essa influência portuguesa, que em determinada altura era bastante visível, foi-se gradualmente diluindo, mas que persistiu acabando por fazer definitivamente parte integrante da cultura do arquipélago.

## Capítulo 1 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E METODOLOGIA

Em todos os mais diversos documentos consultados, palavras-chave para este estudo foram as Ilhas de Sandwich — nome pelo qual era conhecido na Europa o território insular sobre o qual versa este trabalho — as ilhas de Hawaii, assim como as mais diversas versões, como Reino das Ilhas Havaianas e Reino das Ilhas de Sandwich, nome sob o qual ficou conhecido o território após a descoberta por Thomas Cook em 1778. Optámos pelo nome mais comum, ilhas Hawaii, nome já existente anteriormente a Thomas Cook e nome pelo qual o quinquagésimo estado dos Estados Unidos é conhecido actualmente. Contudo há menções ao longo do trabalho a variantes do nome, como por exemplo: Hawai, Havai, Havaí, Hauai, Hawai'i (versão na língua havaiana). Excluindo o caso das citações e referências, optámos por manter a grafia Hawaii, e será sempre feita a distinção, quando apropriado, entre Hawaii, o arquipélago no seu todo, e a maior ilha com o mesmo nome, conhecida também por “Big Island”. Também a forma adjectivada de tudo o que se refere a este território insular encontra-se nas mais variadas formas, sendo aqui usado o adjectivo havaiano(a).

O objecto de estudo não se centrou num grupo em particular, os madeirenses, os açorianos ou os cabo-verdianos; pelo contrário, concentrámo-nos nos portugueses que demandaram estas paragens. Até aqui os trabalhos com os quais nos confrontámos focavam o seu objectivo num grupo específico, os madeirenses, como o caso de Susana Caldeira<sup>1</sup>, o qual estuda a influência cultural madeirense no ambiente havaiano assim como todo o processo administrativo e de transporte dos emigrantes madeirenses para o Hawaii. Quanto ao grupo de cabo-verdianos, estes últimos sempre assinalados como os primeiros portugueses a chegar ao Hawaii, ainda antes das levas de trabalhadores para as plantações da cana-de-açúcar — existem referências pouco precisas, algumas delas representam mesmo erros de informação e desconhecimento da realidade das várias ilhas portuguesas incluindo Cabo Verde:

---

<sup>1</sup> Caldeira, Susana Catarina de Oliveira e Castro Da. *Madeira para o Hawaii: a emigração e o contributo cultural madeirense* 2005.

É sem dúvida curioso observar como muitos dos primeiros focos de concentração portuguesa no continente norte-americano e até mesmo no Hawai – New Bedford, Fall River, Providence, San Francisco, Monterey, San Diego, Honolulu e Lahaina<sup>2</sup> — foram portos baleeiros.<sup>3</sup>

Na sua obra *Coisas da Lusalândia*<sup>4</sup>, Eduardo Mayone Dias relaciona a primeira emigração para as ilhas havaianas com a indústria baleeira com algumas menções sobre os cabo-verdianos envolvidos nessa actividade. Por outro lado, também os açorianos estavam mais ligados à actividade baleeira e, por conseguinte, aportavam já no Hawaii, muitos deles optando por aí ficar. Assim sendo, não está este trabalho orientado para nenhum dos grupos em particular, mas sim para a comunidade portuguesa que aí se ia fixando.

“Em 1873 o coronel Albert S. Evans escrevia numa história da Califórnia a propósito duma destas “estações”: “The men are all ‘Gee’<sup>5</sup> — Portuguese from the Azores or the Western Islands [...] a stout, hard-working race, grossly ignorant, dirty and superstitious. They work hard and are doing well in business”.<sup>6</sup>

Sobre um ponto de vista sociológico, James John MacDonald<sup>7</sup> fez um estudo, em chave antropológica, considerando os portugueses em Honolulu ser um grupo étnico. Trabalho esse que ajuda a uma melhor compreensão da forma como os portugueses se integraram na sociedade havaiana.

---

<sup>2</sup> Os primeiros portugueses que se estabeleceram no Hawai parecem ter sido desertores de barcos baleeiros, cerca de 300 ou 400 entre 1830 e 1878. Possivelmente metade deles eram cabo-verdianos. (Informação amavelmente proporcionada por Edgar C. Knowlton, Jr., da Universidade do Hawai, com base no Capítulo X: Romanzo Adams. “The Marriage of the Portuguese”, in *Interracial Marriage in Hawaii*, New York, 1937, 134-141.

<sup>3</sup> Eduardo Mayone Dias. *Coisas da Lusalândia*, Lisboa: Instituto Português de Ensino a Distância, 1981. 181.

<sup>4</sup> Eduardo Mayone Dias. *Coisas da Lusalândia*, Lisboa: Instituto Português de Ensino a Distância, 1981.

<sup>5</sup> *Gees*, *Portagees* e *Black Portagees* eram nomes pejorativos aplicados aos portugueses até à Segunda Guerra Mundial. Recorde-se Big Joe Portagee, uma das personagens da novela *Tortilla Flat*, de John Steinbeck.

<sup>6</sup> Eduardo Mayone Dias, *Op.Cit.*, 26-27.

<sup>7</sup> James John MacDonald. “Cognitive Aggregate and Social Group. The Ethnic Portuguese of Honolulu,” Manoa: University of Hawaii, 1982.

Tornou-se assim imprescindível repensar as motivações que estes emigrantes portugueses tiveram para emigrar e se adaptar à nova pátria, os factores importantes que os levaram a integrar-se de uma forma agrupada de início e, mais tarde, por conjecturas político-sociais foram mudando essa forma de estar no grupo.

## Capítulo 2 — CARACTERIZAÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO:

### O HAWAII COMO DESTINO DA EMIGRAÇÃO PORTUGUESA

#### 2.1. HAWAII

“The Sandwich Islands do not form one of the South Sea groups, and have no other connection with them than certain affinities of race and language. They constitute the only important group in the vast North Pacific Ocean, in which they are so advantageously placed as to be pretty nearly equidistant from California, Mexico, China, and Japan. They are in the torrid zone, and extend from 18 degrees 50' to 22 degrees 20' north latitude, and their longitude is from 154 degrees 53' to 160 degrees 15' west from Greenwich. They were discovered by Captain Cook in 1778. They are twelve in number, but only eight are inhabited, and these vary in size from Hawaii, which is 4000 square miles in extent, and 88 miles long by 73 broad, to Kahoolawe, which is only 11 miles long and 8 broad. Their entire superficial area is about 6,100 miles.”<sup>8</sup>

##### 2.1.1. Localização geográfica

O arquipélago do Hawaii é composto por cerca de 130 ilhas, e localiza-se no Oceano Pacífico inserido no grande grupo de milhares de ilhas que formam a Polinésia. O Hawaii é o vértice desse triângulo, que vai desde a Ilha

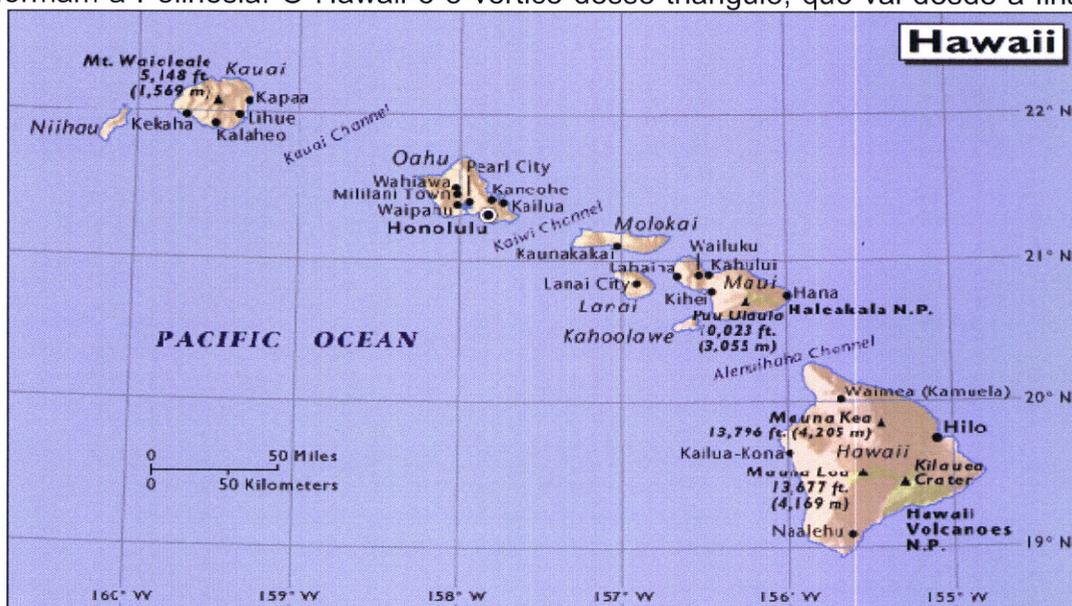


Ilustração 2 – Mapa do Hawaii

<sup>8</sup> Isabella L Bird. *The Hawaiian Archipelago; Six Months in the Sandwich Islands: Among Hawaii's Palm Groves, Coral Reefs, and Volcanoes*. Honolulu: Mutual, 1881. 12.

da Páscoa à Nova Zelândia, incluindo grupos como a Polinésia francesa, Samoa, Tonga e Fiji, o Hawaii é o único arquipélago importante do grande grupo situado acima do Equador.

Quando nos referimos ao Hawaii, há-de se pensar que se trata de um arquipélago formado por oito ilhas maiores, todas habitadas, Maui, Kaho'olawe, Lana'i, Moloka'i, O'ahu, Kaua'i, Ni'ihau e Hawai'i, a maior ilha conhecida como "the Big Island", para não confundi-la com o nome do próprio arquipélago. O restante conjunto de ilhas, conhecidas como as "Northwestern Islands", é constituído na maior parte de pequenas ilhas de corais e atóis, todos desabitados. Ficam geograficamente localizadas entre os 19 34' N/155 30' W da ilha de Hawai'i e os 21 54' N/160 10' W da ilha de Ni'ihau, encontrando-se espalhados por cerca de 2400km.

## 2.1.2. As dúvidas quanto à descoberta das ilhas

Aun cuando los ingleses hayan atribuido al Capitán Cook el descubrimiento del archipiélago hawayano, y Maltebrún guarde sobre este punto extremada reserva, Mr. C. de Varigny ha conseguido probar con documentos facilitados por el Gobernador general de Filipinas, que el descubrimiento de las islas de Hawaii se debe al intrépido marino español Juan Gaetano, que las bautizó con el poético nombre de *islas de los Jardines* (año 1555) (1).<sup>9</sup>

Un tanto confuso se muestra A. Lesson al ocuparse del descubrimiento del archipiélago, pero à la vuelta de varias suposiciones más ò menos razonadas, acaba por convenir en que "la gloria del descubrimiento cabe de lleno al intrépido Gaetano." Cook estudió sin duda el mapa de Ansaon y su obra *Viaje alrededor del mundo*<sup>10</sup>, y sea con el nombre de *Islas de los Jardines*, como opina Varigny, sea con el de *Mesa*, como cree Lesson, es lo cierto que Cook conocía la existencia del hoy archipiélago de Hawaii. Y por si lo dicho no bastara, véase lo que dice el americano Jarves, historiador de las islas Sandwich.<sup>11</sup>

Debe suponerse que Cook poseía el mapa de Anson, y que, siguiendo el camino emprendido por él, esperaba encontrarlas, pues había preguntado à los indígenas de Tahiti si existían otras islas al N. de la suya. No demostró gran sorpresa al descubrir tierra en aquella dirección: si hubiese pasado algunas millas más hacia el Oeste no las habría visto. Es, pues, de presumir que tan distinguido navegante había examinado todos los

---

<sup>9</sup> Tenemos à la vista la Gazeta de Hawaii "Hawaiian Gazette" de 17 Noviembre 1886, en la cual va inserta una carta del Gobernador General de Filipinas dirigida al Ministro de Estado de aquel Reino. De ella entresacamos ele siguiente párrafo.

"Según todos los documentos que han sido consultados en el archivo de Simancas, está plenamente probado que el descubrimiento de ese archipiélago data del año 1555 ò sean 223 años antes de que el capitán Cook visitara aquellas islas, y que el descubridor fue Juan Gaetano ò Gaytano, que bautizó las principales islas de ese reino. Ciertamente que no se ha encontrado documento en donde el mismo Gaetano asegurara este hecho; pero existen una porción de datos tales, que juntos constituyen pruebas más que suficientes para llevar el convencimiento al `animo más preocupado. El principal dato es un mapa manuscrito, registrado en estos archivos como anónimo, y en el cual las islas *Sandwich* están señaladas con este nombre, pero que à la par ostenta una nota indicando el nombre de quien las descubriera y la fecha del descubrimiento, añadiendo que las llamó "*Las tablas*". Véanse otras islas en la misma latitud, pero 10° más al Este llamadas *La Tabla*, *la Desgraciada*, *Olloa* y los *Monjes*. Este mapa parece ser copia del llamado "Mapa del Galeón español" que existía mucho antes que el capitán Cook, y que ha sido citado por todos los geógrafos nacionales y extranjeros."

<sup>10</sup> Edición de Ámsterdam, 1740-1744.

<sup>11</sup> James Jackson Jarves. *History of the Hawaiian or Sandwich Island*. Boston, 1844.

mapas y había leído todo lo que podía guiarle en el camino que seguía.<sup>12</sup>

A existência das ilhas para os europeus é bastante tardia, já no final da exploração do Pacífico nos finais do século XVIII. As ilhas eram muito

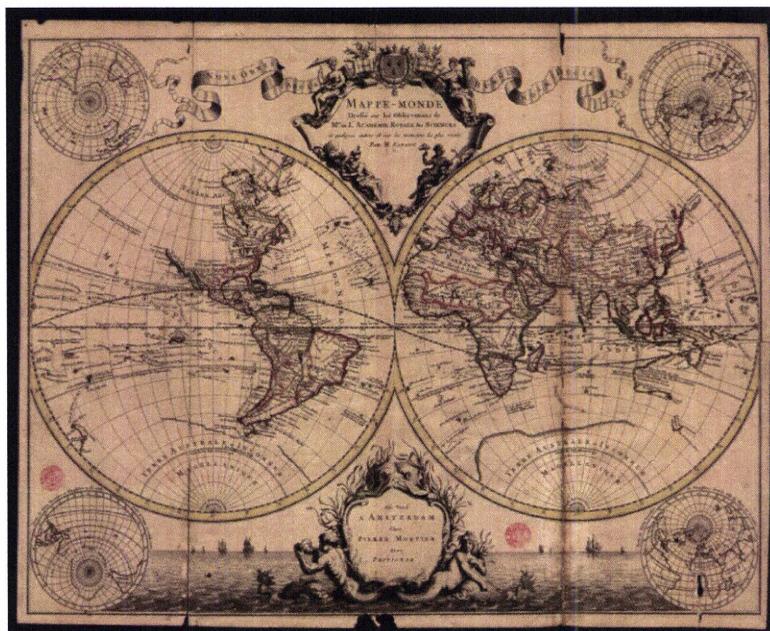


Ilustração 3 – Mapa-mundo do século XVII

pequenas e perdidas na imensidão do oceano.

O primeiro ocidental a navegar pelo Pacífico foi Fernão de Magalhães (c. 1480-1521). Nos princípios do século XVI, Magalhães navegou desde o Cabo Horn até às Filipinas sem

encontrar uma única ilha na sua viagem. Seguiram-se outros que até que começassem a encontrar algo pelo caminho, fizeram as viagens às escuras, ou seja, sem nada encontrarem para se referenciar.

Thomas Cook, aquando da sua viagem para encontrar uma passagem entre o Atlântico e o Pacífico, “redescobriu” as ilhas. Redescobriu porque, como já tinha acontecido em outras ilhas, também estas há muito eram habitadas. Eram já conhecidas algumas ilhas dos milhares que formavam a Micronésia e, curiosamente, os habitantes do arquipélago tinham semelhanças físicas e características linguísticas das outras línguas das ilhas encontradas e visitadas até então.

---

<sup>12</sup> R. Monner Sans. *El Reino de Hawaii, apuntes Geográficos, Históricos y Estadísticos*. Barcelona: Librería de Juan Llorach, 1883, 44-45.

Colocava-se a questão como povos tão primitivos teriam conhecimentos de navegação, dada a fragilidade das suas embarcações, para de facto empreenderem viagens de tão longas distâncias.

Mas há mais de dois séculos que os espanhóis faziam a rota entre a Nova Espanha e as Filipinas. Existem de facto cartas de navegação que mostram essas rotas e, ou por erro, ou de forma propositada, aparecem ilhas assinaladas onde se pressupunha que seriam as ilhas havaianas:

It had been Cook's experience in the Pacific that islands generally came in clusters. So far he had seen five here, all between 21° 30' and 22° 15' North, and 199° 20' and 201° 30' East: Oahu, the first one sighted; Kauai and Niihau, where he had landed; and two small, rocky, uninhabited islets off Niihau called Lehua and Kaula. The natives told him of others to east and west, inhabited and uninhabited. Cook had to leave these for future investigations; in the meantime he named the whole archipelago the Sandwich Islands, after his patron at the Admiralty.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Gavan Daws. *Shoal of Time. A History of the Hawaiian Islands*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1974. 7.

### 2.1.2.1. Cartografia existente anterior a Thomas Cook

Although the Hawaiian Islands were probably visited by Juan Gaetano, a Spanish navigator, in 1555, they remained unknown to the world at large until discovered by Captain Cook, the great English explorer, in 1778.<sup>14</sup>

Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander von Humboldt, também conhecido por Alexander von Humboldt, era um explorador prussiano especializado em diversas áreas das ciências, entre elas a astronomia, oceanografia, geografia e antropologia. Nos finais do século XVII parte para uma viagem pela América Central e do Sul. Obteve autorização para explorar todo o território da Nova Espanha, sendo assim capaz de fazer um levantamento de todo esse território para depois executar o mapa da Nova Espanha, mais tarde publicado no seu *Political Essay on the Kingdom of New Spain* (1811).

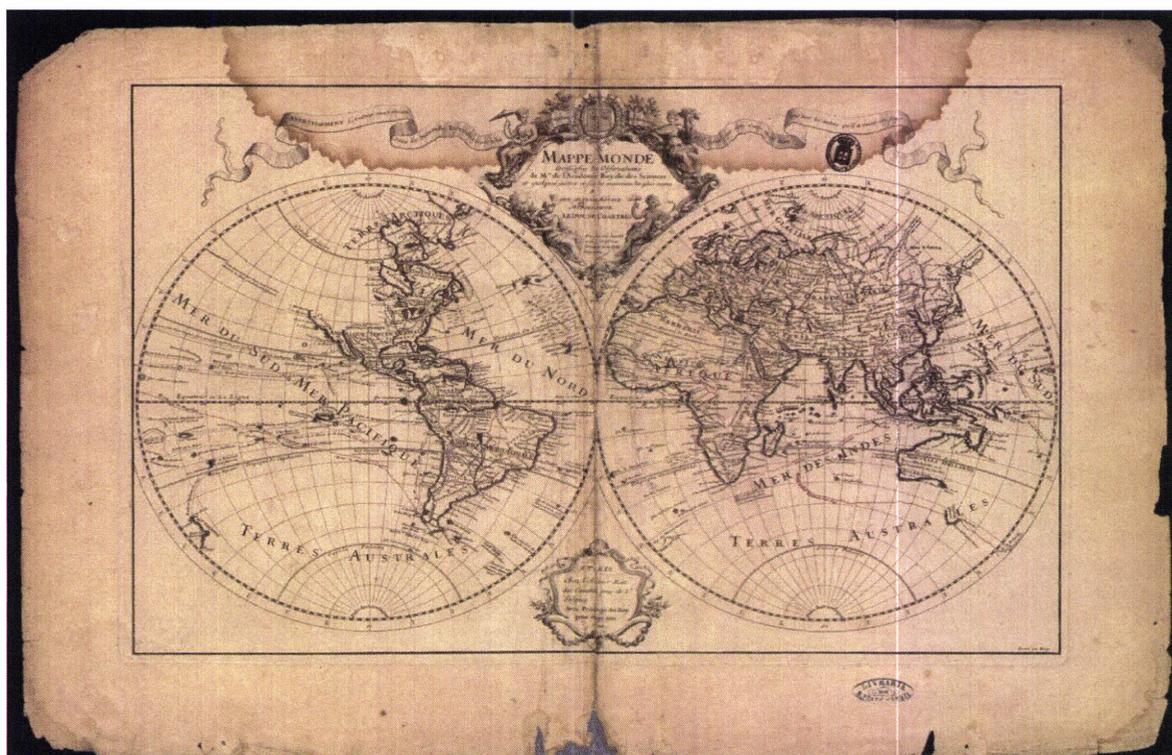


Ilustração 4 - Mapa-mundo do século XVIII

<sup>14</sup> Palmer, Albert W.. *The Human side of Hawaii: Race problems in the Mid-Pacific*, The Pilgrim Press, Boston, Chicago, 1924, p. 5.

Por outro lado, João da Gama, teria navegado por volta de 1589 ou 1590 directamente desde Macau até Acapulco com o respectivo desagrado do Governador das Filipinas. Em meados do século XVII o seu nome aparece referenciado nos mapas originais portugueses que o relacionam com umas terras que ele avistara a noroeste do Japão. Estando as ilhas havaianas na rota dos galeões, e estendendo-se por uma área tão grande, parece lógico, então, que tenham sido avistadas durante os primeiros anos de presença europeia nesta área. La Pérouse, que desenhou os mapas espanhóis, coloca as ilhas de La Mesa, Los Majos e la Disgraciada na latitude correcta mas distanciadas a leste. Obviamente, estas eram as ilhas havaianas. Em um desses mapas figura uma nota que Juan Gaetan descobriu o grupo de ilhas em 1555 às quais chamou ilhas de Mesa. No mapa aqui reproduzido pode-se verificar que se assinala a rota de Gaetan, datada de 1542. É portanto bem possível que na rota assinalada, a mesma passasse pelas ilhas havaianas.



Ilustração 5 - Pormenor do mapa-mundo do século XVIII, estando sinalizada a rota de Gaetan, no lado esquerdo, a norte entre o equador e o trópico de câncer. Biblioteca Nacional de Lisboa.

Mapa-mundo do século XVIII, incluindo a sinalização da rota de Juan Gaetano de 1542, referindo-se à descoberta de algumas ilhas pelos navegadores espanhóis. Alejandro von Humboldt, como também é conhecido no meio hispânico, menciona que Ruy Lopez de Villalobos em 1542 desembarca numa ilha, La Nublada. Humboldt atribui também a Villalobos a descoberta da ilha Roca Partida, mas tem dúvidas se essa ilha e a ilha de Santa Rosa sejam a mesma; Humboldt refere então que Juan Gaetan indica a localização dessa ilha a mais de duzentas léguas a oeste da ilha de Santa Tomas. Juan Gaetan, Juan Gaetano ou até grafado João Caetano, foi o português ao serviço de Castela a quem se atribui a descoberta das ilhas havaianas, sem haver prova concisa em mérito. Deparamos também com outros registos em que, segundo Francisco Gali, navegador espanhol, por volta de 1584, quando assumiu o comando de um galeão de Manila atracado em Macau, teria ouvido contar que os portugueses já teriam conhecimento de umas ilhas no meio do Pacífico. Biblioteca Nacional de Lisboa.

### 2.1.3. O reino do Hawaii: de Kamehameha ao reinado de Kalakaua

In the meantime, however, a different spirit had been at work upon the legend of Cook. A few of the more rigorous American Protestant missionaries who came to the islands in the eighteenth and nineteenth centuries were upset by Cook's "blasphemy" in the allowing himself to be venerated as a god. They found a useful parable in his death: Cook was not a properly devout Christian, but a presumptuous worm who accepted the worship of ignorant savages at the same time as he infected them with venereal disease, and for this the true God struck him down.<sup>15</sup>

As ilhas não eram todas governadas pelos mesmos chefes, não existia uma unidade no arquipélago. Nesse ano de 1779, ocorreram disputas sobre a sucessão de alguns chefes, Kamehameha surgiu como um possível sucessor. Mais tarde, em meados de 1782, após uma batalha em Mokohai, Kamehameha surge como usurpador do poder em pé de igualdade aos oponentes que tinham sobrevivido; seguiram-se anos de incerteza. Mas não foi na ilha de Hawaii que surgiu o *alii* (régulo) mais poderoso, mas sim em Maui. Kahekili era um dos últimos guerreiros da antiga geração de chefes; tinha crescido na tradição dos guerreiros que queimavam os inimigos e usavam os seus crânios como balde de despejos. Kahekili resistiu a várias invasões vindas da ilha de Hawaii; a sua força aumentou aquando da conquista da ilha de Oahu ao seu filho adoptivo, o qual conseguiu vencer, sacrificando-o ao seu deus da guerra. Além disso, Kahekili torturou a maior parte dos chefes de Oahu até à morte, usando os seus esqueletos para construir uma grotesca casa de ossos. Em 1786 Kahekili era um homem todo-poderoso em Oahu, governando também em Maui e nas ilhas subordinadas a esta — as ilhas de Molokai e Lanai — tendo também um acordo com o seu meio-irmão, Kaeokulani, em Kauai. Pensa-se que muito provavelmente Kahekili poderia ter governado sobre todas as ilhas do arquipélago.

---

<sup>15</sup> Gavan Daws. *Shoal of Time. A History of the Hawaiian Islands*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1974. 24-25.

Kahekili e Kamehameha, assim como os outros grandes chefes, seguiam as linhas tradicionais dos primeiros *aliis* de ascensão ao poder, começando por construir e consagrar o grande “templo estatal” que marcava a importância da pessoa que o mandava edificar. Estes grandes chefes tinham como hábito estabelecerem contactos com os seus *kahunas*, ou sacerdotes, que seriam os seus orientadores espirituais, desempenhavam um papel importante na indicação da melhor altura para efectuarem uma guerra ou conquista.

Estas guerras ou ataques, que quase sempre contavam com o factor surpresa, eram precedidas de várias preces e sacrifícios, assim como de alguma festividade. No princípio os chefes comandavam as batalhas, resplandecendo nos seus mantos e toucados de penas, e seguiam rodeados de um grupo de guerreiros que o protegiam armados de grandes lanças.

Eram guerras bastante primitivas ao nível das armas utilizadas: fiskas, lanças e punhais; muitas vezes a luta era apenas corpo a corpo. Apesar disso, os grandes chefes tinham conselheiros peritos na arte de guerrear.

Em meados do século XVIII os grandes chefes promoviam já guerras entre ilhas, mas estas levantavam algum problema logístico em relação ao primitivismo das armas, dificultando assim a concretização das conquistas.

Foi Thomas Cook quem pela primeira vez permitiu aos grandes chefes havaianos terem a visão do que poderia vir a ser uma guerra com um alcance nunca antes conseguido. Estes chefes tiveram prova disso quando, alguns indígenas tentaram roubar armas e outros objectos a bordo dos barcos a cargo de Thomas Cook e foram corridos a ferro e fogo. Estas populações já tinham algum conhecimento em relação à existência do aço e à sua utilização no fabrico de armas. Os contactos amigáveis que os chefes locais estabeleciam com Thomas Cook e os capitães dos navios abriram as portas para algumas trocas entre europeus e autóctones. Obviamente os punhais e adagas foram alvo de algum interesse e cobiça. Numa das incursões das tripulações do Capitão Cook a terra, os marinheiros enfrentaram a animosidade de um Chefe e dos seus homens. Assim surgiu a primeira prova de fogo: alguns homens,

assim como um chefe, foram mortos pelos atiradores de Cook. A informação passou a outros chefes que vieram em defesa do chefe morto pelas armas de fogo dos marinheiros de Thomas Cook.

Como “precaução”, Thomas Cook decide tomar como refém um chefe. Infelizmente já não seria a primeira vez que o fazia. De facto, nas anteriores incursões nas outras ilhas do Pacífico, o capitão inglês e os seus homens confiscaram propriedades e fizeram reféns. Normalmente era o Capitão Cook que liderava as idas a terra para negociar as condições dos possíveis acordos; normalmente seguia com uma guarda de pouco mais de uma dezena de homens armados com armas de fogo e avisava os locais da capacidade punitiva dos seus homens e das suas armas.

Na primeira vez que Thomas Cook chegara à baía de Kealakekua, a pouca recepção que tivera tinha sido amistosa. Os pequenos furtos e conflitos com a tripulação não foram marcantes ao ponto de recorrer às armas de fogo.

Não era também a primeira vez que Thomas Cook estivera em risco de ser emboscado e morto numa destas suas demonstrações de força: a sua vida já estivera em perigo várias vezes. Desta vez o regresso a esta baía era motivado pela quebra de um mastro de um dos seus navios. De novo os contactos se estabeleceram, os pequenos furtos também. Contudo, a situação piorou quando um dos nativos roubou uma das chalupas da armada de Cook.

Nessa manhã de 14 de Fevereiro de 1779 Cook e alguns dos seus homens deixam o seu navio *Resolution* e aproximam-se a terra com três pequenos barcos para tentarem resolver o problema do roubo da chalupa. Os “invasores” dirigem-se à aldeia de Kaawaloa com o tenente Molesworth Philips e mais nove marinheiros armados à casa do chefe Kalaniopuu através de uma multidão de nativos que se reuniu com o aproximar dos barcos apesar da hora matutina. Kalaniopuu que mal tinha acordado deixou claro que não tinha nada a ver com o roubo da chalupa. Apesar da discussão Cook tinha convencido o chefe de ir a bordo do *Resolution*. Quando este se dirigia para a praia, os seus filhos correram para a frente dele, por sua vez Kanekapolei, mãe destes, e uma das esposas favoritas de Kalaniopuu, imploraram para que este não fosse com

o Capitão Cook. Era já de alguns milhares a multidão que se juntava para impedir a tomada de refém do seu chefe: a pressão era enorme, e surgiram os primeiros tiros. Apesar do medo, dos feridos e dos mortos a multidão acabou por matar Thomas Cook e o tenente Philips, o qual, ainda que ferido, conseguiu alcançar um dos pequenos barcos que estavam amarrados na margem, conseguindo assim regressar com alguns homens que tentavam não morrer afogados ou serem mortos pelos nativos, a bordo do *Resolution*.

Agora era necessário acalmar as mentes dos marinheiros furiosos, os quais viam os barcos carregados de nativos fazendo ameaças e gestos intimidativos à distância de um tiro de mosquete. Era premente arranjar um negociador para ir falar com um dos sacerdotes mais moderados e tentar convencê-lo da importância de reaver o corpo do seu capitão assim como os seus pertences. Caso o corpo não aparecesse até ao dia seguinte ameaçavam destruir toda a aldeia: foi esta a ameaça deixada pelo negociador que se dirigira com um pano branco a terra e falara com Koa, o sacerdote da aldeia:

Na opinião de alguns escriptores, as ilhas Sandwich foram descobertas por hespanhoes que deram a Hawaii o nome de Mesa. Como quer que fosse, o que é positivo é que, em 1778, Cook aprobeu a esta ilha, reconheceu o achipelago e deu-lhe o nome de Sandwich, em honra do ministro inglez assim chamado. Apesar de ter passado pelo Deus Lono, foi assassinado por elles, em consequência de ter ordenado uma descarga de mosquetes sobre os Kanakas (1779).<sup>16</sup>

Durante a noite uma pequena canoa aproximou-se dos navios da armada de Cook e deixou um vulto que continha os restos do Capitão. Era tudo o que tinham conseguido: a cabeça e as partes em falta teriam sido levadas por algum sacerdote para um ritual. A canoa afastou-se ainda antes de amanhecer, mas outras canoas com nativos continuaram a passar junto aos barcos com atitudes e gestos agressivos. Outros, ao invés, usaram a oportunidade para gracejar os europeus, servindo-se para isso do chapéu do Capitão Cook. Era demasiado, mais uma vez um grupo maior de homens foi a terra e, sobre enormes ameaças, queimaram toda a aldeia, matando e ferindo pessoas incluindo o sobrinho de Kalaniopuu, Kamehameha. Os sacerdotes

---

<sup>16</sup> *Diario Illustrado* de 22 de Agosto de 1881. 2, Biblioteca Nacional de Lisboa.

pediam que parassem a carnificina, mas os marinheiros seguiam continuando a reclamar a devolução dos restos do Capitão assim como da chalupa. Kalaniopuu que se encontrava escondido e protegido ordenou que entregassem os restos mortais e os pertences que eram solicitados. Foi feita uma procissão com oferendas para que a carnificina fosse interrompida e solenemente se entregasse o que lhes estava a ser reclamado. Finalmente os marinheiros receberam de novo um embrulho com os restos do Capitão, inclusive o seu mosquete. Contudo, a chalupa tinha sido queimada, tendo assim aproveitado o metal que havia na mesma para fazerem armas. Aquilo que tinha motivado toda aquela guerra e mortos, afinal não tinha aparecido. Os pertences do Capitão Cook já tinham sido vendidos entre os marinheiros: segundo as tradições era usual quando alguém morria a bordo fazê-lo, não tanto para os capitães. A viagem tinha sido longa e os marinheiros estavam longe de casa há muito tempo: desta vez os pertences e a roupa do capitão não ficaram de fora e faziam falta aos demais.

O mastro do *Resolution* estava reparado e colocado, e no final da tarde de 22 de Fevereiro de 1779 levantou âncora junto com o *Discovery*, o outro navio da armada, com menos uma chalupa e sem o Capitão da expedição.

Era esta visão dos trágicos incidentes com a armada de Thomas Cook que os grandes chefes tinham em mente quando pensavam em alargar o seu poderio e chegar ao ponto de levar o seu mais importante *alii* a tornar-se no rei de todo aquele território insular.

Nos contactos posteriores que se estabeleciam entre os nativos, os seus chefes e os homens brancos, havia sempre uma mistura de culpa e respeito pelo episódio com o Capitão Cook, e os nativos recordavam a capacidade mortífera das armas de fogo, e o que isso significaria em poder para os grandes chefes que as pudessem possuir.

In exchange for native handicrafts, the British sailors happily traded iron nails, knives and scissors, the latter item coveted by Hawaiian women for cutting their hair. However Captain Cook's

visit to the islands, when one sixpenny nail was worth several small pigs, the Hawaiians now wanted firearms.<sup>17</sup>

Vários episódios de troca e roubo de armas nos barcos que se aproximavam das ilhas iam acontecendo. Num desses contactos os nativos atacaram um navio dominando e matando alguns marinheiros, foi o caso com o navio *Fair American* e Kamehameha ficou na sua posse e de todo o seu armamento.

Seguiram-se várias guerras entre os grandes chefes e os conflitos estenderam-se às várias ilhas do arquipélago das Sandwich. Kahekili e Kamehameha envolveram-se em escaramuças fazendo uso de alguns meios bélicos e armas de fogo de óbvia origem europeia. Quando o Capitão George Vancouver regressou às ilhas Sandwich, no princípio da década de noventa do século XVIII, desta vez ao comando do *Discovery*, tentou que os acima referidos beligerantes estabelecessem uma paz duradoura entres eles, todavia, sem resultados. Contudo, conseguiu convencer Kamehameha a fazer de maneira que os seus domínios, especialmente a ilha de Hawaii, ficassem sob a alçada da coroa britânica. Interessavam pouco ao cedente, que nada sabia de direito internacional, as implicações da sua decisão, apenas estava interessado numa aliança que lhe permitiria derrotar os seus inimigos. Kamehameha insistiu bastante que queria ter algum poderio em armas, especialmente um barco de guerra.

Captain Vancouver refused to enter the arms trade, explained to the Hawaiian chiefs that his cannons and firearms belonged to England's King George.<sup>18</sup>

Quando menos esperava, o rei de Inglaterra enviou-lhe um barco carregado de mercadorias. Vancouver apenas lhe tinha oferecido algum gado e ovelhas para serem criados na sua ilha de Hawaii. Houve paz durante mais de

---

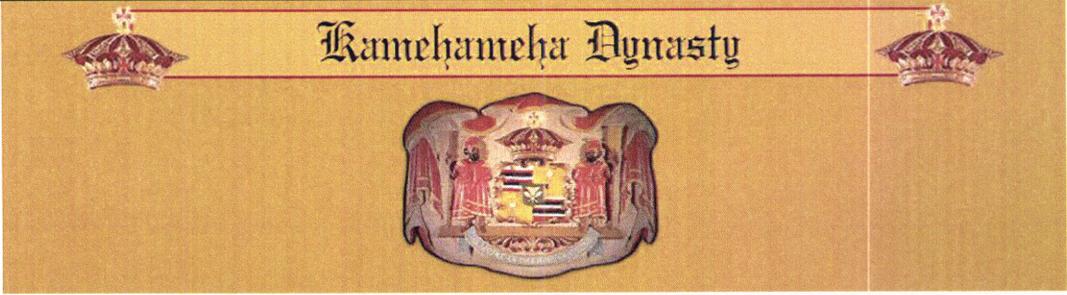
<sup>17</sup> Anne Vipond, *Hawai'i by cruise ship*, Pt. Roberts, WA: Ocean Cruise Guides. 2006. 72.

<sup>18</sup> Anne Vipond, *Hawai'i by cruise ship*, Pt. Roberts, WA: Ocean Cruise Guides. 2006. 72.

três anos. Kamehameha nunca mais encontrou o seu rival Kahekili, este último acabaria por morrer em meados de 1794.

O controlo da ilha de Oahu, assim como Kauai, Maui, Lania e Molokai, estava assegurado por um filho e um meio-irmão de Kahekili. Seguiram-se conflitos armados; estes novos chefes tinham já negociantes brancos, assim como capitães de navios mercantes do seu lado, que de forma interessada os ajudavam nesses conflitos. Mas as novas armas e estratégias — havia já alguns navios armados com canhões que se refugiavam na margem oriental do Puuloa (Pearl Harbor) — só trouxeram devastação, enfraquecendo assim as defesas dos domínios.

Kamehameha viu nessa fraqueza uma oportunidade de ataque: nos primeiros meses do ano de 1795 invadiu e tomou as ilhas de Maui e Molokai, preparando-se para atravessar até Oahu. Esta foi uma grande vitória para Kamehameha.

	
<u>Kamehameha I</u> ,	(1795 – 1819)
<u>Kamehameha II</u> , Liholiho,	(1819 – 1824)
<u>Kamehameha III</u> , Kauikeaouli,	(1825 – 1854)
<u>Kamehameha IV</u> , Alexander Liholiho,	(1854 – 1863)
<u>Kamehameha V</u> , Lot Kapu'iwa,	(1863 – 1872)

Nos princípios do século XIX o rei Kamehameha tinha a sua armada pronta para tomar a ilha de Kauai. Ele tinha feito tentativas pacíficas, incluindo oferendas como contrapartida, para que os chefes locais aceitassem o seu poder sobre as ilhas onde estes se encontravam, mas estes recusavam. O que levou o rei a pensar tomar o poder nessas ilhas pela força. Ao comando da sua armada Kamehameha saiu de Hawaii para Oahu, sem dar ouvidos aos avisos de um profeta o qual vaticinou que nas suas deslocações haveria muitas doenças.

Em meados de 1804 uma epidemia de facto atingiu Oahu. O rei sobreviveu, porém houve muitas mortes entre os seus chefes e soldados. Era provavelmente uma epidemia de cólera ou febre tifóide trazida por um barco norte-americano. O rei ficara alguns anos em Oahu, desistindo dos seus planos de invadir Kauai. Todavia, após várias negociações os *alii*s de Kauai vieram até Honolulu, sendo recebidos na corte de Kamehameha. Vários dias se seguiram, de celebrações e diplomacia, que levaram a que Kaumualii continuasse a governar Kauai como um rei tributário sob o poder de Kamehameha.

Este acto marcou o fim da guerra e dos desejos de guerra. Kamehameha tinha consciência do valor dos bens produzidos nas ilhas do seu reino: frutas, vegetais, madeira, lenha, sal e água. Kamehameha controlava pessoalmente todo o comércio com os navios estrangeiros; discutia os preços; guardava muita da mercadoria estrangeira nos seus armazéns; era um grande consumidor de produtos estrangeiros, sendo o seu ponto fraco a apetência por navios — o plano que tinha para invadir Kauai levou a que construísse navios para além das suas necessidades —; era um acumulador nato; tinha enormes reservas de mercadorias, barcos e dinheiro em moeda estrangeira. Os visitantes ocidentais ficavam impressionados com a forma como os seus armazéns estavam cuidadosamente guardados. Kamehameha tinha armazéns em vários locais, Honolulu em Oahu, Lahaina em Maui, e Kailua em Hawaii. Outro comércio que se fazia nas ilhas era a oferta de mulheres para os marinheiros que aí aportavam. Era algo visto com bons olhos: eram os pais e maridos que traziam nas suas canoas as mulheres até aos navios estrangeiros, inconscientes dos problemas que iriam surgir destes contactos. Apesar de estes contactos já acontecerem desde o dia em que Thomas Cook aportou a estas paragens, isto não aconteceu com os marinheiros de Cook mas antes tinha ocorrido com os tripulantes dos navios mercantes. Muitos eram foragidos da prisão da colónia britânica de Botany Bay na costa oriental australiana que acabavam por ficar nas ilhas depois de largos meses sem contactos com mulheres: ficar nestas paragens era sempre melhor do que os locais de onde vinham.

Kamehameha sentiu a necessidade de se ver livre deste tipo de gente, tentando assim persuadir os capitães de alguns navios a contratar estas gentes. Por outro lado, os chefes locais e os comerciantes faziam-lhes ofertas de trabalho, pois alguns eram marinheiros experientes, e outros tinham profissões emergentes como serralheiros, carpinteiros e construtores de navios. Um pedaço de terra e uma mulher ou duas eram ofertas suficientes para que estes homens ficassem:

Individual Portuguese nationals were living in the island kingdom of Hawaii as early as the year 1794. But the earliest Portuguese visitor there of whom details are known was the adventurer John Elliot de Castro, who first came to those islands in 1814. Driven by a desire for quick wealth, de Castro had joined in speculative enterprises in various parts of the world, and in the year 1814 stopped off on Hawaii, where he so impressed King Kamehameha I that the latter retained him as his personal physician and favorite, presenting him with large tracts of land.<sup>19</sup>

Kamehameha rodeou-se de vários conselheiros ocidentais, entre eles John Elliot de Castro, o qual, durante dois anos pelo menos, ficou com o cargo de secretário (*foreign minister*) do Rei Kamehameha<sup>20</sup>. Existiam já comerciantes a enriquecerem-se com os negócios locais: barcos de várias nacionalidades aportavam às ilhas e a guerra entre os Estados Unidos e o Reino Unido em 1812 trouxe barcos dos vencidos e vencedores às ilhas, trazendo a questão de lealdade com o Reino Unido e o florescente comércio com os Estados Unidos. Isto motivou que a escolha da bandeira do Reino das Ilhas Sandwich, para além de representar o reinado de Kamehameha, devia harmonizar todo o conjunto das suas relações importantes. Seria uma bandeira branca com listas vermelhas e azuis, com a Union Jack num canto, demonstrando assim o estandarte de Kamehameha a irmandade com o Reino Unido e o comércio com os Estados Unidos.

Apesar de velho e de pensar que os seus chefes conspirassem contra si, na verdade as suas ordens reais continuavam a ser cumpridas, e os grandes chefes e sacerdotes serviam todos os seus propósitos na corte. O seu filho Liholiho fora nomeado herdeiro do trono já em criança, educado nos deveres reais e, como aprendiz de rei, tinha já um bom provimento de armas.

---

<sup>19</sup> Leo Pap. *The Portuguese-Americans*. Boston: Twayne, 1981. 31.

<sup>20</sup> Leo Pap. *The Portuguese-Americans*. Boston: Twayne, 1981.

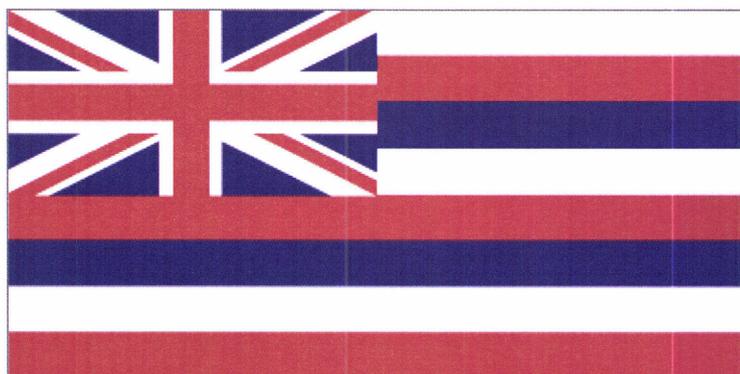


Ilustração 6 – Bandeira do Hawaii

A religião local com os seus sacerdotes e rituais, com todos os elementos superiores e inferiores da vida, mantinha as distâncias e reforçava o poder. O sistema religioso — o *kapu*, com os seus deuses, leis e proibições —, o sexo e o álcool que os ocidentais bebiam, entravam nessas proibições. O rei podia, ao abrigo do *kapu*, decretar um dia em que o contacto com os barcos estrangeiros estivesse totalmente proibido. Às vezes isso era quebrado, e os infractores colocavam a sua vida em risco. Apesar de todos os benefícios que os contactos com os ocidentais lhe trouxeram, e a demonstração que muitos faziam dos méritos superiores do Cristianismo e do seu deus, Kamehameha não estava preparado para deixar os seus deuses sem provas de que o deus dos *haoles* era de facto superior.

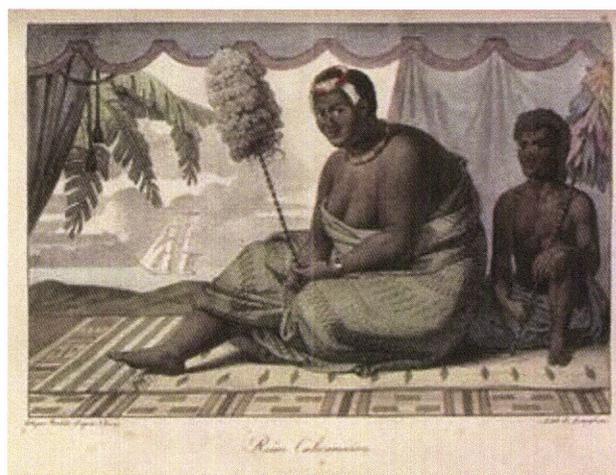


Ilustração 7 – Rainha Kaahumanu

Em Kailua, em Hawaii, o rei sente-se doente, os grandes chefes vêm de todas as partes para o ver, os médicos *kahunas* tentam o seu melhor, mas nada o pode salvar e morre a 8 de Maio de 1819 com cerca de setenta anos. O seu filho Liholiho de 22 anos, filho do maior havaiano de sempre, torna-se rei com o título de Kamehameha II:

The high chiefess Kaahumanu, Kamehameha's favorite among His twenty-one wives, spoke to Liholiho, announcing the will of the dead king: "O heavenly one! [...] Here are the chiefs, here are the people of your ancestors, here are your guns; here are your lands. But we two shall share the rule over the land."<sup>21</sup>

Ainda em 1819 Kaahumanu e a mãe de Liholiho convencem o rei a desistir do *kapu* e a destruírem as imagens dos seus deuses. Apesar de não ter cumprido fielmente as ordens, o novo rei acaba por aceder, dessa forma abrindo as portas aos missionários ocidentais.

Em 1872 com a morte do rei Lot a 11 de Dezembro, o último dos Kamehamehas, em virtude de ser solteiro, deveria ter nomeado um sucessor e, de acordo com a constituição, seria a legislatura a escolher o novo rei. Existiam dois candidatos em campanha: William Lunalilo e David Kalakaua, este último fazendo fortes críticas à influência americana por detrás da campanha de Lunalilo.

Em 1872, morrendo Kamehameha V, sem deixar herdeiro ao trôno, a Legislatura imediatamente elegeu Rei de Hawaii a Lunalilo, parente dos Kamehamehas, e havaiano muito prestigiôso e sabedôr. E, para que não se repetissem no futuro idênticas dificuldades, impoz-se ao nôvo monarca o dever de indigitar quem lhe havia de suceder, caso não houvesse filhos. Perante a Legislatura, solenemente, Lunalilo, indigitou o seu primo Kalakaua, proclamando-o Príncipe herdeiro do Reino do Hawaii. A morte arrebatou Lunalilo ao termode um ano do seu reinado, sendo kalakaua proclamado Rei em 12 de Fevereiro de 1874.<sup>22</sup>

Contudo, apesar de Lunalili não aceitar a cedência de Pearl Harbor nas eleições de 1 de Janeiro de 1873, obteve uma vitória assinalável:

---

<sup>21</sup> Gavan Daws. *Shoal of Time. A History of the Hawaiian Islands*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1974.55.

<sup>22</sup> Euclides Goulart da Costa. *Notas de Hawai*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921. 18.

A way out of the difficulty was suggested by Henry Whitney. He had infuriated the planters a few years earlier with his criticism of labor contracts, but he was strongly in favor of reciprocity, and now he proposed something new: the government should lease Pearl Harbor to the United States for fifty years in return for duty free access to the American sugar market.<sup>23</sup>

O rei Lunalilo estava doente e, tal como o rei Lot, este também se recusava a nomear um sucessor. Todavia logo apareceram dois pretendentes: a rainha viúva e David Kalakaua começaram a campanha para o trono. A questão não era fácil nem parecia pacífica: alguns diplomatas em Honolulu pediram barcos de guerra para proteger pessoas e bens.

Isabella Lucy Bird, uma viajante e historiadora inglesa, ganhou fama no seu tempo como sendo a mais notável mulher viajante do século XIX: viajou pela América, Austrália, Nova Zelândia, Índia, China, Japão e vários países asiáticos, assim como passou seis meses no Hawaii. Os seus trabalhos literários são compilações das cartas que escrevia para casa, na Escócia, mais propriamente, à sua irmã Henrietta. Encontrava-se no Hawaii na altura da subida ao trono de Kalakaua.

King Kalakaua, who began his reign under such unfortunate auspices, little at present can be said. Island affairs have not settled down into their old quietude, and party spirit, arising out the election, has not died out among the natives.<sup>24</sup>

Para Bird os nativos não eram selvagens — visto que já tinham abandonado voluntariamente em 1819 os seus ídolos de adoração —, as pessoas estavam todas vestidas, e o rei, um autêntico cavalheiro, vestia-se de forma ocidentalizada: era o rei de todo o grupo de ilhas que formavam um reino independente. Existia uma demonstração de organização política, o arquipélago constituía uma monarquia limitada, e tinha um rei nomeado de forma hereditária e constitucional. Existia um parlamento com uma câmara alta e câmara baixa, um gabinete, um exército, uma força de polícia, um tribunal supremo, um eficiente sistema de serviço postal e um governador por cada

---

<sup>23</sup> Gavan Daws. *Shoal of Time. A History of the Hawaiian Islands*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1974. 191.

<sup>24</sup> Isabella L. Bird. *The Hawaiian Archipelago. Six Months in the Sandwich Islands: Among Hawaii's Palm Groves, Coral Reefs, and Volcanoes*. Honolulu: Mutual, 1881. 365.

uma das maiores ilhas, assim como um sistema escolar, alfândegas e outras entidades e serviços do mundo civilizado. Contudo, não havia igreja estatal.

Os representantes eleitos da assembleia legislativa escolheram David Kalakaua como novo monarca das Ilhas Sandwich a 12 de Fevereiro de 1874. A escolha não trouxe paz, e o novo rei, assim como outros membros do governo, tiveram que solicitar às autoridades dos navios de guerra americanos e a um navio de guerra inglês que se encontravam em Honolulu que mandassem tropas armadas para terra para pacificar os ânimos.

A calma voltou e a 13 de Fevereiro de 1874 Kalakaua fez o juramento de posse, o corpo diplomático reconhecendo-o assim como rei:

Kalakaua was the first reigning Hawaiian monarch to leave the islands since Liholiho went to London fifty years before, and the first monarch of any country to visit the United States. At the waterfront natives by the hundred crowded around him, some crying, some chanting *meles* or songs, some wanting just to shake his hand or kiss him. His trip across the American continent and his stay on the east coast aroused great interest. The royal party spent eleven days at Washington. On December 15 Kalakaua was introduced to President Ulysses S. Grant, and three days later he was received by the houses of Congress in joint session.<sup>25</sup>

A visita do rei, em Dezembro de 1874, despertou a atenção dos membros do congresso. Os membros do governo que acompanhavam o rei conseguiram redigir um tratado que foi sendo discutido e finalmente aceite, o qual, entre os outros produtos, tinha como principal objectivo conseguir a entrada nos portos americanos, livre de taxas aduaneiras, do açúcar das Ilhas Sandwich. Kalakaua foi o segundo monarca reinante do Hawaii a sair do país e o primeiro monarca do mundo a visitar os Estados Unidos:

A long list of articles to be exempted from duty was agreed upon readily (including Hawaiian rice but not wool). The most difficult question, and the one on which the value of the treaty depended,

---

<sup>25</sup> Gavan Daws. *Shoal of Time. A History of the Hawaiian Islands*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1974. 202.



was that of sugar. On January 30 it was agreed to admit to the United States free of duty all grades of "muscovado, brown, and all other unrefined" Hawaiian sugar commonly referred to in the markets of San Francisco and Portland as "Sandwich Island sugar".<sup>26</sup>

O documento iria ainda passar por várias fases de apreciação nos Estados Unidos e vários meses de incerteza esperavam as autoridades havaianas até à ratificação pelo presidente norte-americano Ulysses S. Grant (1869-1877) do Tratado de Reciprocidade. Apesar de já assinado o tratado, o mesmo só começaria a ter efeito a 9 de Setembro desse ano de 1876, ano do centenário da independência dos Estados Unidos. A moeda de troca seria o uso exclusivo de Pearl Harbor como uma estação de reabastecimento e reparação, para os barcos norte-americanos. Já tinha havido negociações anteriores para o uso deste porto para fins comerciais, e também de estacionamento de barcos da armada norte-americana, para que estes rapidamente pudessem zelar pelos interesses norte-americanos no Hawaii, mas não foram bem sucedidas. Esta cedência de Kalakaua não foi consensual, e os Estados Unidos equacionavam a utilidade de um porto no Hawaii, a troca da isenção de impostos sobre o açúcar havaiano, o rei tinha pela frente um período de indecisão. A ligação ao Reino Unido estava excluída ao abrigo deste tratado:

During that last twelve months, however, the business community had known the worst kind of uncertainty, and possible losses as well as benefits began to be discussed, especially by Englishmen whose British connections were excluded from the treaty's provisions by Article IV and who were afraid that tariff revisions might drive them from the Hawaiian market altogether. Ever since the election of 1874 the Emmaites and their British friends at Honolulu had been developing a propaganda against reciprocity. This became the focus of an embryonic political party which did well in the 1876 elections, returning two out of four candidates in Honolulu and several elsewhere. Just before the treaty went into effect a small group of dissidents in the legislature, led by the anti-American Englishman Godfrey Rhodes, mounted an inconclusive general attack on the whole idea of reciprocity.<sup>27</sup>

---

<sup>26</sup> Gavan Daws. *Shoal of Time. A History of the Hawaiian Islands*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1974. 202.

<sup>27</sup> Gavan Daws. *Shoal of Time. A History of the Hawaiian Islands*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1974. 205.

Mas a introdução do açúcar havaiano no mercado americano, especialmente em San Francisco, não foi assim tão pacífica: estava a competir com as refinarias locais e, a princípio, o açúcar não era de tão boa qualidade, precisava de ser refinado, ou seja, vinha como matéria-prima e não produto final. Contudo, com a introdução de melhor maquinaria nas ilhas, o mesmo já chegava em perfeitas condições de ser colocado directamente no mercado. Foram feitos contratos que de uma certa forma impunham quotas; porém nem todos os produtores havaianos assinaram tal acordo. A procura era muita e os preços continuavam a subir. Era uma óptima oportunidade para continuar a melhorar o negócio. O sucesso do açúcar e de alguma agricultura era notório e por volta de 1869 as exportações excediam em valor as importações.



Ilustração 8 – Trabalhadores numa plantação de cana-de-açúcar

Rapidamente se chegou à conclusão de que com a corrida ao ouro, nesta altura não só na costa oeste americana, mas também na Austrália, a indústria açucareira tinha um sério problema laboral. Até os missionários que tinham já importantes interesses na agricultura do reino chegaram à conclusão de que a colheita estava pronta mas que os trabalhadores eram poucos e que a solução para o problema era muito difícil. Os nativos não eram vistos como

grandes trabalhadores, um homem branco valia mais de que 3 ou 4 nativos no que diz respeito à capacidade laboral. Era necessária organização e disciplina, e isso era visto como uma forma de escravatura por alguns. O problema da falta de mão-de-obra já tinha sido colocado pela *Royal Hawaiian Agricultural Society* em 1850, que promoveu a vinda de um barco com trabalhadores chineses, os “coolies”, que chegaram a Honolulu em Janeiro de 1852, sendo assim distribuídos pelas diversas plantações.

Nesta altura os elos com os Estados Unidos eram fortes: (i.) a ligação entre o Hawaii e a vertente atlântica dos Estados Unidos, sobretudo a Nova Inglaterra, em pleno apogeu da era baleeira; (ii.) a ligação à costa oeste dos Estados Unidos com a indústria açucareira. Em conjunto com estas fortes uniões aos Estados Unidos juntavam-se os avisos de anexação. O rei estava contra a anexação; contudo, estava favorável a tratados, que inclusive incluíssem a isenção de impostos na exportação do açúcar.



Ilustração 9 – Rei Kalakaua I

O declínio da raça nativa era um problema de relevante importância, com o qual o rei Kalakaua se confrontou, quando ascendeu ao trono, assim como os seus predecessores já se tinham deparado com o mesmo. Mais do

que a necessidade de novos trabalhadores, havia sem dúvida, a preocupação de aumentar a população residente. Por outro lado o declínio da população não trazia só o problema da falta de mão-de-obra, mas era também um perigo para a independência do país:

In his speech at the opening of the Legislative Assembly on April 30, 1874, the recently elected King Kalakaua mentioned both subjects; he said: "The subject, however, that awakens my greatest solicitude is to increase my people, and to this point I desire to direct your earnest attention. ... The immigration of free labor will undoubtedly enrich and strengthen our country, and to this end I propose that a liberal appropriation be made."<sup>28</sup>

O problema, população/trabalho/imigração, era um assunto de grande relevância que se discutia bastante durante a Primavera e Verão de 1876, tanto na assembleia legislativa, como nos jornais, acabando por ser um tema já conhecido pelo público em geral. Uma das nações que mais depressa respondeu ao chamamento da necessidade de trabalhadores no Hawaii foi a China; todavia, poucas eram as mulheres chinesas atraídas por esse chamamento. Os homens tinham em mente trabalhar nas plantações, de forma temporária, mas sempre com um forte objectivo de abandonar os campos e juntarem-se nas cidades. Era portanto necessário ter mulheres e famílias para estabilizar a população, e para isso era preciso procurar outras fontes, em qualquer lado, sendo referida a Índia, inglesa na altura, as ilhas portuguesas e as ilhas do Pacífico.

---

<sup>28</sup> Ralph S. Kuykendall. *The Hawaiian Kingdom 1874-1893 – The Kalakaua Dynasty*. Honolulu, 1967. 116-117.

Com o já referido tratado de reciprocidade, entrava-se num período que se poderia chamar de “período da reciprocidade”, entre 1876 e 1900. Durante o mesmo assiste-se a uma considerável alteração na população das ilhas havaianas, quer ao nível do número quer à sua caracterização. No começo deste período a população estava no seu ponto mais baixo, totalizando cerca de 55.500 pessoas, por volta de 1900 ascendia já a 154.000. Talvez o seguinte quadro expresse melhor a acima referida percentagem:

	1876	1900
Havaianos e parcialmente havaianos	89.2%	26.0%
Caucasianos	6.3	17.5
Orientais	4.5	56.5

É ainda mais curioso verificar a distribuição destes números. Dos 55.000 habitantes de 1876, 46.500 eram havaianos, 3.000 parcialmente havaianos, 3.500 caucasianos e 2.500 chineses; no grupo dos caucasianos cerca de 450 eram portugueses. Em 1900 a população era composta por aproximadamente 30.000 havaianos, 10.000 parcialmente havaianos, 27.000 caucasianos, 87.000 orientais; no grupo dos caucasianos 18.000 eram portugueses; no grupo dos orientais 26.000 eram chineses e 61.000 japoneses.

Alguns agricultores, ou seja, os que estavam ligados à indústria açucareira, expressavam insatisfação com o trabalho dos *coolies*, e a necessidade de encontrar novas fontes de mão-de-obra, levou a que o governo criasse o Gabinete de Imigração, em 1864. O Dr. William Hillebrand foi encarregado por este departamento a deslocar-se à China para responder de

uma forma rápida às necessidades imediatas, e investigar se outros países, como a Índia e a Malásia, pudessem suprir as necessidades laborais. O Dr. Hillbrand concluiu que, apesar de tudo, a China era no momento a melhor e mais rápida opção.

Alguns anos mais tarde Hillbrand regressa à Europa: as suas investigações no campo da botânica de facto levaram-no até à Madeira. Aqui Hillbrand depara-se com um povo o qual, segundo a sua opinião, se adaptaria muito bem às ilhas havaianas, apesar dos custos elevados da viagem. Hillbrand acabaria por sugerir a emigração de portugueses e, em particular, madeirenses, para as ilhas havaianas, ao governo havaiano.

Ainda em 1876 o governo havaiano aprovou o recrutamento de 200 pessoas nas ilhas portuguesas: aparecem por vezes referências às ilhas dos Açores e da Madeira, mas também chegaram às ilhas havaianas vários cabo-verdianos, o transporte destes imigrantes era feito pelos barcos de transporte e da indústria baleeira da Nova Inglaterra (*New England*):

The *Hawaiian Gazette* remarked: "There are now about 400 Portuguese here, and they are among the most industrious of our people, being generally small farmers or dairymen, or serving on plantations and ranches." This scheme, though it was not carried out, was the first definite movement to promote the immigration of Portuguese into the Hawaiian islands. The actual inauguration of such immigration was largely the work of Dr. William Hillebrand.

Dr. Hillebrand, who had returned to Germany from Hawaii in 1871, was residing temporarily in the Madeira Islands. Writing from there in December, 1876, he spoke of the similarity in climate and productions of Madeira and Hawaii, mentioned conditions favorable to an emigration from the former to the latter, and intimated that he would be willing to assist in such an enterprise if requested to do so by the Hawaiian government.<sup>29</sup>

Em Novembro de 1877 redigiu-se um contrato que estabelecia as condições de trabalho para os imigrantes portugueses. Estipulava-se um período de trabalho de 36 meses, de 26 dias de trabalho cada, e de 10 horas diárias. O salário de cada homem era de 10 dólares americanos; para além disso, tinham direito a alimentação diária, alojamento conveniente em casas

---

<sup>29</sup> Ralph S. Kuykendall. *The Hawaiian Kingdom 1874-1893 – The Kalakaua Dynasty*. Honolulu, 1967. 122-123.

com algum jardim ou terreno, assim como assistência médica gratuita. Às mulheres, aos rapazes e às raparigas eram pagos pequenos salários e regalias semelhantes. A Comissão de Imigração responsabilizava-se pelos custos de transporte entre a Madeira e o Hawaii, custo esse que não era imputado ao imigrante, a menos que não respeitasse o contrato:

After all difficulties were smoothed out, a company of immigrants boarded the German bark *Priscilla* at Funchal and arrived at Honolulu on September 29, 1878. The group numbered 120 persons. (60 men, 22 women, and 38 children). The *Priscilla* and her passengers marked the beginning of an immigration movement that continued with minor interruptions for a period of ten years (1878-88), during which seventeen ships transported 11,057 Portuguese immigrants from Madeira and the Azores to the Hawaiian islands."<sup>30</sup>

Também a empresa de navegação Hoffnung se encarregou do transporte dos portugueses: o navio *Ravenscrag* chegou a Honolulu a 25 de Agosto de 1879, com 419 imigrantes portugueses, 133 homens, 110 mulheres e 176 crianças; meses mais tarde era a vez do navio *Highflyer* transportar mais 332 passageiros, 104 homens, 81 mulheres e 147 crianças. Mas houve alguns incumprimentos por parte do transportador, o que trouxe problemas e complicações acrescidas às autoridades em Honolulu.

---

<sup>30</sup> Ralph S. Kuykendall. *The Hawaiian Kingdom 1874-1893 – The Kalakaua Dynasty*. Honolulu, 1967. 124.

## 2.2. RELAÇÕES QUE SE ESTABELECEM ENTRE O REINO DE PORTUGAL E O REINO DO HAWAII

### 2.2.1. A viagem do rei Kalakaua à volta do mundo e a passagem por Lisboa

Duas palavras ainda com respeito ao Govêrno do paiz, suas leis e instituições. A fórmula de govêrno é o monarchico-constitucional, com um Rei, um Ministerio responsavel e um Parlamento, composto de 48 membros, – 20 dos quaes são de nomeação régia, vitalicia, – e 28, eleitos pelo povo, de dous em dous annos. O actual Rei é S. M. Kalakana, – que, por morte do seu antecessor, fallecido sem descendencia, em 1874, foi eleito pelo parlamento, por ser a esse tempo o *Alli*, ou o primeiro fidalgo do paiz.<sup>31</sup>

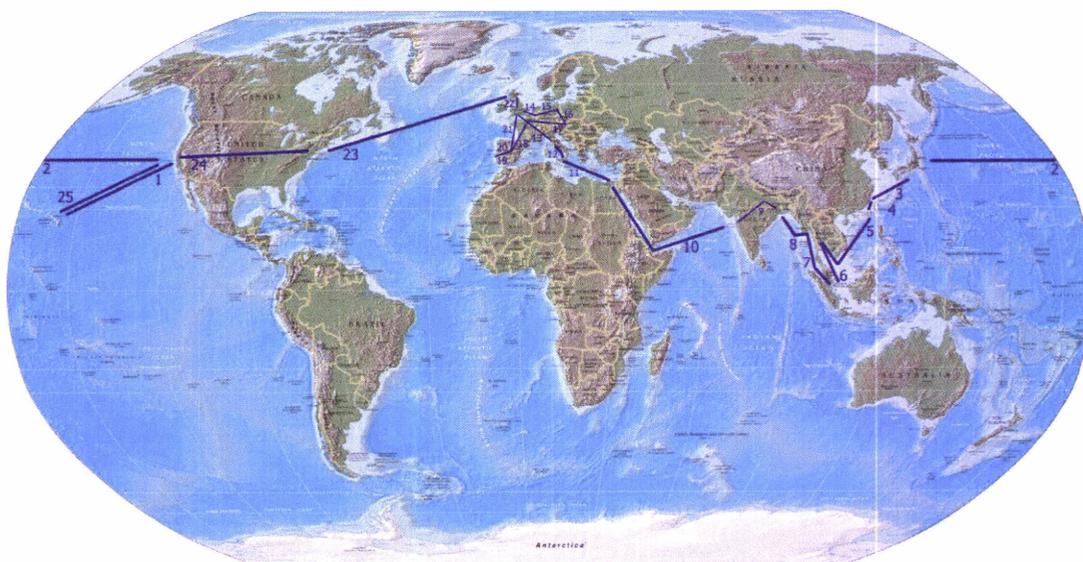


Ilustração 10 - Volta ao mundo do Rei Kalakaua.

<[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ea/Kalakaua\\_journey\\_round\\_the\\_world.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ea/Kalakaua_journey_round_the_world.jpg)>.

Em 1881 o rei, acompanhado do Coronel C. H Judd como secretário, e por W.N. Armstrong como Comissário da Imigração, inicia uma viagem à volta do mundo. Durante a sua viagem o rei foi-se inspirando nos países que visitava com novas ideias que gostaria de implementar no seu reino, inclusive a

<sup>31</sup> *Breve noticia ácerca das ilhas de Sandwich e das vantagens que ellas offerecem à emigração que as procure*, Funchal: Typographia Liberal, 1878. 17.

ambição de unir toda a Polinésia. Visita também vários países na Europa, em Inglaterra tem um papel importante o encontro que tem com Abraham Hoffnung e outros membros desta empresa, que iria ter a devida autorização para fazer o transporte de emigrantes portugueses em melhores condições para o Hawaii. É através desta autorização que esta companhia envia dois carregamentos destes emigrantes em 1881. O rei Kalakaua iria ser recebido em Lisboa com as devidas honras que habitualmente são prestadas aos dignitários estrangeiros, depois de este regressar de Paris e Madrid. Curiosamente o seu nome é sempre mencionado de forma errada, e isso é notório nos jornais e publicações da época. Numa publicação da *Empresa Litteraria*, há um apontamento feito na primeira pessoa do rei, em que é referido o erro na divulgação do seu próprio nome:

O meu nome anda extropiado pelos jornaes e pelas esquinas.  
Em vez de ser Kalakaua ... eu sou o Kalakana.  
Quando passei por Paris, na redacção do *Figaro*, que não é positivamente a redacção da *Crença liberal*, deixei lá o meu facsimile e consenti que o reproduzissem n'um dos numeros d'esse excellent jornal, para ensino dos europeus.  
Toda a gente se admirou da minha óptima calligraphia. Em Lisboa, no hotel, quando sobrescriptei uma carta para a minha querida Kapiolani, em Honolulu, causou o mesmo espanto o traço firme e elegante dos meus K K, chegando algumas pessoas a dizerem que eu era um Carlos Silva sandwichiano.<sup>32</sup>

Toda a imprensa da época dá o devido relevo à notícia da visita real e, segundo alguns jornais, não se falava em outra coisa na semana anterior à sua chegada, assim como depois da sua partida. Para a imprensa a visita real era matéria para se escrever muito sobre o assunto, pois visitas de estrangeiros ilustres, só aconteciam de dez em dez anos. Curiosamente os jornalistas aproveitavam, para em jeito de crítica, comparar a situação nas ilhas havaianas, com a realidade em Portugal, e o nosso país ficava mal perante essa comparação. No que se diz a respeito de institutos, academias e escolas, nem arsenais, museus, não estávamos nada bem e, assim sendo, não esperava ao monarca nada mais que umas pequenas viagens, por estradas

---

<sup>32</sup> *Kalakana em Lisboa; Apontamentos de viagem*, Lisboa: Empresa Litteraria de Maximiliano & Azevedo, 1881. 8.

mal preparadas, e algumas visitas, que estavam agendadas para os pressupostos sete dias que ir permanecer em Portugal.



Ilustração 11 - Diário Illustrado: Primeira página de segunda-feira, 29 de Agosto de 1881. Biblioteca Nacional de Lisboa.

Foram enviadas duas carruagens da casa real, para conduzirem o rei Kalakaua e a sua comitiva ao hotel Braganza, onde o Governo teria preparado aposentos para o visitante. Na estação do caminho-de-ferro esperavam o ilustre visitante os senhores contra-almirante Andrade, representando a sua majestade o rei D. Luís, o senhor general Sousa Pinto, representando sua majestade o rei D. Fernando, e o senhor comendador Sotto Mayor, como representante do Governo.

O rei chegava a Lisboa acompanhado por um membro do seu governo, o senhor W.N. Armstrong, Comissário da Imigração, o coronel Lord C. L. Judd, seu camareiro-mor, do seu ajudante de campo e demais pessoal da sua casa real. Vinha com o rei desde Inglaterra o senhor Abraham Hoffnung, agente de navegação e encarregado financeiro do governo havaiano em Londres. Seria através da sua agência que muitos emigrantes portugueses seguiriam para as ilhas havaianas. O rei iniciara esta volta ao mundo a 20 de Janeiro de 1881, e tinha já passado pelo Japão, China, Índia, Egipto, Itália, França, Inglaterra, entre outros países, tendo sido recebido pelos mais diversos dignitários, desde o imperador do Japão, o Papa Leão XIII ou a rainha Victoria: era o primeiro rei a fazer uma viagem de circum-navegação.

São prestadas todas a honras militares devidas a um chefe de estado, e um esquadrão de cavalaria acompanha a comitiva até ao hotel *Braganza*, onde iria ocupar os mesmos aposentos, que anteriormente tinham sido utilizados pelo imperador do Brasil:

In the afternoon, in the royal carriages, we called upon the King of Portugal. The drive was along the Tagus to the Palace of Ajuda, situated on high ground overlooking the river. At the gates of the palace men armed with ancient halberds lined the way to the entrance, where we met by Dom Luis, "King of Portugal and the Algarves, without and beyond the seas, in Africa, Lord of Guiana, and of the Navigation and Commerce of Ethiopia, Arabia, Persia, and the Indies." He and his predecessors had been robbed of many of these possessions by an envious and thieving world, but he retained the titles as certificates of the past glory of his throne.<sup>33</sup>

O rei Kalakaua fez uma visita a Sintra, tendo lhe sido servido um requintado almoço no hotel *Victor*, e recebe aí o Marquês de Pombal o qual, mandatado pelo rei D. Fernando, lhe apresenta cumprimentos. Mais tarde no castelo da Pena é recebido pelo rei D. Fernando. No final do dia o rei D. Luís oferece-lhe um jantar em sua honra no Palácio da Ajuda.

O rei nos dias seguintes assiste a alguns espectáculos que foram preparados em sua honra, como uma festa que se realizou no Passeio Público. O maestro Gaspar preparou um concerto com uma banda de 150 executantes, que tocaria um hino dedicado a sua majestade o rei Kalakaua.

W. Armstrong prepara a negociação para a assinatura de uma convenção que iria regular o transporte de mercadorias, organizar a emigração e arranjar a protecção consular. Por último, o rei Kalakaua assiste a uma tourada no campo de Sant'Anna, não tendo apreciado muito o espectáculo:

Então é que a taça transbordou. Kalakaua sentiu desfolhar-se a ultima illusão que lhe reservara este povo, tão deslocado na Europa, tão digno da Oceania. E retirou se. Chegou ao hotel, mandou fazer as malas e partiu. Vinha para se demorar oito dias; não poude aguentar mais do que tres.<sup>34</sup>

O rei D. Luís agraciou o monarca havaiano com as insígnias da Grã-cruz da Ordem da Conceição. Toda a imprensa publicou dados geográficos e culturais sobre o reino do Hawaii, o *Diario Illustrado* dedicou toda uma página sobre a história do Hawaii, da descoberta por Thomas Cook e do reinado dos Kamehameha à eleição de Kalakaua, passando pelos tratados com os Estados

---

<sup>33</sup> William N. Armstrong. *Around the World with a King*, Honolulu: Mutual, 1995. 265.

<sup>34</sup> *Diario Illustrado* de 29 de Agosto de 1881. 1. Biblioteca Nacional de Lisboa.

Unidos, incluindo toda a informação sobre o estado económico e social deste estado insular:

Assisti a dous espectaculos extraordinarios: tourada e eleições.  
Um e outro dão uma tristissima idéa do adiantamento e civilização do povo portuguez.  
N'um trabalhou o Peixinho, o Roberto, e Botas e o Caixinha, no outro o Sampaio, o Braacamp e o José Dias.  
No primeiro distingui-se o Roberto, no segundo o Sampaio. Que dextresa em uns e outros! Que esplendidos bandarilheiros e politicos .  
O gado era valente de parte a parte; investia facilmente com as capas e com as consciencias [...]  
Como isto ainda está selvagem!<sup>35</sup>

Na qualidade de ministro plenipotenciário, W. Armstrong fica em Lisboa, a fim de ser recebido pelo ministro dos Negócios Estrangeiros e negociar os termos da convenção a ser estabelecida entre os dois países.

William Armstrong relata no seu livro sobre esta viagem de circum-navegação, a sua passagem por Lisboa. Com algum humor descreve alguns episódios curiosos, a viagem de Madrid a Badajoz, e como na ausência de condições para se dormir no comboio, tiveram que improvisar uma forma de o rei poder descansar durante a viagem. Pelo meio o comboio descarrila por ter trucidado uma vaca. Os jornais em Lisboa referiam que tinha sido um touro. Armstrong descreve a demora dos ferroviários em inspeccionar o comboio, e como isso os fez chegar já muito de noite à fronteira portuguesa. Os contactos feitos em Paris com os diplomatas portugueses, que confirmaram à comitiva do Rei Kalakaua, que iriam ser recebidos por Sua Majestade o Rei D. Luís, tiveram a vantagem de agora poderem ter um resto de viagem mais confortável. Tinha sido enviada desde Lisboa uma carruagem salão do Rei D. Luís.

Armstrong ficou em Lisboa mais alguns dias, preparando um acordo para regularizar a emigração de Portugal para o Havai. No ano seguinte, um Tratado de Amizade e de Comércio, que contemplava sobretudo a emigração, seria assinado em Lisboa por um enviado de Honolulu e o ministro dos Negócios

---

<sup>35</sup> *Kalakana em Lisboa; Apontamentos de viagem*. Lisboa: Empresa Litteraria de Maximiliano & Azevedo, 1881. 13-14.

Estrangeiros português, Serpa Pimentel. Ao deixar Portugal, Armstrong escreveu:

«Nessa altura, milhares de súbditos portugueses tinham emigrado dos Açores e estabeleceram-se no Havai como trabalhadores das plantações de açúcar. Continuavam súbditos portugueses, mas de facto eram dos dois reis. Eu tinha sido autorizado a iniciar um tratado entre os dois países que alargaria a emigração. Desde há três anos os portugueses tinham emigrado num tal número para o Havai que sob um bom líder militar poderiam tomar posse do país e torná-lo uma colónia portuguesa, desde que a América não estragasse o esquema.»<sup>36</sup>

Para além de referir no seu diário de viagem, que teve que ficar em Lisboa mais alguns dias, para poder negociar os termos do tratado, ele descreve com um detalhe curioso tanto a parte mais lúdica da estadia em Lisboa, como a tourada que assistiu, como o apreço que teve por D. Fernando, pai de D. Luís, por ser um homem culto e dedicado às artes. E regista os comentários do D. Fernando sobre a ligação da família real portuguesa a outras casas europeias. É nesta altura que William Armstrong refere as relações entre o seu pequeno reino e os países europeus e em relação a Portugal faz o comentário acima referido.

William Armstrong exagerava, pelo menos para a época. Em 1881, além dos cerca de quinhentos ex-baleeiros e os seus descendentes, apenas 1359 imigrantes portugueses tinham já desembarcado e metade deles eram mulheres e crianças. Em todo o caso, gente humilde, pouco animada por desígnios imperiais.

A conquista portuguesa do Havai, a ser feita, seria com outros acordos, que não os de marchas militares.<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> Ferreira Fernandes. *Os Primos da América*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991. 63.

<sup>37</sup> Ferreira Fernandes. *Os Primos da América*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991. 63.

### **2.2.2. A instabilidade política e económica na Europa como alavanca da emigração**

O último decénio do século XIX e os primeiros anos do século XX foram marcados por profundas transformações no domínio económico e demográfico. Enquanto a população europeia conhece um crescimento acelerado e fornece à emigração contingentes cada vez mais numerosos, o longo período de depressão económica na Europa dá lugar a uma fase de expansão particularmente espectacular. Estes fenómenos exercem uma influência notória nas relações entre potências.

Pierre Milza<sup>38</sup>

Portugal passou por um período difícil durante o século XIX: após as invasões francesas e a guerra entre liberais e absolutistas, apenas restava um clima de enorme instabilidade.

Foi inserida na conjuntura político social deste período que a partir de meados do século XIX, e com maior incidência no *fin du siècle*, que uma determinada franja da população portuguesa, nomeadamente as populações insulares dos Açores, da Madeira e de Cabo Verde, assim como do Continente, iniciaram um fluxo migratório para o Hawaii. Na Madeira, por exemplo os maus anos agrícolas, motivados por várias doenças que afectaram as culturas, trouxeram grandes problemas às populações, inclusivamente fome e agitação social. Estava pois criado um ambiente propício à procura de melhores condições de vida, e o apelo à emigração era inevitável. Mas o mundo estava ainda perante tempos de grandes convulsões políticas.

A expressão do poder europeu em África, desde a Conferência de Berlim (Novembro de 1884-Fevereiro de 1885), transformou este continente num espaço retalhado segundo os interesses económicos, políticos e sociais

---

<sup>38</sup> Pierre Milza. *As Relações Internacionais de 1871 a 1914*. Lisboa: Edições 70, 1995. 73.

dos países industrializados europeus, ficando assim repartido entre ingleses, franceses, belgas, alemães, italianos, portugueses e espanhóis. Apenas partes da Etiópia<sup>39</sup> actual e a jovem república da Libéria (1822; 1847) ficariam de fora desta divisão. Nesta onda imperialista os Estados Unidos não tinham participação, apesar do seu papel de observadores, o mesmo já não se podia dizer na zona asiática do Pacífico onde, assim como outros países europeus, tinham alguma presença.

A doutrina de Monroe era uma advertência velada à Grã-Bretanha para que a sua expansão não fosse também virada para o continente americano: o seu pensamento incluía na verdade a não criação de novas colónias na América, a não intervenção nos assuntos internos dos países americanos e a não intervenção dos Estados Unidos em conflitos que tivessem como intervenientes países europeus em litígio com as suas colónias.

Em pleno *fin du siècle* a expansão territorial contígua dos Estados Unidos estava completa: os americanos tinham chegado até ao oeste, invadindo todas as terras dos ameríndios, até ao Pacífico; conseqüentemente, a Califórnia teve um crescimento populacional enormíssimo. Mas já estaria na mente de alguns americanos a seguinte questão: para manter a doutrina de Monroe era preciso estender a expansão também através do oceano Pacífico.

A explosão do cruzador americano *Maine* no porto de Havana, que conduziu a uma guerra contra a Espanha, e o envolvimento dos Estados Unidos num movimento rebelde contra os espanhóis nas Filipinas, abriram as portas à expansão tanto territorial como de zonas de influência do poder norte-americano. Estes episódios poriam fim à longa história do império espanhol nas Caraíbas: Cuba obteria a sua independência em 1868 e Porto Rico passaria para a alçada dos Estados Unidos (1898). Estávamos perante o prelúdio de uma vaga do Imperialismo Americano:

All these currents flowed into a burst of expansion which has remained to this day a unique example of American overseas imperialism because, for a time, it set aside traditional restraint on the acquisition of new territory overseas. The beginnings must be traced back to the increased opening of China and

---

<sup>39</sup> Contudo, a Etiópia foi ocupada/colonizada pelos italianos entre 1936-1941.

Japan to American commerce in the 1850s and 1860s and to participation with the British and the Germans in the administration of Samoa (where a naval base obtained in 1878 has remained a United States possession). This was followed by two decades of growing intervention in the affairs of the kingdom of Hawaii, to which the protection of the United States had been extended since 1840s. American traders and missionaries had established themselves there in large numbers. Benevolent patronage of the Hawaiians gave way to attempts to achieve annexation to the United States in the 1890s. Washington already had the use of Pearl Harbour as a naval base but was led to land marines in Hawaii when a revolution occurred there. In the end, the government had to give way to the forces set in motion by the settlers and a short-lived Hawaiian Republic was annexed as a United States Territory in 1898.<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> J.M. Roberts. *History of the World*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1993. 659.

## 2.2.3. A Convenção Provisória de 1882 entre Portugal e o Hawaii

### 2.2.3.1. A justificação para o tratado

Quando o rei David Kalakaua visitou Portugal em 1881, sendo recebido por D. Luís, levava já em mente a assinatura de um tratado de amizade e emigração com Portugal. A existência de portugueses no Hawaii é anterior ao século XIX, mas foi a partir deste século que começaram a aparecer um maior número de registos dos mesmos:

O incremento da fixação portuguesa deve-se sem dúvida ao facto de a partir de 1820 a frota baleeira de Nova Inglaterra ter começado a tocar o Havai.<sup>41</sup> Boa parte da tripulação destes barcos era de origem açoriana ou cabo-verdiana e calcula-se que cerca de 400 ilhéus tenham desertado no Havai durante o período de actuação da frota nas águas do Pacífico. Deste grupo estima-se que os cabo-verdianos tenham constituído cerca de metade do total. A maioria parece ter casado com havaianas. Entre os açorianos, houve também quem o fizesse, enquanto noutros casos as noivas eram mandadas vir da terra natal.<sup>42</sup>

[...] Na sua maioria, estes emigrantes<sup>43</sup> dedicavam-se ao trabalho rural assalariado, à pequena agricultura por conta própria e à criação de gado leiteiro.<sup>44</sup>

Não foi apenas a sugestão de Jason Perry; outros factores chegaram ao conhecimento do rei sobre as enormes vantagens da emigração portuguesa. Era relevante, os núcleos familiares que criavam, muitos deles eram já uma família numerosa, quando chegavam. Se os homens, a principal força de

---

<sup>41</sup> Também nos Estados Unidos a primeira fixação portuguesa significativa se associa à baleagem. Os navios americanos chegaram a recrutar cerca de um terço das suas tripulações nos Açores e em Cabo Verde. Muitos destes pescadores desertaram depois em New Bedford e outros portos baleeiros.

<sup>42</sup> Edgar C. Knowlton, Jr., da Universidade do Havai, distinto estudioso da presença portuguesa no arquipélago, menciona o facto de ter podido examinar um passaporte emitido em 1864 na Horta a favor de Maria Loriania Cunha (c. 1830-1887), que se supõe ter sido a primeira mulher portuguesa a desembarcar nas ilhas. Edgar C. Knowlton, Jr., "Portuguese Language Resources for Hawaiian History". *Hawaiian Historical Society* (1961): 29.

<sup>43</sup> Revelam-se escassíssimas as referências a portugueses chegados antes de 1878. Parece que em 1827 um mercador mexicano, Tomás Meléndez, administrou o baptismo a varias crianças entre elas a uma filha de 15 anos de um português chamado António Ferry. Considerando que Ferry pode perfeitamente representar uma deturpação de Ferreira, parece tratar-se do genro de Paula Marín. Outro destes primeiros emigrantes foi Jason Perry (Jacinto Pereira), natural do Faial, proprietário de uma mercearia em Honolulu, e mais tarde agente consular de Portugal nas ilhas. Foi Jason Perry quem, em 1876, sugeriu ao governo havaiano a emigração em massa de trabalhadores portugueses. Tinha chegado ao arquipélago em 1861.

<sup>44</sup> Eduardo Mayone Dias. *A Presença Portuguesa no Havai*. Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa. III Série — N° 87 — 1° tomo — 1981. 4-5.

trabalho, vinham sozinhos, rapidamente casavam e constituíam família com um número elevado de filhos, o que resolveria o decréscimo da população havaiana, factor que foi levado bastante em conta quando escolheram os portugueses como os novos povoadores. Também a qualidade do trabalho e adaptação ao clima e características das ilhas foi valorizado.

O rei Kalakaua, aquando do encontro com o rei D. Luís, tinha conhecimento prévio das qualidades dos portugueses, tanto a capacidade destes como força de trabalho, como a vontade que tinham de constituir família após se estabelecerem nos territórios para onde emigravam, e ambos concordaram que os seus países assinariam um tratado, que iria ligar e fortalecer as relações de amizade e comércio entre os dois estados e regular os futuros fluxos de emigração para o Hawaii.

Em 1876, o Reino do Hawaii e os Estados Unidos tinham assinado um Tratado de Reciprocidade: nas ilhas seria implantada a criação de plantações de cana-de-açúcar e, por outro lado, os Estados Unidos recebiam quase toda a produção de açúcar. Era necessário e urgente habilitar as ilhas com mão-de-obra adequada a este tipo de trabalho. Os portugueses já aí se encontravam, alguns tinham abandonado a indústria baleeira, e muitos vieram da Madeira, dos Açores, do Continente e de Cabo Verde, respondendo à demanda de tanta força de trabalho. Este tratado com os Estados Unidos ficou de certa forma salvaguardado aquando da assinatura do tratado com Portugal no ano seguinte à visita do rei havaiano a Portugal.

O rei Kalakaua quando deixou Lisboa, confiou na capacidade negocial de William Armstrong, o encarregado da imigração, o mesmo era conhecedor da situação da imigração portuguesa no Hawaii:

William N. Armstrong, um «haole» filho de missionários, foi um dos companheiros de viagem de Kalakaua. Sem os preconceitos amargos dos seus pais, Armstrong deixou-nos um relato irónico da aventura: *Around the World with a King*, publicado em Nova Iorque, em 1904.

Armstrong era membro do Governo havaiano, encarregado da Imigração, e já tinha tido contactos com os portugueses. Quando a comitiva real passou por Paris, e perante um

quiproquó diplomático com o Governo francês, foi ao embaixador de Portugal que Armstrong recorreu.<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> Ferreira Fernandes. *Os Primos da América*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991. 62.

### 2.2.3.2. O Tratado

O que tem sido referido como tratado, neste trabalho e também em vários documentos pesquisados, é na realidade uma Convenção Provisória, assinada a 5 de Maio de 1882 em Lisboa. Tinha como função regular temporariamente as relações de amizade, navegação e comércio entre os dois países signatários. Neste caso o rei das Ilhas do Hawaii, Kalakaua, e o rei de Portugal e dos Algarves, designaram os seus Plenipotenciários, nomeadamente Henry A. P. Cártter e António de Serpa Pimentel que redigiram a Convenção, a qual foi posteriormente ratificada em Honolulu e Lisboa:

Com as ilhas Hawai o nosso país assinou em 5 de Maio de 1882 uma convenção provisória de comércio, navegação e emigração, que Serpa Pimentel mandou de imediato ratificar. De interesse mencionar que a única referência que nesses tratados se observa à emigração diz respeito às "ilhas hawaianas".<sup>46</sup>

A referida Convenção iria reger a protecção aos Agentes Consulares de ambos os países. Foram feitas as ressalvas no que diz respeito às relações privilegiadas entre o Hawaii e os Estados Unidos, assim como as de Portugal com o Brasil, e que não podiam ser reclamadas por nenhuma das partes. Este documento regulava essencialmente a emigração de Portugal para o Hawaii, mas era suficientemente específico na regulamentação no que dizia respeito ao embarque, transporte, aos espaços atribuídos aos viajantes, à quantidade de comida, aos medicamentos e às condições higiénico-sanitárias. A Convenção contemplava também a tarefa diplomática dos Agentes Consulares em inspeccionar os navios e verificar se os respectivos capitães tivessem cumprido com o regulamentado. Apesar da Convenção de Viena sobre relações consulares ser bastante posterior (1963), esta convenção garantia já o respeito para o eficaz desempenho das funções dos postos consulares, em nome dos respectivos Estados.

---

<sup>46</sup> Joaquim Veríssimo Serrão. *História de Portugal – O Terceiro liberalismo (1851-1890)*. Lisboa: Editorial Verbo, 1986. 175.

Portugal e esta Convenção são referidos em acções que cidadãos do Hawaii interpõem contra os Estados Unidos e o Reino do Hawaii. Isto acontece principalmente depois da resolução do Congresso norte-americano de 23 de Novembro de 1993, assinada pelo então presidente William J. Clinton (1993-2001), conhecida como a “Apology Resolution”.

Para assinalar o centenário do derrube do Reino do Hawaii a 17 de Janeiro de 1893, o governo norte-americano assina este documento de desculpas ao povo nativo do Hawaii. Neste documento é reconhecido que o referido Reino era bastante organizado, auto-suficiente, baseado num sistema comunal de partilha das terras, tinha uma língua própria, assim como a própria cultura e religião.

Durante o período que vai de 1826 a 1893, os Estados Unidos reconheciam a independência do Reino do Hawaii, assim como total reconhecimento diplomático do seu governo, realizando tratados e convenções com os monarcas havaianos, especialmente relacionados com o comércio e navegação. Contudo, a 14 de Janeiro de 1893, John L Stevens, o diplomata norte-americano acreditado pelo soberano e independente Reino do Hawaii, junto com um grupo de residentes não havaianos, incluindo cidadãos norte americanos, derrubam o governo do Hawaii.

A Coup d'état in Hawaii overthrows the queen, and the new government requests annexation to America.

The Honolulu “revolution of 1893” culminated a dispute between the pro-American-dominated legislature and Queen LILIUOKALANI. The queen had since 1887 endeavored to regain the full royal authority that her brother, King KALAKUA, had sacrificed to wealthy white residents. To combat the queen, the legislators desired American annexation, a process favored by Secretary of State Blaine and John L. STEVENS the U.S. minister to Hawaii.

Throughout 1892, Stevens informed the State Department about the annexation proposals. He also requested instructions about how far the U.S. navy and the minister could go in intervening to protect American interests. Neither Blaine,

Harrison, nor, later secretary Foster responded to Steven's questions.<sup>47</sup>

O presidente Grover Cleveland (1893-1897), chegara a reconhecer que esta situação era ilegal, cometida inclusivamente com a participação de um representante diplomático, um acto de guerra contra um estado pacífico, amigo e soberano, e que deveria ser reparado.

Quando o referido diplomata norte-americano no terreno, reconheceu o governo provisório, que não era um governo nem *de facto* nem *de jure*, não tinha poderes para o fazer. Assim sendo, e de acordo com Direito Internacional, os revolucionários não conseguiram o reconhecimento *de facto*, e portanto a alteração do domínio do Reino do Hawaii.

A intromissão dos Estados Unidos não apresentava uma justificação concreta, nem tinha qualquer carácter em que se pudesse enquadrar no direito de ingerência que em meados do século XX começou a desenvolver-se, factor este muito relacionado com questões humanitárias:

Eu tive justamente a sorte de estar associado a esta produção normativa, de participar – em momentos extraordinariamente fortes – na elaboração de um aspecto muito particular do direito internacional, reconhecido em poucos anos, e ao qual chamámos «o novo direito internacional humanitário». Por vezes falámos em «direito de ingerência». A expressão é surpreendente. É também geradora de mal-entendidos e de polémicas. Será necessário especificar o seu conteúdo. Outras fórmulas sem dúvida mais pertinentes cobrem a mesma realidade jurídica e estão desprovidas desta carga provocadora. Os diplomatas preferem-nas. Os juristas também.<sup>48</sup>

Esta ingerência num estado soberano, neste caso as ilhas Hawaii, apesar de não ter sido uma colónia europeia, também não poderia ter acontecido, pois violava os princípios da acima referida doutrina de Monroe, que salientava o princípio da não ingerência:

---

<sup>47</sup> Lester Brune. *Chronological History of U.S. Foreign Relations [volume 1 1607-1932]*, Second Edition, New York: Routledge, 2003. 253.

<sup>48</sup> Mário Bettati. *O Direito de Ingerência – Mutação da ordem internacional*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. 7.

[...] Se percibe claramente, desde la aparición misma del sistema de Estados americanos, el dualismo, bajo forma de movimiento pendular, entre la idea americana global o continental (panamericana) y la idea latinoamericana o iberoamericana. Este dualismo se acentuaría a medida que los Estados Unidos se comprometían en la vía de la revolución industrial y del imperialismo, aproximándose así competitivamente a las potencias europeas. Si al comienzo la doctrina de Monroe tendía a proteger a los Estados latinoamericanos contra la injerencia o el retorno ofensivo de los países europeos, más tarde, y en particular tras la guerra de los Estados Unidos con España (1898), sirvió para favorecer, contrariamente al principio de no-intervención (pretendidamente «americano»), la injerencia de los Estados Unidos en esos mismos Estados.<sup>49</sup>

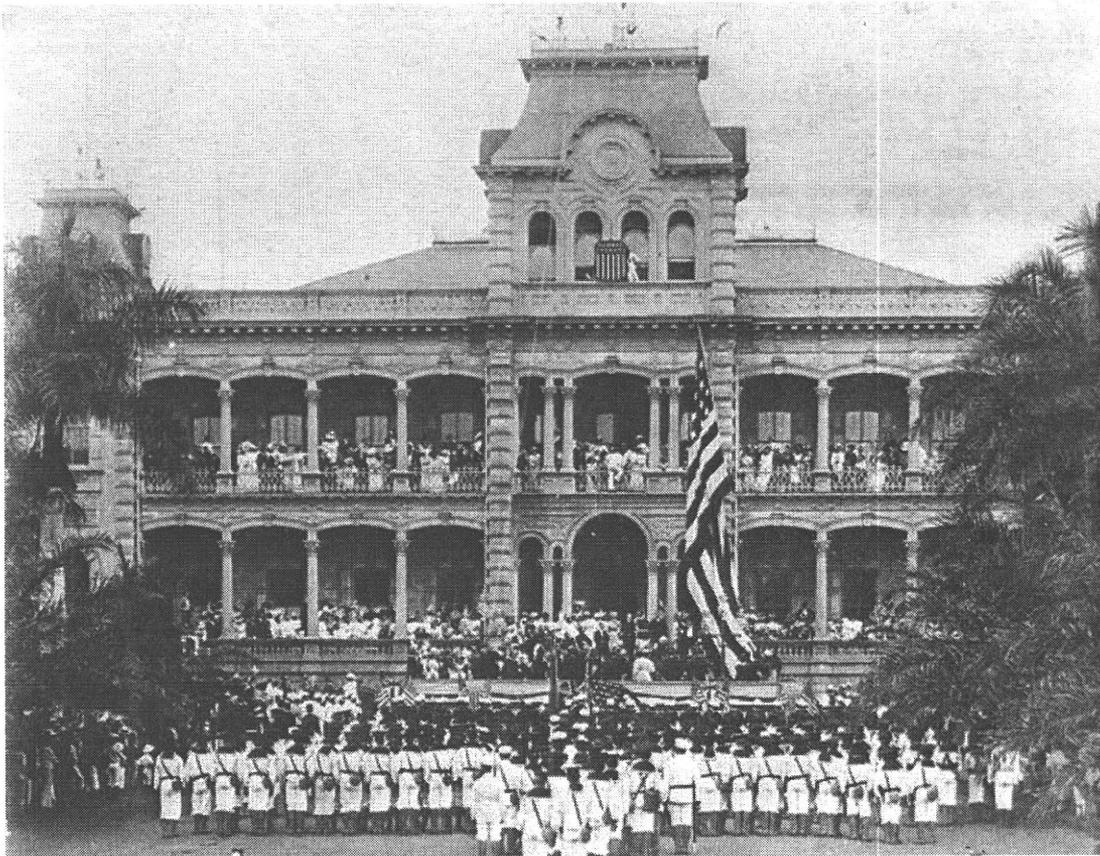


Ilustração 12 – Cerimónia de anexação do Hawaii 1898

O referido documento recorda ainda que o Congresso pede desculpas pela privação dos nativos havaianos do seu direito à autodeterminação. Com este reconhecimento de responsabilidade dos Estados Unidos no derrube do governo do Hawaii, ocupação e anexação, violação dos tratados, e das normas

---

<sup>49</sup> Antonio Truyol y Serra. *La sociedad internacional*. Madrid: Alianza Editorial, 2006. 54-55.

básicas do direito internacional, são levantadas questões de soberania: estava-se perante uma forma de ingerência de um estado concreto:

El Estado es esencialmente una organización de poder independiente sobre una base territorial. Tiene, como es sabido, tres elementos: una población, un territorio, un gobierno propio. La existencia de un Estado ofrece dudas si falta cualquiera de estos elementos. Reviste especial importancia al respecto el tercero, que implica el control último de la población en un territorio dado, el monopolio del uso legal de la fuerza en el grupo humano en cuestión y frente a los demás.<sup>50</sup>

As acções surgem e são levadas ao Tribunal de Haia. Nestas acções Portugal vem referido como parte nominal, como signatário da Convenção de Haia para as disputas nos territórios do Pacífico, e como signatário da Convenção entre os Reinos de Portugal e do Hawaii de 5 de Maio de 1882, que para além dos termos já referidos incluía também as questões de protecção aos Agentes Consulares.

De acordo com o Direito Internacional, como nenhuma das partes deu conhecimento à outra da intenção de fazer cessar o acordado, esta Convenção está na sua plenitude de efeito, e é por isso relevante para as acções interpostas.

É também de referir que a efectividade do acordado entre os dois estados, Portugal e o Reino do Hawaii, é uma prova da soberania dos mesmos; é ainda referido nestas acções a Convenção da União Postal Universal assinada em Lisboa, e ratificada por dezenas de países, incluindo os Estados Unidos, Portugal e o Reino do Hawaii.

Não será aprofundada a análise destes assuntos que envolvem a questão da soberania e do desrespeito pelo Direito Internacional, reservando-nos o direito de analisar estes capítulos de História internacional em um outro estudo.

---

<sup>50</sup> Antonio Truyol y Serra. *La sociedad internacional*. Madrid: Alianza Editorial, 2006. 102.

#### 2.2.4. O Consulado Português em Honolulu

La protección diplomática puede ser ejercitada con la triple finalidad siguiente: a) prevenir la violación de normas internacionales relativas a extranjeros; b) para obtener que cese una actividad de carácter ilícito, y c) para obtener una reparación. No quiere ello decir que no pueda ser ejercitada con más de una finalidad simultánea o sucesivamente. El derecho de protección diplomática aparece indiscutido en el D.I. y se basa en normas de carácter consuetudinario, hoy generalmente admitidas. Una precisión final se impone, y es la necesidad de distinguir la protección diplomática propiamente dicha de aquella que el Estado ejerce en favor de sus nacionales mediante consulados en el extranjero, llamada tradicionalmente consular.

Manuel Díez Velasco<sup>51</sup>

Tendo em mente colmatar a falta de apoio, a vários níveis, e prestar ajuda na resolução de problemas que os emigrantes tiveram que enfrentar — em parte pela completa ausência de regulamentação, que por vezes, permitia o incumprimento dos contratos estabelecidos, deixando estes completamente indefesos — foram estabelecidos os termos do tratado que Portugal estabeleceu com o Reino do Hawaii. Um tratado que deveria reger a emigração, o comércio e os transportes. Era imperativo dar apoio a estes emigrantes os quais, após enfrentarem uma viagem longa, não tinham ninguém a zelar pelos seus interesses na sua chegada.

Na sequência deste tratado foi criado o consulado de Honolulu, e será centrado neste consulado e na figura do seu Cônsul António de Sousa Canavarro e nas suas relações e contactos com a comunidade portuguesa, já aí existente, e com aquela, que a partir do tratado chegaram a este reino insular, que este capítulo será elaborado. Serão analisadas as necessidades da comunidade, assim como o consulado foi minimizando as mesmas, o apoio dado essencialmente na chegada a estes mesmos imigrantes, os esforços que o Cônsul encetou para resolver inúmeras falhas no tratamento, tanto ao nível laboral como de instalação e transporte destes novos colonos no Hawaii.

---

<sup>51</sup> Manuel Díez Velasco. *Instituciones de Derecho Internacional Público*. Madrid: Editorial Tecnos, 1991. 534.

A Convenção Provisória era ratificada no Palácio de Iolani, na cidade de Honolulu, em Agosto de 1882 pelo rei Kalakaua, e nesse mesmo mês partia para Honolulu o primeiro Cônsul Geral.

Referindo por curiosidade: era Cônsul em Bristol, Inglaterra, Eça de Queirós, amigo pessoal do futuro Cônsul no Hawaii, o primeiro tinha já passado por uma situação idêntica à que o segundo iria enfrentar, quando estava no seu posto em Havana, também aí teve que enfrentar os ricos proprietários e, por outro lado, a defesa da enorme comunidade chinesa de Macau, que reclamava protecção consular portuguesa, principalmente na área laboral:

O *exequatur* ou aceitação pelas autoridades espanholas da nomeação de José Maria, tardou cinco meses a ser recebido. A ida de um cônsul de carreira português para Havana, que iria substituir o então cônsul honorário que era espanhol, não seria do especial agrado dos poderosos fazendeiros cubanos que empregavam e exploravam milhares de trabalhadores chineses, idos de Macau, que se reclamavam da protecção portuguesa.<sup>52</sup>

José Maria Eça de Queirós, entretanto, regressara à Europa, tinha sido colocado como Cônsul em Newcastle e, em 1878, fora transferido para Bristol. Em 1882 encontrava-se ainda em Bristol, deslocando-se a Londres para se despedir do seu amigo:

Em Agosto dá um salto a Londres para se encontrar com o seu velho amigo João de Sousa Canavarro<sup>53</sup> – o Chavarro que partia para ocupar o seu posto consular em Honolulu.<sup>54</sup>

Também em Honolulu, tinha existido um Cônsul Honorário, que era Jacinto Pereira, isto antes da assinatura da Convenção, e da colocação do primeiro Cônsul Geral. Em relação a Jacinto Pereira, conhecido também como Jason Perry, comerciante em Honolulu, podem-se encontrar várias imprecisões nos livros ou documentos consultados. Por vezes atribui-se a este alguns factos que foram já realizados por António de Sousa Canavarro, também a

---

<sup>52</sup> José Calvet de Magalhães. *Eça de Queiroz. A Vida Privada*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2000. 91.

<sup>53</sup> Nota: Aqui há uma imprecisão por parte do autor no nome do diplomata, não era João mas sim António.

<sup>54</sup> José Calvet de Magalhães. *Eça de Queiroz. A Vida Privada*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2000. 128-129.

assinatura da Convenção Provisória lhe é por vezes atribuída. Jason Perry seria no período anterior à assinatura da convenção ou tratado, que incluía nas suas cláusulas a abertura de um consulado português em Honolulu, e a respectiva nomeação de um cônsul, o representante dos interesses portugueses no Hawaii, um cônsul honorário, pela sua influência como comerciante conhecido e respeitável na capital, mas obviamente não foi nenhum dos dois quem assinou a convenção ou tratado.

Knowlton convidou-me a prolongar o olhar até acima da porta: as cinco quinas. Demos a volta ao prédio e, sobre cada porta, as cinco quinas. O «Perry Block» tinha sido mandado construir por Jason Perry, aliás, Jacinto Pereira, o primeiro cônsul honorário de Portugal. Um filho de Perry, António, viria a ser presidente do Supremo Tribunal de Justiça do Havai, nas décadas de 20 e 30.

Nascido no Faial, Jason Perry, ex-baleeiro convertido em próspero comerciante de tecidos, foi o impulsionador da sociedade de socorros mútuos, fundada no ano anterior ao começo da grande imigração. Era pessoa ouvida na corte. Terá partido dele o argumento definitivo para a colonização portuguesa. «Num ano, as mulheres portuguesas darão à luz pelo menos 50 bebês», prometeu ao rei Kalakaua. A fertilidade confirmou-se no censo de 1900. Apesar das sucessivas chegadas de barcos com emigrantes, os lusos-havaianos já eram o dobro dos nascidos em Portugal.<sup>55</sup>

As crises socioeconómicas portuguesas das últimas décadas do século XIX, assim como a instabilidade política das primeiras décadas do século XX, criaram muita insegurança que se reflectiu nos fluxos emigratórios. Este fenómeno atingia todo o território nacional, incluindo as ilhas. Obviamente Lisboa, Porto e Faro não acompanharam este fluxo de emigração, pois em termos internos ofereciam melhores atractivos no que concerne ao mercado de trabalho.

O Brasil tinha sido um destino privilegiado para a emigração portuguesa, para onde se recrutava força de trabalho barata, para substituição do trabalho escravo, em especial para as plantações de café e algodão. Outras potências europeias passaram pela mesma situação, da necessidade de trabalhadores para as suas colónias, com o florescer da indústria açucareira aumentou essa

---

<sup>55</sup> Ferreira Fernandes. *Os Primos da América*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991. 49-50.

necessidade, a Inglaterra procurou na Madeira trabalhadores para as suas plantações de cana-de-açúcar em Demerara, a situação repetia-se em relação ao Hawaii, precisavam também de mão-de-obra para as suas plantações, e Portugal seria o fornecedor em potência dessa força de trabalho.

No V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros tido em Coimbra, no ano de 1965, Leo Pap apresentou assim a emigração portuguesa para os Estados Unidos durante o século XIX:

To give an overall Picture of the beginning of the Portuguese mass immigration into the United States, in the nineteenth century, perhaps I should not spend any time on colorful details such as the above, but should entertain you with a more abstract and general account of economic and demographic developments: how and why the whaling industry and other fisheries caused increasing numbers of Western Islanders and Capeverdeans to settle along the New England coast, and to a lesser extent in California and even in Hawaii. How the discovery of gold in California, in 1848, drew the first groups of Portuguese to that area, from New England and directly from Portugal; but a more lasting attraction in California was soon found in various forms of agriculture, besides fishing. In Hawaii, a few hundred Portuguese, mostly members of whaling crews, had drifted in over a period of at least fifty years prior to 1878; this latter date marks the beginning of organized mass importation of Madeirans and of Azoreans from São Miguel into Hawaii, for contract labor on the sugar plantations.<sup>56</sup>

Esta fuga de força útil de trabalho atingiu valores expressivos na história do País, trazendo efeitos negativos ao desenvolvimento interno de Portugal:

Não posso deixar de lamentar que o nosso Paiz se não resolva a um esforço que desvie esta emigração em nosso directo proveito. Os emigrantes d'estes dois ultimos navios têm causado aqui uma verdadeira admiração pelo seu optimo aspecto. N'este ultimo, sobretudo os homens da Madeira apresentam-se tão fortes e sadios, que desmentem pela apparencia os incommodos, que dizem ter soffrido durante a viagem, e contrastam singularmente com os ultimos emigrantes allemães que aqui chegaram na mais deploravel miseria.<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> Leo Pap. *Portuguese Pioneers and Early Immigrants in North America*. Separata do Vol. I das ACTAS do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Coimbra 1965. 10.

<sup>57</sup> Negócio Externos – Documentos apresentados às Cortes na Sessão Legislativa de 1885 pelo Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, Negocios Consulares e Commercias, Secção VI, Emigração Portuguesa para as Ilhas Hawaiiannas, Lisboa: Imprensa Nacional, 1885. Officios e relatorios

O século XIX caracterizou-se por um aumento demográfico, mas no período das últimas décadas, houve uma regressão. Em 1864 tinha sido feito em Portugal um recenseamento em moldes modernos. Começaram a surgir pressões para que se travasse esta tendência. Estas saídas de população estavam a acentuar as assimetrias de crescimento económico e a demografia. Mas os entraves às partidas de fluxos emigratórios trouxeram também o fluxo clandestino, especialmente por via marítima. Isto aconteceu, por exemplo, na Madeira, nos Açores e em Cabo Verde, pois esta era a única forma que os insulares tinham para abandonar as ilhas e alcançar qualquer outro país, como os Estados Unidos, o Brasil ou o Hawaii. Os portos do Porto e de Lisboa eram os embarcadores de maior saída de clandestinos, o número de saídas legais era um terço superior aos clandestinos:

Honolulu, 27 de maio de 1883. Ill.mo e Ex.mo Sr. – Tenho a honra de remetter a V.Ex<sup>a</sup> copia do termo de chegada do vapor *Abergildic*. O numero de passageiros transportados n'esta viagem é de 936, sendo 268 homens, 195 mulheres e 473 menores.

Entre elles foram encontrados 5 sem passaportes, que se introduziram a bordo clandestinamente. Remetto n'esta data ao Governador Civil de S. Miguel o termo lavrado n'este consulado com referencia a este facto e cuja copia vae inclusa.

Como de costume os 5 clandestinos foram postos á disposição consulado, e exceptuando 1 de menor idade, que ficou em Honolulu, todos os mais acompanharam seus parentes para as plantações.<sup>58</sup>

Apesar do perfil do emigrante, ser visto numa perspectiva masculina, na realidade os custos das passagens e os riscos das viagens, levavam a que os homens partissem deixando para trás a restante família. Contudo, a emigração para o Hawaii, a partir da referida Convenção, fez modificar em grande parte esta postura: os contratos incluíam a passagem, não apenas do trabalhador, mas também a da sua família, apesar de os documentos serem muitas vezes dúbios nesta matéria. Também se assistiu à partida de mulheres emigrantes, e

---

do Sr. António de Sousa Canavarro, Consul portuguez em Hawaii, ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros. 26.

<sup>58</sup> Officios e relatorios do Sr. António de Sousa Canavarro, Consul portuguez em Hawaii, ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros. 23.

as famílias iam na maior parte das vezes juntas. Era também assinalável a quantidade de menores que partiam nestas levadas, adolescentes que facilmente arranjavam trabalho nas plantações. Estes últimos, assim como as mulheres, conseguiam, por vezes, arranjar trabalho em melhores condições, nos centros urbanos. Os contratos, dependendo da leitura que se fazia dos mesmos, permitiam ou não que as mulheres e crianças trabalhassem fora das plantações:

[...] O contrato com estas alterações só hoje me foi enviado, do contrario teria eu mesmo respondido a esta pretensão de que bem se percebe a intenção repugnante. Obrigavam deste modo as mulheres e os filhos, sobre os quaes não têm o menor direito, por isso que a junta não os quer contratar a serem forçados a trabalhar para elles por um preço fixo que entre si combinariam e com certeza inferior ao que qualquer d'elles póde obter, por exemplo, em Honolulu, aonde todos desejam creados portuguezes.<sup>59</sup>

Estas gentes eram na sua maioria, para não dizer na totalidade, bastante pobres e completamente analfabetas. Isto trazia imensos problemas, como o registo dos seus próprios nomes. À chegada, como não sabiam soletrar os seus nomes aos encarregados da imigração, estes por vezes registavam-nos com variações ortográficas. Esta é a razão pela qual um elevado número de nomes de origem portuguesa ainda hoje prolifera no Hawaii. Também a troca de documentos, entre familiares ou amigos, eram frequentes, originando os mais diversos problemas. Não tinham o menor conhecimento do teor escrito nos contratos, que também por vezes vinha em nomes de pessoas que não eram as portadoras dos mesmos. Estas pessoas que chegavam a um país distante não conheciam a língua e eram muitas vezes prisioneiras da sua ignorância e do medo:

Alguns trazem passaportes obtidos em nome de pessoas que se acham em S. Miguel. Muitos contratos, visivelmente destinados a uma outra pessoa, cujo nome vem riscado com traços a tinta, são quasi indecifráveis; n'outros uma mulher viuva tem o

---

<sup>59</sup> Offícios e relatórios do Sr. António de Sousa Canavarro, Consul portuguez em Hawaii, ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros. 13.

consentimento do seu marido para se contratar. Sabendo-se que a bordo muitos d'elles trocaram entre si os contratos, pôde-se julgar os embaraços que resultam de tanta confusão.”<sup>60</sup>

Quando existia alguma supremacia masculina nos grupos de emigrantes, isto levava a um maior contacto com as origens. Estes remetiam para as famílias o dinheiro que conseguiam poupar, obviamente a muito custo e privações, o que permitia a posterior reunião familiar. Estas remessas de dinheiro eram já nesta altura significativas, mas não contribuíram para o desenvolvimento económico de Portugal de então:

Dizia-lhes que, segundo a lei portugueza, era evidente n'este contrato a transferencia de serviço e que não podia affirmar elle fosse acceto em Portugal sem alguma restricção; que considerava o ordenado de 18 dollars insufficiente para um emigrante com familia, para o qual pelo menos 20 eram necessarios, e que bem sabiam que em algumas plantações, recebiam 9 dollars de ordenado e 11 para sustento, o que perfaz os 20 que effectivamente são indispensaveis. Os generos alimenticios são caríssimos n'este Paiz, e que fiquem bem prevenidos os que desejam emigrar que é só á custa de muitas privações que alguns têm mandado dinheiro para as suas familias dos Açores. Tem-se feito com isto um verdadeiro reclame, mas é esta a verdade.<sup>61</sup>

A população aumentava de uma forma muito acentuada, como se estivesse a cumprir os preceitos da doutrina católica cristã — o cresci e multiplicai-vos. Aqui há como uma adaptação às circunstâncias — ide, conheci novos povos e ensinaí aos outros. Se com todas as dificuldades económicas as famílias eram já tão numerosas, com a perspectiva de trabalho certo, condições de alojamento e comida incluída, eram novos factores para uma maior fecundidade.

A população portuguesa rapidamente inverteu a situação do decréscimo da população e, como em determinadas teorias, a população é uma variável, entre outras, do sistema social, e também parte integrante de um estado, como já referido. Há autores, como Francis Bacon e Thomas Hobbes, que defendem

---

<sup>60</sup> Officios e relatorios do Sr. António de Sousa Canavarro, Consul portuguez em Hawaii, ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros. 7.

<sup>61</sup> Officios e relatorios do Sr. António de Sousa Canavarro, Consul portuguez em Hawaii, ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros. 12.

que deveria haver um equilíbrio entre a população e os recursos. Esta disparidade pode trazer focos de pobreza; contudo, outros defendem que para contrariar estas questões, uma das soluções é a emigração, considerada por outros um “falso remédio”, dado que esta traz algum consolo mas não a solução para os problemas.

Estas movimentações, de grande número de pessoas, traziam problemas e conseqüente acréscimo de trabalho para o consulado. O cônsul queixava-se que os imigrantes portugueses não se inscreviam no consulado, não havia registo dos nascimentos, nem dos óbitos ocorridos dentro da comunidade que representava. A particularidade de o território ser insular, tornava essa tarefa mais difícil. O cônsul decidiu que uma forma de ter um maior rigor e controlo sobre o número de imigrantes, era registá-los logo na sua chegada, elaborando listas de passageiros, mesmo que isso não significasse o mesmo número de inscrições consulares, assunto completamente diferente.

A inscrição consular tinha a função de recenseamento e dar melhores condições no apoio consular, mas a mesma não era obrigatória. Esta inscrição também era útil, quando familiares ou amigos procuravam outros, e sentiam necessidade de um reencontro, o consulado fazia os contactos necessários para que a reunião fosse possível.

Por outro lado, comunidade via no consulado uma porta aberta, onde poderia procurar ajuda para os mais diversos assuntos, por vezes estavam fora do âmbito do mesmo, mas encontrava aí, uma resposta ou um encaminhamento mais apropriado para a resolução dos mesmos. Era solicitada a intervenção do consulado para resolver questões laborais, pois acontecia com alguma frequência o incumprimento dos contratos entre o empregador e o assalariado.

A solicitação de ajuda consular, estendia-se às questões de problemas particulares de saúde, e outros relacionados com a educação das crianças, não fazia parte das funções do cônsul, mas estas questões eram reais e prementes, e para as colmatar o cônsul incentivou a criação de associações mútuas que iriam preencher este vazio em questões de ajuda social. Muitos

destes problemas, antes da existência do consulado nas ilhas eram minimizados pelas missões religiosas, principalmente católicas.

Os problemas com a justiça, quando o grau de escolaridade é baixo ou inexistente, e as dificuldades no entendimento da língua, agudizam sempre estas situações, aí o Consulado de novo aparece como uma bóia de salvação, apesar de a sua função ser de acompanhamento e não nas decisões da justiça. Mas este caso da justiça é muito importante, e se a sentença implicar a prisão, ainda tem aos olhos dos implicados um carácter mais salvador. É necessário fazer os contactos com a família, a verificação do estado de saúde física e mental, da necessidade ou não de cuidados médicos, apoio na procura de ajuda jurídica, auxílio nas barreiras linguísticas e demais trâmites necessários.

A população portuguesa começava a ter um determinado relevo na sociedade havaiana, poucos anos após as primeiras chegadas dos barcos, com grande número de famílias que começavam a inverter a tendência do decréscimo da população, confirmando assim as previsões de Jason Perry. Contudo, o governo do Hawaii reconheceu que poderia melhorar os termos do acordo, fazendo uma tentativa para que isso viesse a acontecer:

A situação criada por este tratado devia ter deixado de ser considerada satisfatória com o decorrer do tempo, pois em Outubro de 1894 partiu de Washington para Lisboa Larrin A. Thurston como enviado da então República Havaiana, com o fim de tentar um novo acordo que assentasse em bases mais sólidas a emigração organizada. Nos fins desse mês, foi recebido pelo rei D. Carlos e teve conversações com o Ministro dos Negócios Estrangeiros. Thurston apresentou um esboço de tratado que permitisse também ao Havai comerciar directamente com as colónias portuguesas, ao que lhe foi respondido pelo ministro, não impedia contudo que se fomentasse a emigração da metrópole ou de qualquer colónia para o Havai, independentemente da assinatura de um possível acordo comercial. A agitação política que então dominava as Cortes não possibilitou a discussão do assunto<sup>62</sup> e Thurston partiu para o Porto com o propósito de coordenar a ida para o Havai

---

<sup>62</sup> Thurston acabou por regressar a Washington, em princípios de Janeiro de 1895, sem ter conseguido finalizar o tratado.

de 1400 emigrantes nortenhos. Quando, todavia, os emigrantes chegaram à cidade, souberam que teriam de aguardar dez dias pelo vapor. O atraso permitiu aos engajadores que normalmente se dedicavam ao tráfico com o Brasil persuadir a maior parte dos emigrantes de que no longínquo Havai seriam escravizados. Como consequência, só 140 homens, com algumas mulheres e crianças, se decidiram a partir. Para amortizar um pouco o custo do frete, o vapor tocou então nos Açores ou em Cabo Verde<sup>63</sup>, onde embarcaram clandestinamente cinquenta ou sessenta homens. Quando o barco chegou a Honolulu, o cônsul de Portugal apresentou um protesto, que não foi atendido.<sup>64</sup>

A observância do cumprimento ou não dos contratos era uma tarefa à qual o Cônsul dava sempre uma enorme importância. O envolvimento era tanto que o mesmo Cônsul reconhecia e exigia da junta de imigração que ele próprio fosse ouvido para a elaboração de um contrato tipo aceite pelos proprietários das plantações.

O Cônsul dava parecer sob determinadas cláusulas que lhe pareciam dúbias ou passíveis de gerarem problemas futuros, fazia inclusivamente sugestões de alterações aos mesmos, e sugere também que os contratos deveriam ser feitos através da junta de emigração, e não nos Açores, directamente entre os plantadores e o emigrante, contrato esse que também envolvia os capitães dos barcos que faziam o transporte destes emigrantes.

O Cônsul refere em alguns dos seus ofícios, que dirige ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, a necessidade da existência do consulado, e do total abandono a que estes compatriotas estavam votados. De novo por mera comparação, o seu amigo Eça de Queirós tinha passado por uma situação idêntica, anos antes, em Havana:

Em 20 de Dezembro chegava a Havana e, ao comunicar ao Ministério a sua chegada, prestou logo informações gerais sobre a situação dos emigrantes chineses embarcados em Macau, cujos problemas justificavam bem a permanência de um cônsul de carreira naquela cidade.

---

<sup>63</sup> Dados extraídos da obra do próprio Larrin A. Thurston. *Memoirs of the Hawaiian Revolution*. Honolulu, 1936. Nela se menciona ter o barco tocado em “one of the Western Islands, of the Coast of Africa”. *Western Islands* é uma expressão que na época se aplicava sobretudo aos Açores. A referência à costa de África faz, contudo, presumir que se trate de Cabo Verde.

<sup>64</sup> Eduardo Mayone Dias. *A Presença Portuguesa no Havai*. Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa. III Série — Nº 87 — 1º tomo — 1981. 10-11.

Com efeito, havia em Cuba mais de cem mil chineses que, tendo emigrado para aquela ilha através do porto de Macau, de acordo com o regulamento de emigração daquela possessão portuguesa, estavam colocados sob a protecção do consulado de Portugal em Cuba.<sup>65</sup>

As más condições durante a viagem, a alimentação não sendo suficiente nem de qualidade, os açorianos sentiam a falta do pão que o transportador dizia não se poder fazer a bordo. E deixavam isso expresso em abaixo-assinados que entregavam ao Cônsul. Era natural que pessoas com tantas dificuldades, falta de conhecimentos e analfabetas, pudessem fazer valer os seus direitos. Era total a sua incapacidade que alguns imigrantes teriam de trazer à barra dos tribunais determinadas questões laborais, nomeadamente o incumprimento dos contratos que referiam também as condições de transporte:

Interroguei-os a todos e tomei os depoimentos de alguns. Posso affiançar a V.Ex<sup>a</sup> que grande parte d'elles ignora completamente o que fizeram, e que muitos deram apenas o seu nome na agencia, recebendo á ultima hora a bordo o seu contrato, sem terem apparecido em casa do tabellião. Algumas mulheres casadas vem com destino de se juntarem aos seus maridos, podendo apenas dizer o seu nome e ignorando em que plantação, ou ao menos em qual das ilhas elles trabalham. Trata-se agora de os procurar, o que não é facil. O numero de mulheres e creanças forma approximadamente metade da totalidade. Os homens são fortes, e realmente impressiona ver uma colonia tão completa em proveito de um Paiz estranho. Elles mesmos dizem que não teriam duvida em emigrar para alguma das nossas colonias, do momento que lhes dêem os meios de o poder fazer e as vantagens que aqui lhes offerecem. Um bom esforço do nosso Paiz desviava esta corrente de emigração, bem mais proveitosamente para nós.<sup>66</sup>

O Cônsul era incansável e deslocava-se às outras ilhas, não era em Honolulu que se encontravam as plantações, para indagar das condições de trabalho dos emigrantes, e também das suas necessidades, até porque relatos das más condições de trabalho já tinham chegado a Portugal assim como a outros países europeus, como são o caso da Inglaterra e Suécia, tendo alguns países enviado representantes diplomáticos para verificarem tais situações. Os

---

<sup>65</sup> José Calvet de Magalhães. *Eça de Queiroz. A Vida Privada*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2000. 92.

<sup>66</sup> Offícios e relatórios do Sr. António de Sousa Canavarro, Consul portuguez em Hawaii, ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros, officio de Honolulu, 15 de Setembro de 1882. 8.

padres das missões muitas vezes faziam de figura protectora para estes novos colonos, que por sinal com enorme cariz religioso, procuravam neles algum conforto. Quando o Cônsul fazia as suas visitas, era recebido com entusiasmo e com manifestações de agradecimento por parte dos emigrantes:

[...] A meu ver, é este um meio de se chegar a um bom resultado. Além d'isso, e é este um ponto importante, a auctoridade consular poderá assim exercer-se de um modo mais efficaz e vantajoso para o colono. A ingerencia do Consul no contrato que julgo indispensavel exigir-se, dá-lhe occasião a obter uma certa dependencia da parte do plantador, que naturalmente reverte em favor do emigrante. Poderá o Consul, sabendo quaes as plantações em que se commettem abusos, não ratificar o contrato e emfim exercer uma maior influencia que é de conveniencia alcançar. Eu entendo mais que para os homens tão simples e ignorantes, lançados sem consciencia em aventuras d'este genero, é preciso que as auctoridades se constituam seus tutores e que portanto tenham o direito de exigir na redacção dos contratos tudo que se entenda lhes pôde dar aqui mais segurança.

Terminarei dizendo a V. Ex<sup>a</sup> que tenho recebido as provas de um verdadeiro contentamento pela minha chegada da parte da colonia portugueza em Honolulu, que até hoje se considerava realmente abandonada. Os padres da missão franceza têm sido só até hoje os seus protectores desinteressados. A maior parte dos portuguezes acha-se nas outras ilhas; n'esta são relativamente em pequeno numero.<sup>67</sup>

As necessidades eram tantas que um ano após a sua chegada o Cônsul achou por bem organizar uma sociedade que pudesse gerir um fundo de ajuda na doença aos emigrantes mais desafortunados:

Com os imigrantes do vapor *Hankow* adoptei uma medida, que lamento não ter começado por occasião da chegada dos primeiros vapores, e que é vantajosa par elles todos. Propuz-lhes que, sendo gratuitos os seus titulos de nacionalidade, cada um dos homens desse 1\$000 réis por uma vez para formar um fundo, com que mais tarde possam ser socorridos em caso de quebra de contrato por doença, para as viúvas por morte de seus maridos, ou para ajuda do pagamento no hospital, porque o plantador é obrigado a cural-os na palantação o não os manda para o hospital, para aonde muitos querem ir. Os plantadores promptificaram-se a adiantar estes 1\$000 réis áquelles que o quizessem pagar, e até hoje já tenho em meu poder 204\$000 réis recebidos dos plantadores. Dois d'estes mandaram-me o

---

<sup>67</sup> Officios e relatorios do Sr. António de Sousa Canavarro, Consul portuguez em Hawaii, ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros, officio de Honolulu, 15 de Setembro de 1882. 10.

dinheiro e promettem não o descontar aos seus colonos se elles se conduzirem bem.  
[...]Estou, por isso, tratando de organizar a sociedade de soccorros mútuos portugueza, de modo que se possa habilitar a ter a sua parte nos fundos que são votados, como soccorros, ás sociedades estrangeiras pelo parlamento. Com a sua organização actual não tinham direito a receber, por isso que só os membros da sociedade eram soccorridos em caso de doença, e o Governo só contribue para as instituições de beneficencia geral.<sup>68</sup>

Não parece necessário fazer qualquer reparo à actuação de António de Sousa Canavarro, pois as situações apresentadas ilustram a realidade que ele aí encontrou aquando da sua chegada a Honolulu para ocupar o seu posto. Durante os primeiros três anos muito trabalho teve que desenvolver até que a comunidade, que muito dele dependia, conseguisse uma adaptação e integração na sociedade havaiana da altura. É notório o seu esforço para a criação de estruturas e meios que pudessem suportar uma ajuda plena aos membros da comunidade portuguesa que procurou naquelas ilhas uma vida melhor. No bom sentido, ele teria ultrapassado as competências que lhe seriam garantidas por uma Convenção muito posterior a esta altura, a Convenção de Viena, sobre relações consulares, (artigo 5 – Funções Consulares – alínea e), apenas refere que ele deve: Prestar socorro e assistência aos nacionais, pessoas físicas ou jurídicas, do Estado que envia.

Dois anos após a sua chegada relata a sua preocupação com a saúde da comunidade, dando conselhos sobre o comportamento higiénico sanitário. A lepra era uma doença que estava a afectar a comunidade chinesa e nativa: angustiava-o o facto de os leprosos serem abandonados na ilha de Molokai, para aí passarem o resto dos dias das suas vidas. Mas demonstra também enorme contentamento pela oferta escolar e refere a frequência das escolas por parte das crianças portuguesas:

---

<sup>68</sup> Officios e relatorios do Sr. António de Sousa Canavarro, Consul portuguez em Hawaii, ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros, officio de Honolulu, 10 de Outubro de 1883. 30.

Honolulu, 16 de setembro de 1884. – Ill.mo e Ex.mo Sr. – [...]

O numero de escolas, posto que tenha augmentado, é já hoje sufficiente para a extrordinaria quantidade de filhos de emigrantes. Só n'uma das plantações 70 creanças portuguezas frequentam a que ali se acha estabelecida. Evidentemente mais precoces que as de outra qualquer nacionalidade, causam o espanto de todos pelo seu desenvolvimento e sobretudo pela extrema facilidade com que aprendem as línguas kanaka e ingleza.<sup>69</sup>

A colónia do Havai tinha uma forte animação cultural e associativa, que aumentava sempre que navios das frotas naval e mercante portuguesa aportavam a Honolulu. No ano de 1912 contava com nomes de destaque, entre os quais o cônsul honorário<sup>70</sup> A. De Sousa Canavarro.<sup>71</sup>

---

<sup>69</sup> Offícios e relatórios do Sr. António de Sousa Canavarro, Consul português em Hawaii, ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros, officio de Honolulu, 16 de Setembro de 1884. 49.

<sup>70</sup> Não foi possível encontrar qualquer indicação que o Cônsul Geral António de Sousa Canavarro fosse por altura de 1912 Cônsul Honorário.

<sup>71</sup> Serrão, Joaquim Veríssimo Serrão. *História de Portugal – O Terceiro liberalismo (1851-1890)*. Lisboa: Editorial Verbo, 1986, 118.

## **Capítulo 3 – A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA NO SÉC. XIX E O IMPACTO NA POPULAÇÃO HAVAIANA**

### **3.1. EMIGRAÇÃO MASCULINA ENTRE OS SÉCULOS XIX-XX**

Se a pátria se derivava da Terra,  
que é a mãe que nos cria.  
havia de chamar-se mátria.

Padre António Vieira

O português é órfão de pai, não pela sua morte física, mas pela sua ausência: é uma orfandade psicológica. O pai partiu com a promessa de regressar, ou da reunião familiar posterior no local para onde partiu. Mas as promessas ficaram muitas vezes por cumprir, e quando se dá o reencontro, o pai é como um estranho. Ele não é o herói que venceu e encontrou um lugar idílico para todos viverem em harmonia.

Este partir sozinho do pai, do irmão mais velho, do homem em geral, é histórico, e vem desde a expansão até ao século XX. A mulher ficava para trás, estava mesmo proibida de acompanhar o marido, ela se possível partiria mais tarde para se juntar a ele. Os solteiros levados pelo encanto de outras paragens e o exotismo das mulheres locais, casavam ou juntavam-se com mulheres indígenas. Houve sempre quem optasse por ir casar à pátria ou Metrópole, alguns já tinham algum património e queriam constituir família e ter um filho, de preferência varão, para assegurar a gestão e herança do património. Outros que casavam com as poucas mulheres portuguesas, que de alguma maneira foram obrigadas a emigrar, na sua maioria órfãs e mães solteiras.

O português não se coibia de se relacionar com mulheres negras ou de outras raças. As uniões entre os portugueses e mulheres indígenas eram bem vistas pela Igreja, desta forma mais crentes entravam no seio da igreja católica.

Esta emigração masculina criou problemas sociais, limitou as oportunidades de casamento para as mulheres, que geralmente não abandonavam os seus locais de origem. Além disso, o número elevado de órfãos e filhos bastardos são também problemas indirectos que esta emigração originou.

Ao longo da História, as mulheres estiveram sempre presentes; contudo, sempre num lugar de inferioridade: as decisões não lhes diziam respeito, eram seres considerados inferiores, e tinham como papel principal a procriação e assim assegurar as gerações futuras. Esta situação chegou até ao século XX, a mulher teve sempre que pedir autorização ao marido para sair do país, dependia dele todas as decisões da sua vida, ela tinha a seu cargo os filhos, enorme responsabilidade tendo em conta o forte peso da moral cristã, e o número elevado de filhos.

Foi esta particularidade da capacidade da mulher gerar e criar um número elevado de filhos, que serviu de atractivo ou vantajoso para o rei Kalakaua, quando lhe foram recomendados os portugueses como potenciais povoadores das suas ilhas. Esta emigração não se enquadra no mesmo tipo de colonização e emigração, que historicamente nos foi sendo transmitida ao longo dos anos.

Um país com uma população tão pequena não podia assegurar o povoamento ou colonização dos territórios que a Coroa queria reclamar para si. Não se podia dar ao luxo de deixar partir todos. Eram os homens, marinheiros, comerciantes e outros que tinham o direito a sair do País. Muitas feitorias e muitos entrepostos comerciais com enorme presença portuguesa não deixaram de ser apenas locais de passagem ou de comércio, dado que não era humanamente possível ir mais além. A Coroa também não podia controlar plenamente esses territórios, nem tirar daí dividendos, devido à distância, mas nunca enviou dotações suficientes para manter uma presença administrativa

que pudesse zelar pelos seus próprios interesses. A Coroa quando quis marcar a sua presença nessas longínquas paragens, não tinha meios para oferecer condições excepcionais que motivassem a partida. Não obstante isto, o desconhecido atraiu alguns que partiram pelos mais diversos motivos, na busca não só de aventura, mas também de hipotéticas melhores condições de vida:

Assim, a política da coroa, de impedir a partida das mulheres, respondeu ao que parece ter sido uma política pensada, mas também ao que seria provavelmente o anseio do povo, que, de contrário, não o teria aceite naquelas proporções.<sup>72</sup>

A mulher, perante a emigração em massa dos homens, foi sendo obrigada a desempenhar múltiplos papéis em relação à casa e à família. Teve que se ocupar de trabalhos duros, que antes estavam reservados aos homens, tratar da terra, cuidar do gado e, quando o fruto desse trabalho o permitisse, proceder ao transporte e comércio dos bens produzidos. Muitas tinham ainda que criar os filhos, na realidade eram órfãos de pai, elas próprias se consideravam viúvas de maridos vivos.

---

<sup>72</sup> Maria Belo. *Filhos da Mãe*. Lisboa: Edeline, 144.

### 3.1.1. A emigração masculina em Portugal à época

Com efeito, manter-se-á até ao início dos anos 60 do século XX este costume de os homens partirem sós, jovens (antes ou depois do serviço militar) ou por volta dos 40 anos. Neste caso levavam apenas os filhos varões já em idade de bastarem, deixando mulheres e outros filhos.<sup>73</sup>

Curiosamente o país receptor não era mais do que uma oportunidade de trabalho, não estava assim tão associado a um desenvolvimento económico e tecnológico, não era isto que norteava a emigração. Contudo, era um dado corrente que a emigração estava associada ao atraso económico do país de origem, os emigrantes eram como representantes dessa mesma pobreza, e a par dela caminhava o analfabetismo, a ignorância e até um certo obscurantismo.

Assim, o atraso económico, com a respectiva repercussão de miséria, analfabetismo e a conseqüente escassez da capacidade individual, levantavam a questão da necessidade de uma atitude de moral paternalista em relação ao emigrante que, com a agravante do desconhecimento, mesmo ignorância total, sobre o que o esperava nos países para onde emigrava, chegava totalmente desamparado, e era aí que um consulado, por exemplo, desempenhava um papel primordial.

Na verdade, a incapacidade do país em assegurar um bem-estar às populações, em fazer prevalecer e cumprir as leis aprovadas, leva os homens a partir, e a sua ausência leva a fazer-se um paralelismo com o país: ambos sofrem pela ausência de uma capacidade de exercer a sua autoridade. O país e o pai na verdade são elementos psicológicos tendo em conta que eles não conseguem mostrar a sua força e concretizar na realidade algo que se esperava ser físico.

A esta emigração não lhe era dada grande importância, mas este fenómeno era tido como um sintoma da desordem sociopolítica e económica dos países emissores. Por outro lado, por parte das instituições, talvez como

---

<sup>73</sup> Maria Belo. *Filhos da Mãe*. Lisboa: Edeline, 145.

forma de desresponsabilização, a emigração era vista como uma decisão individual e, como tal, o acto de emigrar não era mais de que uma atitude de cidadania.

Era primordial para o emigrante saber ler e escrever e ter capacidade de pagar a sua viagem, situação muitas vezes inexistente. Contudo, esta era a única forma de não cair nas garras dos *engajadores* e empregadores sem escrúpulos. No caso do Hawaii, os contratos estavam em língua inglesa o que dificultou ainda mais a situação.

Foram feitas leis que protegiam os escravos por um lado. Contudo, não foram feitas quaisquer leis que protegessem os colonos. A Coroa e a Igreja criaram legislação que protegia na verdade o seu negócio, os escravos, e por isso foi preciso proteger o objecto desse negócio. Este assunto era abordado de um ponto de vista financeiro, enquanto por outro lado, os colonos brancos eram deixados à sua sorte, era mais importante um escravo que um colono.

No Hawaii até à criação do primeiro consulado do reino de Portugal no reino do Ilhas Havaianas, os emigrantes portugueses encontravam-se aí remetidos à sua sorte, sem qualquer tipo de protecção:

Esses colonos portugueses que tiveram de deixar o país para fugir à mãe que nenhum pai interditava e de quem nenhum pai protegia, encontraram no escravo africano o modelo que lhe ensinou *de onde e como desejar*. E na mulata o corpo permitido, a mulher mãe dos seus filhos.<sup>74</sup>

Há aqui uma certa semelhança entre estes referidos colonos e os primeiros emigrantes com contratos que chegavam ao Hawaii:

Entre os brancos estabelecidos nas referidas ilhas, contam-se uns quinhentos portugueses, naturaes, na maior parte, dos Açores, os quaes allí foram como marinheiros de baleeiras

---

<sup>74</sup> Maria Belo. *Filhos da Mãe*. Lisboa: Edeline, 140.

americanas, e tendo acabado o seu tempo de serviço, preferiram estabelecer-se alli.<sup>75</sup>

Os primeiros contratados, na sua maioria analfabetos, assinavam contratos sem saberem o seu total conteúdo, ou até ignorando mesmo partes do contrato. O analfabetismo trouxe imensos problemas a estes emigrantes. O fim da escravatura teria levado a que os antigos negreiros vissem nestes imigrantes uma continuação do negócio, neste caso uma forma de escravatura branca. Os emigrantes facilmente caíam nas mãos de empregadores menos escrupulosos, que os obrigavam a cumprir cláusulas inexistentes, tudo devido à sua completa ignorância. Muitos cumpriam prazos de trabalho que não constavam no contrato; havia também os custos da passagem, que nalguns contratos diziam que eram por conta do empregador. Contudo, este último não cumpria essa cláusula e os contratados ficavam assim ligados por uma questão de uma pressuposta dívida. Havia também empregadores que não deixavam as mulheres dos contratados trabalharem fora das plantações e ainda outros atropelos aos direitos destes trabalhadores.

Para o Hawaii foram os portugueses que fugiam não da mãe, mas da “mátria”, que na verdade tinha uma postura de madrasta. Numa postura masculinizada era o chefe, o pai, a autoridade, neste caso sem força para o ser, que não criava condições dignas para um bom viver dos seus filhos. Aqui na verdade quem fugia era a família na sua totalidade: todos corriam para um hipotético Paraíso, um tipo de pai idílico. A viagem era longa, chegavam a demorar quase seis meses, desciam todo o Atlântico em veleiros sem nenhuma condições, dobravam o difícil cabo Horn, para iniciarem a subida do Pacífico. Nascia e morria muita gente a bordo, por vezes os números eram impressionantes.

---

<sup>75</sup> *Breve notícia acerca das ilhas de Sandwich e das vantagens que ellas offerecem à emigração que as procure.* Funchal: Typographia Liberal, 1878. 10.

### 3.1.1.1. Desequilíbrio demográfico

Nesse caso, dir-me-ão: Se é impossível viver aqui em Portugal, vai-se para o estrangeiro. Não há dúvida, era uma solução. Era mesmo a única.

Simplesmente, também é impossível. Só não é impossível para essa chusma de desgraçados que vieram a este mundo para não saberem nunca nada de nada, essas levas de degredados sem escolta, os quais abandonaram as terras ingratas onde nasceram e trabalharam e que, derrotados pela realidade e cheios de razão, vão para longe à procura de terras estranhas mais leais do que as da sua própria Pátria [...].<sup>76</sup>

Estávamos perante a falta de autoridade, responsabilidade e obrigação por parte da pátria em dar condições de vida a estas populações que apenas viam na emigração a forma de melhorarem o seu nível de vida. Nota-se o tom crítico do Cônsul que se indignava porque o País não canalizava esta mão-de-obra tão útil para o próprio país, para outras zonas do território ou até das colónias, onde se oferecessem condições idênticas, decerto levaria as pessoas a equacionarem o facto de partirem para tão longe da pátria e da restante família e dos amigos.

O número de mulheres embarcadas acompanhando o marido e a família era significativo, era uma realidade sempre destacada em documentos que assinalavam a chegada de mais imigrantes a estas ilhas.

Além disso, os casamentos fora da comunidade portuguesa começaram a surgir, os poucos homens solteiros, tinham a liberdade de escolher a noiva entre a comunidade portuguesa, alguma conhecida na terra natal e obviamente uma noiva local. Também começaram a aparecer os casamentos entre mulheres portuguesas e homens fora da comunidade portuguesa, neste último

---

<sup>76</sup> Pedro Calafate. *Portugal como Problema*. vol. IV Século XX – *Os dramas de alternativa*. Lisboa: Fundação Luso-americana e Público, Comunicação Social, 2006. 155.

caso mais tarde veio a ser encarado como uma traição, e algumas vezes estas mulheres eram deixadas fora devido à sua condição de casamento com estrangeiros ou nativos, aquando da formação de núcleos e associações portuguesas.

Os portugueses também foram escolhidos por serem considerados mão-de-obra barata; os outros europeus tinham níveis de vida superiores e não aceitariam tais condições. Era óbvio que a *orientalização* da população das ilhas, os chineses, japoneses e filipinos eram cada vez em maior número. Por outro lado, também a quase exclusividade de emigração masculina representava um certo perigo, levando à preferência pelos portugueses que emigravam em massa, com a família, por sinal numerosa, adaptando-se depressa. Cedo os portugueses também conseguiam deixar o trabalho duro das plantações, dedicando-se assim a pequenas empresas agrícolas que no entanto iam criando:

Embora os esforços do governo havaiano para promover uma emigração portuguesa sistemática só tivessem começado a dar fruto em 1878, as primeiras tentativas datam de dois anos antes. O desenvolvimento da indústria açucareira dependia sobretudo da possibilidade de contratar mão-de-obra barata. Por algum tempo, a emigração chinesa, iniciada em 1852, resolveu o problema. A vinda maciça destes trabalhadores gerou, contudo, certo alarme nas ilhas, não só quanto à plausibilidade de uma excessiva *orientalização* da população local, como também quanto ao risco que poderia representar um numeroso núcleo constituído quase exclusivamente por homens sem família. Pensou-se então em fomentar a emigração de agregados familiares europeus, mas os salários oferecidos nas plantações eram demasiados baixos para atrair uma forte corrente europeia que contrabalançasse o «perigo amarelo». Os únicos europeus dispostos a aceitar trabalho nas ilhas por dez dólares mensais, mais alimentação, habitação e assistência médica, foram os portugueses.<sup>77</sup>

Não podemos inserir as ilhas havaianas no continente americano, nem nos Estados Unidos da América: a sua anexação só viria a ocorrer quase na entrada do século XX. As ilhas pertencem geograficamente à Polinésia e, por

---

<sup>77</sup> Eduardo Mayone Dias.. *A Presença Portuguesa no Havai*, Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, III Série – Nº 87 – 1º tomo – 1981. 6.

consequente, à Oceânia. Referimo-nos a estas ilhas como destino dos emigrantes portugueses, e à ligação inicial que os mesmos tinham à indústria baleeira, apesar de não serem os primeiros a começar essa actividade por essas paragens. Já em meados do século XVII um grupo minoritário chegava aos Estados Unidos e seriam eles a iniciar a indústria baleeira, acabando por se juntarem a estes de uma forma ou outra. Existe também uma certa semelhança entre a vida ligada ao mar nestas ilhas irmãs das ilhas açorianas, donde provinham grande parte destes imigrantes, alguns deles também anteriormente ligados à indústria baleeira:

Em 1654 aqui desembarcou um grupo de judeus vindos do Brasil. Os judeus, cujo papel na indústria açucareira no Norte do Brasil foi de grande destaque, tinham colaborado com os invasores holandeses que lhes ofereciam maior liberdade religiosa. Porém, nesse mesmo ano de 1654, os portugueses reconquistaram a região ocupada pelos holandeses e muitos judeus fugiram para as Guianas, Jamaica, Curaçao e mesmo para a Holanda. Um grupo de vinte e três decidiu, então, embarcar para Nova Amesterdão, actual Nova Iorque.

Os primeiros imigrantes portugueses na América foram, assim, mercadores judeus da cidade de Nova Amesterdão, e é curioso notar que a vinda destes portugueses-expulsos anos antes do Continente – marca também a chegada dos primeiros judeus à América. Simultaneamente, são eles que iniciam a indústria baleeira, razão que levou aos Estados Unidos, no século passado, quase todos os portugueses, cujos descendentes ainda hoje lá se encontram, como adiante se verá.<sup>78</sup>

O número de portugueses nas ilhas do Hawaii era já significativo nos finais do século XIX, e os nascimentos que aqui ocorreram, superavam os nascidos na terra natal. Na realidade, um dos factores assinalados ao rei, aquando da assinatura do tratado com Portugal, era a capacidade de as famílias portuguesas contribuírem para o aumento da população.

Pelo relatório que o cônsul português enviava para Lisboa, pode-se imaginar como a resolução de um problema demográfico que as ilhas havaianas estavam a sofrer acabaria por criar no outro lado esse mesmo problema demográfico. Era impressionante o número de crianças que viajava para estas ilhas; também a mortalidade entre mulheres e crianças era enorme,

<sup>78</sup> Helder Pinho. *Portugueses na Califórnia*. Lisboa: Editorial Notícias, 1978. 23.

os mais de três meses que de início demorava a viagem, dava espaço para um determinado número de nascimentos e mortes a bordo, não é o caso do relatório seguinte, mas por vezes o número de crianças a bordo era superior ao número de mulheres e homens juntos. Infelizmente o total de nascimentos a bordo era inferior ao número de crianças que morriam durante a viagem, era dramático para as mães, ou para as famílias, verem os seus entes queridos que faleciam a bordo ser lançados ao mar, e desta forma não podiam ter um local para chorar os seus mortos.

Honolulu, 25 de julho de 1883. – Ill.mo e Ex.mo Sr. – Tenho a honra de participar a V. Ex.<sup>a</sup> a chegada a este porto, em 7 do corrente, do vapor inglez *Hankow*, conduzindo dos Açores e Madeira, 442 homens, 298 mulheres e 675 creanças, formando ao todo um total de 1:415 pessoas. N'este numero são comprehendidos 7 adultos que embarcaram clandestinamente e que poderam subtrahir-se ás pesquisas feitas nos Açores na occasião em que alguns outros foram remetidos para a Madeir.

O capitão, tendo de receber ordem em S. Francisco sobre o destino do navio e não tendo instrucções dos agentes, não quiz responsabilisar-se a leval-os para serem entregues ás autoridades da Madeira. Os passageiros dos Açores traziam todos os seus competentes passaportes.

Vae ser remetido ao Governador Civil da Madeira o termo feito neste consulado relativo á vinda dos 7 passageiros sem passaporte.

Morreram a bordo durante a viagem 3 mulheres e 54 creanças e nasceram 20. Os grandes frios e temporaes no estreito de Magalhães e uma epidemia de sarampo foram a causa d'esta grande mortalidade; não obstante o aspecto geral dos emigrantes á chegada era optimo.

Recebi um abaixo assignado com um grande numero de assignaturas, em que se queixavam da má qualidade e insufficiencia dos alimentos, attribuindo a isto a mortalidade de um tão grande numero de creanças. Um dos signatarios apresentava mais uma lista de subscrição feita a bordo para comprar alimentos para uma irmã doente, dizendo que as dietas distribuídas eram insupportaveis.<sup>79</sup>

---

<sup>79</sup> Officios e relatorios do Sr. António de Sousa Canavarro, Consul portuguez em Hawaii, ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros, 23 de Outubro de 1882. 25.

### **3.2. Portugal: da emigração masculina à emigração familiar para o Hawaii**

Segundo o Tratado de Reciprocidade de 1876 entre o Hawaii os Estados Unidos, nas ilhas seria implantada a criação de plantações de cana-de-açúcar e, por outro lado, os Estados Unidos recebiam quase toda a produção de açúcar. Era necessário e urgente habilitar as ilhas com mão-de-obra adequada a este tipo de trabalho. Era assim que os portugueses eram vistos: braços para o árduo trabalho das plantações de açúcar. Este tratado com Estados Unidos ficou de certa forma salvaguardado, aquando da assinatura do tratado com Portugal no ano seguinte à visita do rei havaiano a Portugal, e que incluía a protecção consular como já referido, o cônsul português descrevia com um pormenor muito real as condições em que chegava essa mão-de-obra:

A chegada a este porto do vapor Hansa teve lugar no dia 9 do corrente mez. Logo que fundeu transportei-me a bordo, aonde lavrei o termo de visita, cuja copia remetto. O espectáculo que se me offereceu a bordo era realmente triste. À minha entrada sou immediatamente cercado por uma multidão de mulheres e creanças esfarrapadas, e de uma immundicie repugnante. Muitos queixavam-se da má qualidade do alimento durante a viagem, e tendo recebido da mão d'elles um abaixo assignado em que expunham as suas queixas, eu mesmo no dia seguinte o apresentei em mão propria a S. Ex<sup>a</sup> o Ministro do Interior, Presidente da Junta de Emigração.<sup>80</sup>

Assim se via a importância do primeiro consulado português em Honolulu, e foi a partir das suas intervenções que os imigrantes que chegavam ao Hawaii começaram a ver melhoradas algumas das condições com que se deparavam tanto na chegada, como nas condições em que eram transportados:

---

<sup>80</sup> Offícios e relatórios do Sr. António de Sousa Canavarro, Consul português em Hawaii, ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros, officio de Honolulu, 25 de Julho de 1883. 6.

Como os seus avós micalenses e madeirenses, como os seus oito irmãos, também Manuel Martins foi trabalhar para as plantações de açúcar. Ainda antes da Segunda Guerra Mundial, adolescente, entrou como ajudante de camionista, transportando o bagaço para rum.<sup>81</sup>

As famílias eram bastante numerosas, já não era apenas o pai que partia ou os irmãos mais velhos, era a família inteira. O ter um posto, que não apenas plantador ou cortador de cana-de-açúcar, era já um privilégio dado a alguns dos portugueses, que se destacavam pela sua qualidade de trabalho, e conseguiam alcançar a promoção de serem *lunas*, um capataz ou supervisor, cargo desempenhado normalmente por brancos, e os portugueses não eram considerados como tal.

---

<sup>81</sup> Ferreira Fernandes. *Os Primos da América*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991. 20.

### 3.2.1. Expectativas na chegada

Os mercadores árabes transportavam cana-de-açúcar para a África Oriental e para a Europa, onde era cultivada perto de Grana da, no século XII, no Algarve, quando ainda se encontrava sob domínio muçulmano, tendo sido levada por Colombo para Hispaniola, na sua segunda viagem. Tinha já sido cultivada, durante sessenta anos, pelos portugueses (com assistência técnica de especialistas genoveses e venezianos) na Madeira e, pouco depois, ainda no século XVI, nos Açores, nas ilhas de Cabo Verde e de São Tomé, que chegou a ser, durante um curto período de tempo, um dos seus maiores produtores.<sup>82</sup>

É indiscutível a preciosa ajuda do cônsul português no apoio à chegada destas levas de portugueses dados que estes últimos não sabiam muito bem o que os esperava. Nesta altura tinham algum apoio na fiscalização do cumprimento dos contratos de trabalho por parte dos empregadores. O cônsul assegurava-se das condições de trabalho e das habitações e das condições higiénico-sanitárias em que os mesmos eram instalados. Ele fazia questão em ser ouvido quando se procedia ao modelo de contrato de trabalho que os imigrantes no Hawaii assinavam. Ele já tinha anotado e participado às autoridades das várias falhas no cumprimento das condições de transporte, inclusivamente os próprios passageiros tinham feito abaixo-assinados que lhe foram entregues.

O baixo nível ou mesmo a inexistência de qualquer tipo de escolaridade da maior parte dos emigrantes impede-nos de ter um melhor conhecimento de alguns processos migratórios e da adaptação à nova sociedade por parte dos mesmos. Falta-nos uma visão relatada na primeira pessoa, escrita e documentada. Não se pode falar de uma literatura epistolar, de qualquer forma, existe alguma documentação desse tipo, as cartas que eram escritas à família que ficava na pátria, a correspondência com as entidades oficiais, mas não é relevante nem aporta muitos mais dados do que aqueles aqui apresentados.

A extrema ignorancia dos nossos (dos Açores é rarissimo o que sabe ler) é uma das causas que os impede de tentar sair d'este

---

<sup>82</sup> A.J.R. Russel-Wood. *Um mundo em movimento: os portugueses na África, Ásia e América (1415-1808)*. Lisboa: Difel, 1998. 244.

estado de servidão, e estranhos no Paiz, sentem-se por emquanto pouco animados. É preciso aguilhoal-os, mas ás vezes fazem deveras desanimar.<sup>83</sup>

Estes documentos pessoais fornecem sempre dados bastante úteis e interessantes, por um lado por aquilo que claramente revelam, mas também por aquilo que obviamente ocultam.

Existia um terreno fértil para o surgimento de uma literatura feminina, tendo como referencial as condições da casa, do trabalho do marido e da família em geral. A mulher neste caso não é uma vítima da História, mas sim é também uma personagem actuante. Quando se fazem registos escritos, como os diários, onde são relatadas passagens importantes e marcantes na vida dos indivíduos, tais documentos são como autobiografias que podem ter um carácter literário, e serem por isso importantes para a literatura. Contudo, também contêm elementos importantes noutras áreas como a sociologia.

A questão da adaptação do imigrante ao novo país era sempre vista do ponto de vista do homem e nunca da família, ou seja, eram os trabalhadores do sexo masculino, que emigravam, e no ponto de vista das ciências sociais foi sempre adoptado um ponto de vista masculino, o homem que saía de casa, e da pátria para proporcionar aos que ficavam uma vida melhor, com a promessa de regressar ou reagrupar mais tarde a família na sua nova pátria.

A mulher tenta trabalhar para poder contribuir para o rendimento da sua família, trabalha na plantação com o marido, mas também fora dela, onde o seu trabalho é bastante procurado e mais bem pago. Apesar do salário e as condições higiénico-sanitárias serem substancialmente melhores do que aquelas que tinham na origem, as dificuldades eram imensas para sustentar a família.

---

<sup>83</sup> Negócios Externos — Documentos apresentados às Cortes na Sessão Legislativa de 1885 pelo Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, Negocios Consulares e Commerciais, Secção VI, Emigração Portuguesa para as Ilhas Hawaiiannas, Lisboa. Imprensa Nacional, 1885. Officios e relatorios do Sr. António de Sousa Canavarro, Consul portuguez em Hawaii, ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros, officio de Honolulu, 25 de Julho de 1883. 34-35.

Os portugueses emigravam por questões óbvias: as crises políticas e económicas acabavam por afectar sempre os mais desprotegidos, obrigavam-nos a grandes esforços que incluíam o abandonarem a pátria, pois esta foi incapaz de lhes proporcionar uma vida digna e favorável; eles não tinham escolhido terem nascido, neste meio ou em outro qualquer, mas a verdade é que a pátria onde tinham nascido, tinha lhes sido madrasta:

Que oferecia o Havai que tentasse os madeirenses e açorianos? Em verdade estes iam para as ilhas do Pacífico antes de mais nada com o fito exclusivo de atalhar a uma miséria ancestral. Haviam entrado com pés de lã, e dentro de pouco, afáveis, serviçais, agentes de progressividade – todos o dizem! – estavam colaços de todo com os “indígenas” e com outras comunidades imigradas. As razões do sociólogo não curavam das razões que a razão dos emigrantes portugueses envolvia.<sup>84</sup>

Quando se vêem obrigados a partir, deixar a família e amigos, muito rapidamente o que abandonam não é motivo de preocupação, a menos que fortes elos familiares tivessem ficado para trás, com a intenção de futuro reencontro ou aproximação. A obrigação para com a pátria madrasta acaba por se desvanecer, e não ser mesmo merecida:

Não podemos deixar de ouvir aqui o eco das belíssimas palavras de António Vieira, que Pessoa muito admirava e enaltecia, quando o pregador dizia que Deus nos dera Portugal para nascer e o mundo para morrer.<sup>85</sup>

---

<sup>84</sup> Joaquim Palminha Silva. *Portugueses no Hawai – Sécs. XIX e XX (Da Imigração à Aculturação)*. Angra do Heroísmo: Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas, 1996. 30.

<sup>85</sup> Pedro Calafate. *Portugal como Problema. Volume IV Século XX – Os dramas de alternativa*. Lisboa: Fundação Luso-americana e Público, Comunicação Social, 2006. 120.

### 3.2.2. Preferência pelo trabalhador português

As qualidades de trabalho dos portugueses, especialmente dos madeirenses e açorianos, e a sua fácil adaptação à vida nas ilhas, ora não fossem eles próprios ilhéus, foram sempre ressaltadas por diversas entidades e pessoas. Esta era também a opinião do comissário da Imigração do Hawaii, William Hillebrand, o qual expressou essa mesma convicção através de uma carta que dirigiu ao Ministério do Interior do Reino do Hawaii, a 6 de Junho de 1877, na qual afirmava que, na sua opinião, o Hawaii não poderia desejar melhor classe de imigrantes do que a população da Madeira e dos Açores. Eduardo Mayone Dias também refere este facto, acrescentando que:

Anos mais tarde, a opinião sobre as qualidades dos portugueses ainda se mantinha, assim como a necessidade de contrabalançar o influxo de emigrantes chineses. Estes dois factores ressaltam claramente no seguinte parecer, expressado em 1883 pela Comissão de Trabalho da Planters' Labor and Supply Co.:<sup>86</sup>

During the coming year we shall want all the Portuguese we can obtain. They are first class laborers, and though high-priced, it is not likely that we will obtain too many of them. We need them especially as an *offset* to the Chinese; not that the Chinese are undesirable, far from it – but we lay great stress on the necessity of having our labor *mixed*. By employing different nationalities, there is less danger of collusion among laborers, and the employer, on the whole, secures better discipline. The Portuguese with their wives and children bid fair to become permanent settlers on these Islands and your Committee would suggest that every encouragement and help should be extended to His Majesty's Government in securing a larger supply of these emigrants.<sup>87</sup>

Não apenas nos nossos portos insulares, mas também nos do Continente, se fazia angariação de mão-de-obra para o Hawaii, mas eram vários os destinos que os angariadores apregoavam como, por exemplo o Brasil, e alguns dos hipotéticos emigrantes foram para este último destino, e

---

<sup>86</sup> Eduardo Mayone Dias.. *A Presença Portuguesa no Havai*, Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, III Série – Nº 87 – 1º tomo – 1981. 6/7.

<sup>87</sup> Ralph S. Kuykendall. *The Hawaiian Kingdom 1874-1893 – The Kalakaua Dynasty*. Honolulu, 1967. 147-148.

não para o Hawaii, porque eram amedrontados com o fantasma da escravatura e dureza do trabalho:

O escravo fora vendido como instrumento ou mercadoria. E não só o seu usufruto pertence ao senhor, como também a sua fruição lhe deve ser consagrada. Assim, os filhos dos escravos eram fruto de um mais-de-gozo transformado em mais valia do senhor, porque no sistema escravista é mais valia a multiplicação dos escravos.<sup>88</sup>

Assim como os filhos dos escravos eram uma mais-valia, no Hawaii as famílias numerosas, e o facto de as mulheres serem bastante férteis, serviram de argumento para a escolha dos portugueses como os imigrantes ideais para o reino do Hawaii. Existe aqui um certo paralelismo: o trabalhador que trazia a mulher consigo era já visto como uma vantagem para o incremento da força de trabalho nas plantações, até porque de início as mulheres e os filhos nascidos ou não nas plantações não podiam trabalhar fora das mesmas, onde trabalhavam os maridos; as mulheres eram mal pagas e as crianças, que muitas vezes também trabalhavam, não eram remuneradas.

---

<sup>88</sup> Maria Belo. *Filhos da Mãe*. Lisboa: Edeline, 154-155.

## Capítulo 4 - SOCIEDADE MULTI-RACIAL

### 4.1. *Evolução populacional e étnica no Hawaii*

Como já foi referido, o Hawaii faz parte da Polinésia e os seus habitantes, *kanakas* na língua local, são oriundos das mais diversas ilhas do Pacífico, desde o Tahiti à Samoa. Os historiadores salientam a semelhança fisionómica e linguística dos havaianos com os maoris da Nova Zelândia. Estima-se que tenham chegado ao arquipélago 400 anos antes da Era Vulgar. Quando Thomas Cook chegou ao Hawaii, em 1778 a população indígena rondava os 400.000 indivíduos. Um século depois, em 1878, quando começaram a chegar os portugueses, a população era uma décima parte desse número, cerca de 40.000. Esta redução dramática do número de nativos foi um dos factores que teria levado o reino a providenciar novos colonos para as ilhas, daí a conseqüente chegada de grande número de portugueses:

É por esta época (1878), que se iniciam as emigrações dos portugueses das ilhas atlânticas, Madeira, Açores e Cabo Verde, para as ilhas de Hawaii.

E essa corrente de emigrantes foi tão grande, acertou tão bem, que de 1878 a 1886 desembarcaram nas decantadas ilhas de Sandwich nada menos de 11:276 lusitanos, o que dá uma média de quasi 3,5 indivíduos por dia.<sup>89</sup>

Como sucedeu em tantas outras paragens do orbe “descoberto” pelos Europeus, a chegada dos europeus trouxe novas doenças até então desconhecidas; muitos foram dizimados pela varíola, o sarampo, a gripe e pelas doenças venéreas. O alcoolismo trouxe imensos problemas de saúde e a lepra também os afectou.

---

<sup>89</sup> Euclides Goulart da Costa. *Notas de Hawai*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921. 19.

Até que chegaram os haoles com as suas inibições, bíblias e doenças. Os marinheiros deram às belas e apaixonadas mulheres do Havai a Sífilis, e os missionários obrigaram-nas a usar muu-muus até quando se banhavam no mar, de modo que elas ficavam com a roupa molhada colada ao corpo e apanhavam constipações, gripes e pneumonias. Em setenta anos a população das ilhas passou de 300 000 para 50 000 habitantes.<sup>90</sup>

Quando os portugueses começaram a chegar de forma organizada ao Hawaii, encontraram aí uma grande mistura de etnias, para a além referida população indígena, eram já muitos os asiáticos nas ilhas: chineses, japoneses e filipinos. Os europeus e os norte-americanos já aí estavam também:

Por lamentáveis complacências dos monarcas anteriores, o branco era o senhôr de Hawaii.  
A população indígena estava já em minoria. Numa população total de 191,909 almas, só 26,041 eram hawaianos.  
Não eram as emigrações caucásica e asiática que colocavam em minoria o indígena, era o próprio indígena que se definhava, que se misturava, que se descoloria, que ia, rápidamente, desaparecendo.<sup>91</sup>

Os portugueses desempenharam um papel muito importante na alteração do mapa populacional: como referido supra, já chegavam acompanhados de um número elevado de crianças. Numa referência anterior relacionada com os relatórios do cônsul António Canavarro, este menciona que num dos barcos que aportou em Honolulu, com 1.415 passageiros portugueses, quase metade, 675 era constituída por crianças. Sem duvida que este factor traria um novo colorido, sobretudo nas escolas. Os portugueses que chegavam, em especial os dos Açores, eram quase na totalidade analfabetos, (lembremos que a rede escolar nas nossas ilhas não era das melhores). As crianças iriam frequentar escolas mesmo dentro das instalações dos campos de plantação açucareira. Anos mais tarde Albert Palmer referia-se assim ao mosaico étnico das escolas:

Educationally our problem is this: Our public schools are crowded with 48,730 children of whom 55 per cent are Oriental –

<sup>90</sup> David Lodge. *Notícias do Paraíso*, Lisboa: Gradiva. 1ª Edição. Dezembro 1992. 204.

<sup>91</sup> Euclides Goulart da Costa. *Notas de Hawai*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921. 23.

23,947 Japanese alone. The Hawaiian and part-Hawaiian children make up 18 per cent and the Portuguese another 18 per cent while the American children in the public schools are only a fraction over 2 per cent.<sup>92</sup>

Contudo, os portugueses iriam enfrentar a questão da cor: não só nas escolas, nos locais de trabalho e nas entidades oficiais, mas também na sociedade em geral. Este estigma da cor em relação aos portugueses, por si só levaria a um outro trabalho. Porque seria que os portugueses não eram considerados, *haoles*, brancos, nem caucasianos? Várias teorias se levantam sobre este assunto, e muitas imprecisões são referidas para encontrar uma justificação. Neste estudo apenas exemplificaremos estas situações relacionadas com o ambiente escolar. Pode passar despercebido, mas na citação anterior os portugueses aparecem como um grupo, assim como também os professores na seguinte afirmação:

All this is the more noteworthy when you remember that these pupils are predominantly *not* of the white race. But, for that matter, the teachers are not all white either. The Federal School Survey has a very interesting chart showing the racial origin of the elementary school teachers as follows: Anglo Saxon, 40 per cent, Portuguese 12 per cent, Hawaiian 9 per cent, Chinese 9 per cent, Japanese 5 per cent and mixed races, like Hawaiian-Chinese or Hawaiian-American, 25 per cent.<sup>93</sup>

Os portugueses, como um grupo étnico monolítico, pois era assim considerado, era também uma comunidade curiosa. Faziam parte da comunidade um número considerado de indivíduos cabo-verdianos, populações da Madeira, dos Açores e do Continente, pois não se pode resumir a comunidade portuguesa como apenas os oriundos dos nossos territórios insulares da Madeira e dos Açores. Eduardo Mayone Dias referi-nos que fazia também parte desta comunidade, uma centena de alentejanos da região de Serpa, que por altura de uma enorme seca e conseqüente mau ano agrícola, teriam emigrado para o Hawaii. É então esta comunidade representativa de um todo português, que teria que se inserir nesta sociedade multi-étnica, e que

---

<sup>92</sup> Albert W[entworth] Palmer, *The Human Side of Hawaii: Race Problems in the Mid-Pacific*. Boston: Pilgrim Press, 1924. 76.

<sup>93</sup> Albert W[entworth] Palmer. *The Human Side of Hawaii: Race Problems in the Mid-Pacific*. Boston: Pilgrim Press, 1924. 79.

com o desenrolar dos tempos tiveram que fazer escolhas em relação à socialização, consoante isso fosse mais ou menos conveniente, deixando para trás convicções de manter o grupo coeso, num círculo fechado às entradas de estranhos. E para que isso não acontecesse, rapidamente apareceram sugestões a este respeito, nos jornais de língua portuguesa, como é o exemplo do jornal *O Luso Hawaiiiano*:

Este jornal – O Luso Hawaiiiano – parece, todavia, ser o único a manter o folclore racista. Em 25 de Outubro de 1886 dizia aos seus leitores:

[...] um grande número de Kanakas mulheres estão casadas com estrangeiros, brancos ou chineses. E pena que isto se de, por isso que por razões hygienicas de todos nos conhecidas de modo nenhum aconselhamos aos Portugueses unirem-se em casamento com mulheres indígenas [...] Julgamos por isso conveniente que os Portuguezes se nao alliem com indígenas, para não comprometer a sua posteridade.<sup>94</sup>

Mas esta situação não duraria muito tempo: os portugueses foram sempre referenciados como exemplo da sua capacidade de miscigenação, com muita surpresa para os puristas que acreditavam no fechamento do círculo. O mesmo autor exemplifica o que aconteceria alguns anos mais tarde:

Em 1893, uma jornalista americana, oriunda de Chicago, instalase no Royal Hawaiian Hotel e regista uma mentalmente avessa aos convencionalismos: o recepcionista, que era português, estava casado com uma japonesa.<sup>95</sup> Os caboverdianos, forte contingente no interior da comunidade portuguesa, uniram-se com havaianas e até com portuguesas, brancas portanto. Era a grande “contrafacção”, o nunca mais acabar de misturas, aventadas ao acaso das contingências da vida e, vá lá, do amor!<sup>96</sup>

---

<sup>94</sup> Eduardo Mayone Dias. *A Presença Portuguesa no Havai*; in *Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, III Série – nº 87/1º T. (1981). 8.

<sup>95</sup> Eduardo Mayone Dias. *A Presença Portuguesa no Havai*; in *Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, III Série – nº 87/1º T. 12. (1981): 12

<sup>96</sup> Eduardo Mayone Dias. *A Presença Portuguesa no Havai*; in *Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, III Série – nº 87/1º T. 25. (1981): 25

#### 4.1.1. Os “*haoles*”

Nada escapa à ambição do branco. As próprias havaianas ricas casam com louros germanos.<sup>97</sup>

O *haole* era a pessoa branca, o inglês, o americano, o caucasiano. Inicialmente a população chamava *haole* às crianças filhos dos estrangeiros brancos; depois generalizou-se, eram os estrangeiros brancos, para depois passar a adjectivar tudo o que fosse de proveniência estrangeira. Mas os verdadeiros *haoles* eram geralmente os missionários anglo-saxónicos, homens de negócios e pessoas brancas influentes: os *haoles* eram sempre referidos como uma elite, por exemplo, em todos os registos, o derrube da monarquia havaiana está associado a uma elite *haole*.

Os empresários que iniciaram as grandes plantações de cana-de-açúcar no Hawaii, e que as controlaram até muito tarde no século XX, eram caucasianos provenientes dos Estados Unidos da América; eram por vezes os filhos dos missionários, eles próprios também imigrantes, mas mantinham fortíssimas ligações à comunidade missionária norte-americana. Estes eram na realidade verdadeiros *haoles*, apesar de a palavra estar relacionada como referência aos estrangeiros brancos: os portugueses nunca tiveram o estatuto de brancos ou de *haoles*.

Os portugueses apesar de europeus e brancos, não eram considerados *haoles* e nem eram sequer considerados caucasianos, e os portugueses, eles próprios, consideravam-se apenas portugueses. A convivência de todos estes grupos étnicos, em especial no seio das plantações, fez surgir o humor étnico: as histórias eram muito similares as que contam sobre saloios ou alentejanos. Ninguém era uma maioria, todos eram, a dada altura, um pouco de cada coisa, todos se riam de si próprios:

---

<sup>97</sup> Euclides Goulart da Costa. *Notas de Hawai*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921. 19.

Not surprisingly, since it is the source of their livelihood, local comics also have provided their own justifications for ethnic humor. In his compilation of ethnic jokes, *Frank DeLima's Joke Book*, subtitled *Having fun with Portagees, Pakes, Buddha Heads, Buk Buks, Blallahs, Soles, Yobos, Haoles, Tidahs, Pit Bulls, and other Hawaiian Minorities*, local comedian Frank DeLima (1991: v), one of the pioneers of island comedy, presented his rationale for ethnic humor: "Here in Hawai'i, we laugh at ourselves more than most people do in other places. Hawaii is a chop suey nation – Portagee [Portuguese], Pake [Chinese], Buddha Head [Japanese], Sole [Samoan], Yoko [Korean], Kanaka [Native Hawaiian], Haole [White], all mixed up."<sup>98</sup>

---

<sup>98</sup> Jonathan Y. Okamura, *Ethnicity and Inequality in Hawai'i*. Filadélfia: Temple University Press, 2008. 167.

## 4.2. *Os portugueses e a necessidade de pertença*

### 4.2.1. Os casamentos dentro da comunidade e os casamentos na pátria

Os portugueses preferiam casar dentro da sua comunidade. Várias barreiras não se colocavam, a questão da língua, podiam também manter os usos e costumes, tão marcante nas regiões de Portugal de onde eram oriundos, em especial o caso dos madeirenses e açorianos. Todo o imigrante português no Hawaii queria o seu pedaço de terra para terem acesso à agricultura como o faziam na pátria, mas a posse da terra no Hawaii estava restringida aos locais. Curiosamente os portugueses muitas vezes em determinadas questões estavam muito próximo de serem considerados locais, assimilavam mais rápido os costumes locais, e falavam o *pidgin* com facilidade, chegavam a usar o *pidgin*, seguramente misturado com o português como língua franca. Obviamente que um casamento com uma havaiana, pelo menos permitia o uso das terras da família, e isso seria algo a ter em conta, do mesmo modo que as havaianas ricas, encontraram vantagens em casarem com *haoles* ricos:

Estes teem sido sempre conhecidos e apreciados pela sua actividade, economia e respeito pela lei. A maior parte d'elles teem-se elevado a posições independentes, sendo alguns já hoje negociantes ricos, ou donos de boas propriedades e de grandes rebanhos e queijarias. Quasi todos os que teem mandado buscar noivas á sua terra, teem numerosa prole, que, como regra, é bem educada.<sup>99</sup>

Os casamentos fora da comunidade portuguesa começaram a surgir, os poucos homens solteiros tinham a liberdade de escolher a noiva entre a comunidade portuguesa, alguma conhecida na terra natal e obviamente uma noiva local. Também começaram a aparecer os casamentos entre mulheres portuguesas e homens fora da comunidade portuguesa, neste último caso mais

---

<sup>99</sup> *Breve notícia ácerca das ilhas de Sandwich e das vantagens que ellas oferecem à emigração que as procure.* Funchal: Typographia Liberal, 1878. 10.

tarde veio a ser encarado como uma traição, e algumas vezes estas mulheres eram deixadas fora devido à sua condição de casamento com estrangeiros ou nativos, aquando da formação de núcleos e associações portuguesas. Mas havia sempre a possibilidade de mandar ir uma noiva da terra e algumas chegavam também no Hawaii arranjar casamento:

As raparigas, em idade ainda de casar, terão maior vantagem; porque se julga que umas oitenta, talvez, poderão encontrar noivos apenas lá chegarem, entre os muitos portugueses solteiros, que allí estão estabelecidos. Nesta hypothese, porém, o Govêrno reserva-se o direito de haver do futuro marido o pagamento integral do preço da passagem da noiva.<sup>100</sup>

---

<sup>100</sup> *Breve notícia ácerca das ilhas de Sandwich e das vantagens que ellas oferecem à emigração que as procure.* Funchal: Typographia Liberal, 1878. 15.

#### 4.2.2. A religiosidade

Já nos debruçamos sobre os principais motivos que levaram tantos portugueses para o Hawaii. Contudo, há um pormenor que não pode ser esquecido, pode parecer de menos importância, mas na verdade a influência dos missionários metodistas junto da corte do reino do Hawaii, alteraram o rumo da história. Não teria sido de uma forma desinteressada que segredaram aos ouvidos do rei, o quanto seria profícuo para o reino, acabar com a indústria baleeira e dedicar-se ao cultivo da cana-de-açúcar, esta última actividade havendo de estar nas mãos de alguns missionários e suas famílias:

Os lucros do açúcar são já fabulosos. De ano para ano cresce o número dos milionários. Os descendentes dos pobres missionários que evangelizaram o povo, são agora os senhores das plantações e os potentados do ouro de Hawaii. Tudo o que é bom e vale dinheiro está nas mãos espertas do evangelizador protestante. Deus paga, generosamente, as canceiras da catequese. Os milionários, Lowrey, Judd, Castle, Cooke, Rice, Hall, são todos descendentes dos primeiros missionários que prégaram em Hawaii.<sup>101</sup>

Um grupo tinha chegado de Nova Inglaterra para converter as almas havaianas. Tendo já bastante influência junto das autoridades locais, conseguiram implementar algumas regras puritanas muito restritivas para os marinheiros dos barcos baleeiros que atracavam nos portos do Hawaii:

Desde 1820, a sua influência na corte não cessou de aumentar. Herman Melville, que em 1843 passou seis meses em Lahaina a tirar o tirocinio da vida que o conduziu a *Moby Dick*, descreveu-os como «uma junta de ignorantes e insidiosos metodistas que governam uma nação». Lahaina, o paraíso, passou a ser o lugar onde se digladiavam o Inferno e o Céu. Aos que diziam que «não há Deus a oeste do cabo Horn», outros contrapunham que sim, e que até ali estavam eles, os seus profetas. A ideia que o marinheiro, com três ou quatro anos de campanha no mar, devia ter o divertimento – álcool, sexo e violência – não podia chocar mais os puritanos. Um dia, o reverendo William Richards, que fizera as autoridades

---

<sup>101</sup> Euclides Goulart da Costa. *Notas de Hawai*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921. 19.

indígenas proibir as raparigas de subir aos barcos, viu uma casa cercada de lobos-do-mar amotinados pelo cio. O missionário vingou-se soprando ao rei uma ideia que acabou por ser a causa do povoamento português do arquipélago: a economia do Havai sobreviveria melhor com a cana-de-açúcar.<sup>102</sup>

Apesar das normas implementadas, os missionários viam nos marinheiros uma ameaça à concretização e difusão dos princípios religiosos que defendiam. Os vícios que os marinheiros queriam satisfazer quando chegavam a terra, após vários meses no mar, eram ofensivos ao puritanismo que os missionários advogavam. Para pôr cobro a esta situação, exerceram a sua influência junto do rei, convencendo-o das vantagens que traria ao reino fazer depender a economia do mesmo do incremento das plantações de açúcar em detrimento da indústria baleeira. Para isso também contribuiu a descoberta do petróleo, o que provocou a diminuição da procura dos óleos de baleia. Os missionários viam-se assim livres de uns indesejáveis, entrando também num novo negócio: a indústria açucareira.

A história repetia-se: do mesmo modo que em África, no século XVI, ao chegar a Moçambique, D. Gonçalo da Silveira viu com olhar crítico alguns aspectos comportamentais negativos dos primeiros colonos aí instalados.

A convivência com as populações locais não estava sujeita a nenhum tipo de controlo. Além disso, não havia ninguém capaz de o fazer de uma maneira sistematizada. Os costumes locais eram alvo de curiosidade. A euforia dada por vezes pelo consumo de bebidas produzidas localmente, segundo tradições antigas, atraía as pessoas que muitas vezes em rituais e danças conectados com actos cheios de lascívia. A poligamia era também um acto que não fazia parte da moral cristã, mas os colonos envolveram-se nos usos e costumes num processo de assimilação e mestiçagem. Isto por um lado era já um problema para os missionários que vinham para regular hábitos e costumes que os negros tinham, tendo também que fazer regressar ao seio cristão os colonos que já se estavam a afastar, mas por outro lado, era a capacidade de os colonos portugueses já começarem a aceitar o outro.

---

<sup>102</sup> Ferreira Fernandes. *Os Primos da América*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991. 15.

Mas estas alterações provocavam conflitos de interesses. Se por um lado os missionários portugueses queriam converter as almas dos indígenas, e trazer de novo para o seio da moral cristã os colonos aí instalados, estes ideais chocavam com outros valores já instalados. Quando os influentes comerciantes muçulmanos (árabes, persas, indonésios e suaílis) sentiram a ameaça dos portugueses, sopraram aos ouvidos do imperador do Manomotapa, que os missionários portugueses eram um perigo para o reino, os missionários acabaram decapitados e os portugueses expulsos:

E o adivinho mouro diria mais ainda. Diria que esse Gonçalo vinha por mando do governador da Índia para derrubar o império. Os naturais da terra que se faziam cristãos contraíam debilidades nunca vistas ao serem baptizados. Essa fraqueza não provinha apenas da água que lhes derramavam sobre a cabeça, mas das palavras que acompanhavam o acto. E avisaram o Imperador de que Silveira era um poderoso feiticeiro e que trazia o sol e a fome atados num osso humano. Havia pois que tomar urgentes medidas.<sup>103</sup>

No caso do Hawaii, os ventos correriam a favor dos portugueses os quais, ajudados indirectamente pelos metodistas, dada a sua proximidade para com o rei destas ilhas, conseguiram convencê-lo. O monarca acabou por trocar os baleeiros pelos plantadores de cana-de-açúcar, abrindo assim a entrada de todos aqueles que procuraram no Hawaii uma segunda pátria. Traziam tudo o que o que fosse possível para os fazer recordar a terra natal, a sua religiosidade teve uma enorme força anímica para superarem tantas dificuldades, dado que o catolicismo não era a religião predominante.

Os portugueses não tinham por isso a vida facilitada. Os primeiros padres católicos tinham chegado ao Hawaii em 1827, sete anos mais tarde que os primeiros missionários protestantes, mas foram expulsos em 1831. Os mesmos padres voltaram de novo em 1837 e rapidamente foram expulsos outra vez. Nesta altura Kamehameha III, proclamou uma ordem de rejeição da religião católica, o que tornava a prática do catolicismo um acto fora da lei. Dois anos mais tarde o governo francês ameaçou o reino do Hawaii de guerra se

---

<sup>103</sup> Mia Couto. *O Outro Pé da Sereia*. Lisboa: Editorial Caminho, 2006. 356.

não permitissem a prática da religião católica, e o reino cedeu, mas apenas em 1859 chegavam de novo os missionários católicos:

The Hawaiian kingdom next had to reckon with France. Here religious differences mingled with economic motives to make difficulty. The New England Protestant missionaries were the king's principal advisers; the laws of the country had a highly Biblical and Protestant flavor. Seamen were fined and imprisoned for getting drunk or for breaking the Sabbath; the Hawaiian prohibition law interfered with the island market for French wines and brandies.<sup>104</sup>

Em determinada altura os portugueses eram já um sexto da população, e o terceiro grupo étnico mais importante. Tinham imensas crianças a precisarem de escola e eram um grupo importante em número para verem neles focalizada a atenção dos missionários em busca de almas; eram europeus brancos, apesar de não serem *haoles*, estavam mais próximos dos missionários do que os chineses ou japoneses. Os portugueses na verdade precisavam de consolo para as suas almas assim como de educação religiosa para as crianças. Um grupo de trabalhadores portugueses assinou um apelo:

Enviem alguém para nos ensinar a Religião Americana!<sup>105</sup>

O culto católico acompanhava as famílias, mas a influência protestante era muito forte, já tinham ganho a guerra contra os marinheiros, mas agora em terra era preciso consolidar os êxitos alcançados; era um completo poder que viria a exercer esse poderio até ao final da monarquia havaiana, tendo ajudado ao seu derrube:

Muito mar depois, encontrei-me na estrada 30, contornando a ilha de Maui, no arquipélago do Havai. Tinha deixado o quarto do Pioneer Inn, em Lahaina, onde ainda estavam afixadas as regras

---

<sup>104</sup> Clifford Gessler, *Hawaii Isles of Enchantment*. Nova Iorque: D. Appleton-Century, 1938. 78.

<sup>105</sup> Ferreira Fernandes. *Madeirenses Errantes*. Lisboa: Oficina do Livro, 2004. 243.

puritanas do Havai governado por missionários: «Mulheres não podem entrar no quarto; se você conspurcar ou queimar a cama, será posto na rua; é proibido jogar; só no domingo se pode dormir todo o dia.»

s ordens vinham do tempo em que na ilha travaram duelo os marinheiros dissolutos e os presbiterianos da Pioneer Company of American Protestant Missionaries. Sedentos, uns, dos corpos havaianos e, outros, das almas, nunca souberam repartir-se amigavelmente o território da caça.<sup>106</sup>

A comunidade portuguesa acabaria, por outro lado, por ter a persistência suficiente para levar por diante a implementação dos seus hábitos culturais e religiosos. Construiu, como se fazia nos Açores, com pedras de origem vulcânica, as primeiras casas e a igreja, ao contrário do que era habitual no Hawaii em que todas as construções eram de madeira.

Os portugueses conseguiram que as festas ao Divino Espírito Santo chegassem até estas ilhas do Pacífico. Contudo, mesmo dentro da comunidade surgiram querelas religiosas. Alguns grupos de emigrantes traziam também já desde Portugal a religião protestante: uns regressaram ao seio da igreja católica, mas outros não o fizeram.

Chegavam do continente norte-americano, em especial da costa leste dos Estados Unidos, pastores protestantes luso-descendentes, que falavam português para mais facilmente convencerem os fiéis. Seria um investimento que os protestantes faziam na comunidade portuguesa, ao lhe proporcionarem reverendos que falavam a língua comum e partilhavam as mesmas origens, eram a primeira geração, nascida já nos Estados Unidos, descendentes dos exilados da Madeira que daí saíram por questões religiosas.

Ao virar da estrada, num pequeno nicho amarelo batido sobre a terra vulcânica, uma santa. O *Cadillac* encostou e Manuel convidou-me a ver o milagre: Nossa Senhora de Fátima, adorada pelos três pastorinhos e dois cordeiros. À volta crescia a floresta suave de Maui, com hibiscos de largas flores rosas e amarelas e tapete de fetos: a chuva tinha trazido o odor a terra molhada e o sândalo. A Senhora de Fátima carregava marcas de obséquo recente, orquídeas selvagens. Estava ornamentada com «leis», os colares havaianos de flores.<sup>107</sup>

<sup>106</sup> Ferreira Fernandes. *Os Primos da América*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991. 13.

<sup>107</sup> Ferreira Fernandes. *Os Primos da América*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991. 17.

O percurso da integração da comunidade portuguesa na sociedade havaiana, nem sempre foi pacífico, gerou alguns conflitos dentro do próprio grupo. Exemplo disso foi a não-aceitação, de início, dos casamentos fora da comunidade, não era difícil essa tradição se manter, porque era possível, e alguns o fizeram mandar vir da terra uma noiva portuguesa, também chegaram ao território mulheres solteiras que viajaram sozinhas. Mas foi o abandono da religião católica, a situação que dera azo a maiores contendas.

Mostrou-me o pátio da fazenda onde se depositavam os detritos da cana e eu evoquei a minha infância, dizendo que aquilo se chamava: «bagaceira».

— *Bagaceiras* são as portuguesas protestantes — disse-me Manuel, sem mais poder explicar.<sup>108</sup>

Era inevitável que alguns portugueses acabassem por se converter ao protestantismo, também os casamentos fora da comunidade, e fora de círculo católico, afastavam alguns do grupo. Era para muitos, ao princípio, uma perda de valores, e estas conversões aumentaram com a chegada dos referidos exilados de uma antiga contenda madeirense, os seguidores do Dr. Robert R. Kalley. Quando o Dr. Kalley viveu na Madeira consegui granjear a admiração de uma parte da população com quem privou, e consegui converter ao protestantismo alguns madeirenses. As autoridades locais acharam por bem pôr cobro a esta situação, tanto os Dr. Kalley como os seus seguidores viram-se forçados a abandonar a Madeira:

A 12 de Setembro, o grupo de presbiterianos portugueses embarcou no vapor *Austrália*. O dia seguinte era domingo e o reverendo Emanuel Pires fica mal impressionado por não haver serviço religioso a bordo. A 19, avistam a ilha de Oahu, a da capital Honolulu. Uma delegação da Central Union Church espera-os no porto e também alguns portugueses. Entre eles, um velho, Nicolau Tolentino Vieira, histórico para aquela gente: ele fora dos primeiros convertidos por Kalley na Madeira. Nicolau Vieira sabia da chegada de Robert Baptiste, filho de um seu contemporâneo, Domingos Baptista, mas ignorava que o

---

<sup>108</sup> Ferreira Fernandes. *Os Primos da América*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991. 20.

reverendo Pires, que ele conhecia, também viesse: “Depois de um bocado, ele reconheceu-me.”<sup>109</sup>

Os missionários locais viam na questão linguística um entrave à conquista de novos crentes, os portugueses eram em grande número e seriam conquistas em potência, e nada melhor que conseguirem alguém que falasse a língua lusa, para mais depressa alcançarem bons resultados. Lembraram-se que já há algum tempo, uma comunidade de protestantes madeirenses se tinha instalado no estado do Illinois, mais propriamente em Jacksonville e Springfield. Era uma diáspora madeirense pouco conhecida, tinham fugido da Madeira de barco, e inicialmente pararam em Trindade, no arquipélago de Trindade e Tobago que, apesar de não terem um trabalho tão árduo, fora-lhes concedida essa benesse, mas não se adaptaram e acabariam por serem recebidos nos Estados Unidos da América:

Liderado pelo reverendo Emanuel Pires, o primeiro grupo de protestantes luso-americanos partiu para o Havai em Setembro de 1890. Pires tinha nascido no Funchal, cinquenta e dois anos antes. O seu percurso pessoal coincide com a saga dos Exilados Madeirenses. Os pais foram evangelizados pelo Dr. Kalley e a família fugiu durante as perseguições da década de 40. Manuel e Antónia Pires morrem em Trindade e deixam os três filhos, entre os quais Emanuel, aos cuidados de um tio. Todos partem para a América na primeira vaga, em 1849.<sup>110</sup>

E seriam os filhos desses exilados, os escolhidos pelos missionários que se encontravam no Hawaii, que embora fossem já americanizados, guardavam ainda a língua como referência e cantavam os salmos em português, o que viria a ser de vital importância. Contudo, a comunidade continuaria na sua maioria católica.

Este novo grupo enfrentou seguramente alguma resistência, por parte dos seus dos católicos madeirenses; claro, não tiveram os problemas que o seu mentor Dr. Kalley tinha enfrentado na Madeira, apesar de acordo com a

---

<sup>109</sup> Ferreira Fernandes. *Madeirenses Errantes*. Lisboa: Oficina do Livro, 2004. 250.

<sup>110</sup> Ferreira Fernandes. *Madeirenses Errantes*. Lisboa: Oficina do Livro, 2004. 247.

carta constitucional portuguesa, ninguém poderia ser perseguido por questões religiosas, não foi isso que sucedeu:

Diz o Edital – que a Religião Catholica Apostolica Romana é a Religião do Estado, e que – “se bem que pelo Art. 145, paragrapho 4º da C. Constitucional, ninguem possa ser perseguido por motivos de Religião, isto é sómente com a condicção de que se respeite a Religião do estado; que a conducta do Dr. Kalley é irreverente e injuriosa à Religião do Estado, e não póde por conseguinte ser tolerada.”<sup>111</sup>

A vida nestas ilhas era dura, as ajudas não eram muitas, e foi também pela mão do cônsul português que a comunidade portuguesa se organizou para criarem organizações e associações mútuas para auxiliar os necessitados, em especial as viúvas e aqueles que adoeciam, ficando assim sem trabalho. Mais uma vez, a Igreja teve aqui o seu papel na questão de assegurarem a escola às crianças. Antes da chegada do cônsul ao Hawaii, estas lacunas sociais eram preenchidas com o esforço dos missionários católicos. A lepra foi também uma doença que atingiu as ilhas, mas neste caso a situação era mais dramática e neste caso em particular foi um missionário católico quem se empenhou nesta luta: o padre Damien. Curiosamente o *Statuary Hall* do Capitólio em Washington, tem a sua imagem como representante do estado do Hawaii.

Por essa altura, a Igreja Católica tinha programado a visita breve de um padre ao lazareto. Em Maio de 1873, o padre Damien, da Congregação do Sagrado Coração, partiu para Molokai com um bilhete de volta para duas semanas depois. Mas a sua visita suscitou tantos aplausos da opinião pública, convencida que o missionário ia para ficar, que o regresso imediato se tornou impossível. Os jornais de Honolulu saudavam a atitude de uma igreja minoritária, a católica, embaraçando os protestantes. Já que ali estava, o padre Damien deitou-se ao trabalho.<sup>112</sup>

Não apenas quando surgiu o surto de cólera, mas também em outras ocasiões, o cônsul fez também serviço social, ao ir junto das comunidades nas

---

<sup>111</sup> Robert R. Kalley. *Uma exposição de factos*. Funchal: Typographia do Defensor, 1843. 3.

<sup>112</sup> Ferreira Fernandes. *Os Primos da América*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991. 44.

diversas ilhas, alertando para as questões higiénico-sanitárias, e para se evitar contactos indesejáveis com outras comunidades que não demonstrassem terem cuidados com a higiene e saúde, de forma a evitar que a lepra pudesse afectar a comunidade portuguesa nos seus relatórios que enviava para Lisboa, mencionava as suas deslocações às diversas ilhas, para se inteirar das condições em que se encontrava a comunidade.

[...] Já outros missionários tinham vindo e quando o padre Damien morreu, em 1889, tinha à sua cabeceira a irmã Maria Isabel, uma funchalense de nome civil Olinda Gomes. Era grande a probabilidade de encontrarmos um nome português misturado com o do padre Damien: metade dos católicos do Havai era por essa altura constituída por portugueses.<sup>113</sup>

---

<sup>113</sup> Ferreira Fernandes. *Os Primos da América*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991. 45.

### 4.2.3. Onde pertencem os portugueses?

Em determinada altura, podemos constatar uma perfeita integração da comunidade portuguesa no Hawaii: já não se limitavam apenas a trabalhar nas plantações. Os portugueses tinham já os seus negócios, as mais diversas profissões, algumas até lhe granjearam a fama: eram os melhores pedreiros, as suas casas todas pintadas de branco sobressaíam na paisagem. Os jornais de língua portuguesa eram um fio condutor para os contactos e serviam os mais diversos propósitos, os anúncios aí publicados davam uma noção da evolução da comunidade. Como é sabido a grande maioria dos imigrantes portugueses eram analfabetos, sendo as escolas implantadas para os mais novos. Contudo, surgiram oportunidades para os adultos; as duas situações, de quem sabia ler e de quem não sabia, são exemplificadas nestes dois anúncios de jornal:

#### A Liberdade

Jornal Imparcial Litterario e Noticioso, Dedicado aos Interesses da Colonia Portugueza de Hawaii.

1º Anno Honolulu, I. H. 17 de Agosto de 1899  
Todos os Patricios que saibam ler devem imediatamente tomar uma assignatura por um anno pagando a diminuta quantia de dois dollars e informar-nos do local da sua residência ou seu enderresse.

Escola Portugueza  
Noturna  
(Especial para Adultos)

Liccionada por M. J. Valle Cabreira todos os dias, das 6 horas da tarde em diante. Os que desejarem de aprender a ler, escrever, e contar portuguez, dirijam-se a

M. J. Valle Cabreira,  
Rua nova de Punchbowl

Honolulu<sup>114</sup>

---

<sup>114</sup> *A Liberdade*: Jornal Imparcial Litterario e Noticioso, Dedicado aos Interesses da Colonia Portugueza de Hawaii, Honolulu, 17 de Agosto de 1899.

Entre os vários bairros onde os portugueses se instalaram na cidade, Punchbowl era o bairro mais português em Honolulu: estendia-se pela encosta da cratera de um vulcão extinto, o casario branco, sendo muito semelhante a qualquer aldeia ou vila portuguesa. Aí já se tinham instalado todo o comércio e pequenas indústrias dos portugueses.

These remote peaks were clothed with dense masses of vegetation, the native forests which grow in these higher altitudes; on the lower slopes, the merest dots and specks, could be seen the white houses and gardens of the industrious Portuguese; below these there were stretches of fertile valley covered with velvet sward. The city followed the curve of the harbour from the docks to Waikiki, a beautiful suburb which Mrs. Isabella Bird Bishop has named "The Brighton of Honolulu."<sup>115</sup>

A nível económico o português já tinha atingido um ponto que não se distinguia de qualquer *haole*, já se tinha adaptado a esta cultura, os filhos iam a escolas inglesas e falavam esta língua. Apesar de terem feito um enorme esforço para deixarem de ser discriminados, e lutado por também serem considerados *haoles*, nunca foi total essa integração no grupo.

Como veremos, a consciência que resulta da não inscrição vai conduzir o indivíduo português a familiarizar-se com espaços crepusculares, com o «entre-dois» de todas as alternativas que se erguem no seu caminho. Não implica isso que ele entre numa «atmosfera subliminar», ou ganhe não sei que textura amorfa da consciência. Num certo sentido, é o contrário que sucede: o sujeito é levado a elaborar estratégias precisas de pensamento e de acção, de tal maneira que se podem desenhar mapas dos percursos que traçou.<sup>116</sup>

Também no Hawaii aconteceu o problema da não inscrição como portugueses no consulado de Honolulu. Esta questão veio até aos dias de hoje, tendo acontecido com outras comunidades pelo mundo fora. Alguns portugueses em determinada altura quiseram também esconder a sua origem, pelos mais diversos motivos ou até por conveniência.

No Hawaii as associações e sociedades mútuas de apoio à comunidade não permitiam a inscrição nas mesmas às mulheres que tivessem casado com

---

<sup>115</sup> Mary H. Krout. *Hawaii and a revolution; the personal experiences of a correspondent in the Sandwich Islands during the crisis of 1893 and consequently*. New York: Dodd, Mead. 1898. 73.

<sup>116</sup> José Gil. *Portugal, Hoje: O Medo de Existir*. Lisboa: Relógio d'Água, 2005. 23.

homens fora da comunidade portuguesa, se por vezes a inscrição não era tão voluntariosa, este tipo de entraves desmembrava mais o grupo:

O que é mais curioso de se notar, é que os portugueses tinham a preocupação de garantir o seu futuro e algumas sociedades de socorros mútuos apareceram. No livro de Joaquim Freitas, atrás referido,<sup>117</sup> ao se relatar a origem das famílias portuguesas, vinham citadas as sociedades de socorros mútuos. Lá encontrei referência à Sociedade Lusitana Beneficente de Havai, a Sociedade Portuguesa de Santo António Beneficente de Havai, A Court Camões, A Sociedade Madeirense, a Sociedade de S. Martinho, e a Radmen.<sup>118</sup>

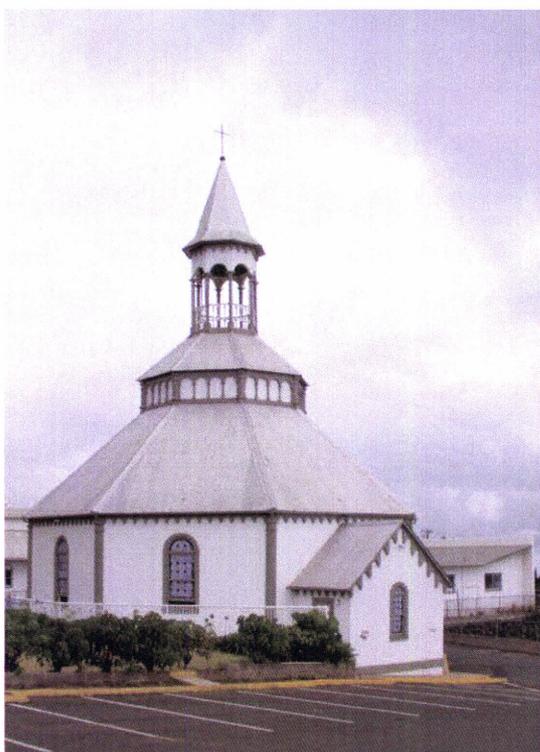


Ilustração 13 – Igreja do Espírito Santo de Kula

Uma das características atribuídas à comunidade portuguesa era a sua coesão familiar: os velhos hábitos familiares de respeito e obediência aos mais velhos. Como em Portugal Continental e, obviamente nos Açores e na Madeira, as raparigas solteiras eram de alguma forma controladas: os seus relacionamentos sociais eram mantidos dentro do círculo da família e das pessoas mais próximas da família, tendo quase nenhuma oportunidade de sair deste círculo:

In a largely Portuguese neighbourhood the parish church was dominated by the Portuguese. Thus, by default various organizations within that church, such as the men's Holy name

<sup>117</sup> Joaquim Francisco Freitas. *The Portuguese Hawaiian Memories*. Honolulu: The Printshop Company. 1930.

<sup>118</sup> Ana Isabel Spranger. "A vida dos emigrantes portugueses no Havai após o término do contrato no século XIX" in *Imigração e Emigração nas ilhas*. Funchal: SRTC, CHEA, 2001.164.

societies and the women's Altar and Rosary societies, would be de facto Portuguese organizations.<sup>119</sup>

As festas religiosas eram uma oportunidade para juntar a família e os amigos e, desta forma, alargar o círculo de contactos pelo menos durante estas ocasiões. Estes hábitos chegaram também ao Hawaii, como a festa do Espírito Santo. Foram assim surgindo igrejas e capelas nas ilhas havaianas para evocar estas mesmas festividades:

[...] A subida foi suave até ao adro da Kula Holy Ghost Church, com cenário esperado e soberbo, sempre o mar e as plantações de açúcar. A igreja de Kula é quase centenária, octogonal, açoriana, por isso se chama do Espírito Santo, e tem um altar dourado. A via sacra está assinalada em português.  
– Há dois anos veio um padre dizer missa em português, nós respondíamos também em português mas não sabíamos bem o quê – disse Manuel.<sup>120</sup>

Mas esta situação não duraria sempre: os casamentos fora da comunidade eram bastante significativos e a dada altura era difícil definir uma nacionalidade ou grupo étnico, pois tal era a mistura e a percentagem de uma ou outra, estava já tão dividida que por isso dificultava a escolha.

Os portugueses eram popularmente classificados como não caucasianos. Também se dividiam social e culturalmente. A sua marca cultural era muito mais forte, o que já não acontecia em relação ao agruparem-se socialmente. Neste último caso, os grupos sociais eram mais pequenos e difusos.

John MacDonald coloca em realce as vantagens e desvantagens de ser identificado como português. Uma das vantagens era o facto de ser um grupo coeso e, como tal, havia uma enorme entre-ajuda: as oportunidades que poderiam surgir de trabalho ou outras era dada a preferência dentro do grupo. Era como se existisse uma rede de comunicações e informações, e que qualquer oportunidade surgida era facilmente tomada dentro do grupo.

---

<sup>119</sup> James John MacDonald. *Cognitive Aggregate and Social Group: The Ethnic Portuguese of Honolulu*. Honolulu: University of Hawaii, 1982.

<sup>120</sup> Ferreira Fernandes, *Os Primos da América*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991. 32.



Surgiram também as sociedades mútuas de benevolência que traziam benefícios directos aos membros do grupo.

Mas também havia desvantagens em ser português: a referida divisão entre o ser emocionalmente português, e não o ser socialmente não era vantajoso, entrava-se num campo ambíguo. Por outro lado, os portugueses chegaram como trabalhadores braçais e assim registados nos campos de plantação de cana-de-açúcar, e inscritos nos censos do reino, como outros caucasianos. Essencialmente o estar relacionado como pertencendo ao grupo de trabalhadores indiferenciados era uma desvantagem.

Foram criados alguns preconceitos em relação aos portugueses; isso teve relacionado com os primeiros a chegarem ao Hawaii: marinheiros que rompiam os seus contractos laborais nos barcos da indústria baleeira aqui se esconderam para não enfrentarem penas de prisão pelo incumprimento do referido contracto. Muitos destes marinheiros eram cabo-verdianos que, apesar de serem também um resultado de mistura de raças, eram considerados negros no Hawaii. Segundo Romanzo Adams, estimava-se que em 1879, 50% dos portugueses eram imigrantes de Cabo Verde.

Também surgiram umas imprecisões que acabaram por agravar a desvantagem de ser português: relacionavam as ilhas portuguesas como uma espécie de colónias penais, e do facto que alguns desses portugueses pudessem ser ex-prisioneiros.

Curiosamente um grupo social considerado no seu todo como português existia, mas muita gente que se reconheciam como sendo portuguesa ou os outros a consideravam como tal, não estavam incluídas no referido grupo social:

A single poignant example of quasi-Portuguese behavior will be given. This example takes place on a high school playground. It is often socially very difficult to be a Haole in Hawaii's public schools. One young Portuguese jokingly said, "If you made it through school here – you're Local". The quasi-Portuguese in this situation is a Caucasian-looking boy who, though from the mainland, was living in a neighborhood identified

as Local. The boy was accosted on the school playing field by a group of Local boys with whom he had some previous disagreements. He was backed into a corner and as the group of Local boys advanced on him with mayhem in their eyes, he was heard to call, "I'm a Portagee! I'm a Portagee!"<sup>121</sup>

E a relação entre o grupo étnico e o grupo social era pelo menos problemática. Podiam-se encontrar pessoas que genericamente eram aceites como portugueses e que não tinham pais portugueses, como existia um outro grupo de pessoas que se aceitava pertencer a outro grupo qualquer e que tinham um ou ambos os progenitores portugueses e que se aceitavam como tal. Obviamente aqui o significado de descendente tornava-se também complicado.

Another story has to do with Jo the chauffeur for Kula Sanitarium. A friend of mine asked him: "Jo, you aren't pure Hawaiian, are you?" "Oh, no," he replied, "my father was part-German and part-Portuguese and my mother was part-Hawaiian and part-Chinese." "Well, Jo, what does that make you?" "Me? Oh, I'm an American!"<sup>122</sup>

---

<sup>121</sup> James John MacDonald. *Cognitive Aggregate and Social Group: The Ethnic Portuguese of Honolulu*. Honolulu: University of Hawaii, 1982.

<sup>122</sup> Albert W[entworth] Palmer. *The human Side of Hawaii: Race Problems in the Mid-Pacific*. Boston: Pilgrim Press, 1924. 76.



“Hawai‘i’s Melting Pot”

- |                      |                                  |   |
|----------------------|----------------------------------|---|
| 1. Hawaiian          | 12. Hawaiian-Russian             | 23. Hawaiian-Chinese-American               |
| 2. ‘Ehu Hawaiian     | 13. Hawaiian-American            | 24. Hawaiian-Portuguese-Irish               |
| 3. Japanese          | 14. Hawaiian-French              | 25. Hawaiian-Japanese-Indian                |
| 4. Chinese           | 15. Hawaiian-Portuguese          | 26. Hawaiian-Portuguese-Chinese-English     |
| 5. Korean            | 16. Hawaiian-Filipino-Chinese    | 27. Hawaiian-Chinese-German-Norwegian-Irish |
| 6. Russian           | 17. Hawaiian-Indian-American     | 28. South Sea (Nauru)-Norwegian             |
| 7. Filipino          | 18. Hawaiian-Japanese-Portuguese | 29. African-French-Irish                    |
| 8. Portuguese        | 19. Hawaiian-Portuguese-American | 30. Spanish-Puerto Rican                    |
| 9. Polish-Russian    | 20. Hawaiian-Spanish-American    | 31. Guamanian-Mexican-French                |
| 10. Hawaiian-German  | 21. Hawaiian-German-Irish        | 32. Samoan-Tahitian                         |
| 11. Hawaiian-Chinese | 22. Hawaiian-Spanish-German      |   |

**Ilustração 14 – Exemplos da mistura racial e étnica no Hawaii**

Existe uma desagregação psicológica do grupo: não sabemos o que teria levada a comunidade a esfumar-se na amálgama que são os grupos étnicos, sociais e culturais no Hawaii, o estigma de não pertencerem a nenhum dos grupos marcantes, os *haoles* e os caucasianos, teriam ajudado a que a comunidade tivesse necessidade de pertença a um grupo étnico, social ou a uma comunidade genérica, consoante a situação. Também dentro da própria comunidade se foram criando entraves, como aqueles estabelecidos pelas associações portuguesas:

Em 1902, foi feita uma nova revisão de estatutos. Foi proposta uma cláusula, aliás rejeitada, e que propunha a abertura da sociedade a filhos de mães portuguesas e pais asiáticos. Os portugueses estavam muito ciosos em manter o seu nacionalismo, o ser e continuar português, conservando a sua identidade cultural, os seus laços à terra mãe, mas criava ao mesmo tempo clivagens com aqueles que, tendo mães portuguesas casadas com outros homens de outras raças que não branca, ficavam excluídos estatutariamente da Sociedade. Nesta época, a sociedade tinha 1.100 sócios.<sup>123</sup>

Mas ser português mantinha-se e persiste como uma categoria cultural e sociologicamente forte, distinguindo-se dos outros imigrantes, como os japoneses, chineses e também dos caucasianos. Ser português era ser diferente de ser branco, do mesmo modo que ser japonês era também diferente de ser branco. Os portugueses eram um agregado populacional europeu considerado não branco, estranho para um grupo de população europeia. Mas existiam membros da comunidade lusa que estavam muito indecisos em pertencer a um grupo com tantas nuances. Mas alguns preconceitos dentro do grupo também iam mudando, a atitude latina em relação à mulher ia perdendo força. Nas referidas sociedades portuguesas corrigiam-se assim algumas atitudes discriminatórias:

No ano seguinte, foi proposto um acordo com a Sociedade Lusitana Beneficente para a formação de uma companhia financeira. Também foi proposto que as mulheres portuguesas poderiam ser sócias. [...] <sup>124</sup>

Mas o corte com as origens era inevitável, pelo menos a nível social, os portugueses sentiram muito a necessidade de uma integração plena, e para que tal acontecesse, foram quebrando barreiras, não poderiam ficar circunscritos ao grupo inicial. A sociedade passava por imensas alterações quer a nível social, quer a nível económico e político, e todos se adaptavam à nova realidade e os portugueses também acompanharam essas transformações. Contudo parecia existir um elo inquebrável, um sentimento

---

<sup>123</sup> Ana Isabel Spranger. "A vida dos emigrantes portugueses no Havai após o término do contrato no século XIX" in *Imigração e Emigração nas ilhas*. Funchal: SRTC, CHEA, 2001.166.

<sup>124</sup> Ana Isabel Spranger. "A vida dos emigrantes portugueses no Havai após o término do contrato no século XIX" in *Imigração e Emigração nas ilhas*. Funchal: SRTC, CHEA, 2001.168.

anímico, que os ligava às origens, intimamente não queriam um corte radical, mas alguns portugueses viram no casamento, com havaianos ou *haoles* uma vantagem, automaticamente entravam num grupo dominante ou no grupo autóctone, com as vantagens de, neste segundo caso, poder ser considerado local e auferir das vantagens daí inerentes, como a posse de terra, indirectamente estavam-se a afastar do grupo étnico inicial.

Segundo John MacDonald, na presença de um grupo socialmente português e de um agregado cultural português, acaba por resultar num terceiro grupo, visto que genericamente o grupo social fazia parte do agregado, mas o contrário não se aplicava. Muitas pessoas que faziam parte deste agregado, os quais se consideravam eles próprios, ou pelos outros como portugueses, tinham pouco ou nenhum contacto com o grupo social português, motivo pelo qual o termo étnico aqui não faria muito sentido, porque acabaria por deixar de transparecer estes dois tipos de grupo.

#### 4.2.4. Legado cultural

O que ficou desta epopeia no Pacífico foi sem dúvida resultado de uma enorme combinação de forças que tem vindo a enfraquecer com o passar do tempo. Em determinada altura se as ajudas não aparecem, o caminhar para um término torna-se uma realidade. Os portugueses ao longo do tempo que aqui se foram instalando assistiram ao surgimento de uma monarquia constitucional, ao seu derrube, à criação de uma república, à anexação e a muitas outras convulsões político/sociais:

Estava arrumado o problema de Hawaii.

A 21 de Abril de 1898 declarava-se a guerra entre os Estados Unidos e a Espanha.

A 22 de Junho desse mesmo ano, desembarcavam as tropas americanas em Cuba, e a 16 de Julho o Congresso de Washington aprova o acto presidencial da anexação das famosas e riquíssimas ilhas de Sandwich, anexação que se celebrou, em Honolulu, no dia 12 de Agosto de 1898.

Destruída a independência das ilhas, a América foi generosa para os que tinham exercido nelas a suprema magistratura.

Sanford B. Dole, antigo juiz do Supremo Tribunal do Reino, Presidente do Governo Provisório, Presidente eleito da República, foi feito Primeiro Governador do Território, cargo que exerceu por largos anos.

A Liliuokalani, ex-Soberana de Hawaii, restituíram-se-lhe uma pensão anual de sessenta mil dolares, correspondentes à sua dotação régia, guardou-se-lhe, sempre, o respeito e as inerentes ao seu título de Rainha.<sup>125</sup>

---

<sup>125</sup> Euclides Goulart da Costa. *Notas de Hawaii*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921. 29.



Ilustração 15 – Rainha Liliuokalani

É de lamentar o facto de como uma marca tão forte, como foi a influência portuguesa nesta parte do mundo — encontrando-se referências a isso em todos os autores consultados, confirmada pelas pessoas contactadas — tenha restado tão pouco, claro depende da perspectiva de quem olha. As organizações e associações mútuas, que foram criadas e orientadas no início pelo cônsul português António Canavarro, tinham desaparecido. Dos jornais portugueses que eram em número significativo, não restavam nenhum:

Num período em que no Havai não faltavam jornais em língua portuguesa (houve doze títulos, o últimos dos quais, *O Facho*, durou até 1937), o combate entre católicos e protestantes não deixou de aparecer em letra de forma. *A União Lusitana-Hawaiiana*, católico, gozava com os adversários: “Oh Santa Glória dos Santinhos de Illinois!” (3 de Março de 1894) e denunciava um tal F. de Sousa – que era diácono da Igreja Evangélica (o jornal insultava-o chamando-o de “dia...cona”) –

que havia batido numa comadre por ela ter deixado de pertencer aos “bagaço, safá!” (16 de Março de 1895). Em outra edição (18 de Maio de 1895), o mesmo jornal prevenia os leitores sobre mentiras do também português *Sentinella*: “São do bagaço”. Com editores e jornalistas simpatizantes em vários títulos, os protestantes tinham o seu próprio quinzenal, *As Boas Novas*, que se publicou durante dez anos (1896-1905).<sup>126</sup>

Não podemos deixar de referir o quanto a língua portuguesa era importante; hoje só mesmos os mais velhos falam português perfeitamente, apesar de parecer que aquela língua portuguesa que hoje ainda falam, parou no tempo. No exemplo que se segue, podemos nos aperceber de quanto importante era a língua lusa e o prestígio que tinha a comunidade:

Euclides da Costa abriu a escola durante as férias grandes, aproveitando instalações emprestadas provisoriamente pelas autoridades americanas. Dessa protecção oficial nunca tinha beneficiado as já muitas escolas japonesas, chinesas e coreanas. Houve festa e esteve presente o governador, testemunho do prestígio da comunidade e também consequência da conjectura, Portugal e Estados Unidos eram aliados na Primeira Grande Guerra. Por essa altura havia cartazes oficiais incitando à compra de acções do Tesouro para o esforço de guerra americano, e as duas únicas línguas europeias empregues no apelo eram o inglês e o português.<sup>127</sup>

Foi feito o esforço para se dar aulas de português e manter viva a língua, um elo importante na cadeia da *portugalidade*, seria de esperar que as autoridades portuguesas investissem naquilo que poderíamos considerar uma lança no Pacífico, uma comunidade de língua portuguesa, mas tal não veio a acontecer e disso se lamentava o professor Goulart da Costa:

Entretanto, alguns professores luso-havaianos das escolas oficiais respondiam ao desafio de dar aulas de português. Dizia O Luso, no princípio de 1918: «O professor senr. Goulart da Costa deve estar satisfeito com o bom resultado dos seus trabalhos, sendo apenas de lamentar que de Lisboa ainda não lhe tenham mandado um único livro para a sua escola nem auctorisação para ir às outras ilhas tratar de generalisar o ensino do portugues nelas».<sup>128</sup>

---

<sup>126</sup> Ferreira Fernandes. *Madeirenses Errantes*. Lisboa: Oficina do Livro, 2004. 254-255.

<sup>127</sup> Ferreira Fernandes. *Os Primos da América*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991. 52-53.

<sup>128</sup> Ferreira Fernandes. *Os Primos da América*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991. 54.

Quando falamos, por exemplo, na cultura dos Luso-descendentes, é óbvio que empregamos a expressão «cultura» no sentido sociológico e relativo.<sup>129</sup>

Os portugueses trouxeram para o Hawaii muitas tradições. É sem dúvida o “ukulele”, o instrumento por excelência do Hawaii, que é considerado o maior legado dos portugueses para o Hawaii. Apesar de todos pensarem que este instrumento musical seja originário do Hawaii, na verdade foram os primeiros imigrantes portugueses no Hawaii que o popularizaram. Faziam-se acompanhar desta pequena guitarra de 4 cordas, — conhecida como braguinha ou machete na Madeira e cavaquinho nos Açores — e a introduziram na corte do rei Kalakaua, que adorava o seu som suave:



Ilustração 16 – Campa de Manuel Nunes no cemitério católico de King Street em Honolulu

A cultura musical havaiana sofreu influências portuguesas. O “ukelele” instrumento musical do folclore havaiano tem as suas raízes na braguinha madeirense. O “ukelele” é uma pequena viola de 4 cordas dedilhadas. A bordo do navio “Ravenscraig” que saiu do Funchal a 23 de Agosto de 1879, seguiam como imigrantes Augusto Dias, José do Espírito Santo, Manuel Nunes, João Luís Correia e João Fernandes. Segundo Leslie Nunes, descendente de Manuel Nunes, e, constructor de “ukelele” o primeiro a tocar em terras do Havai foi João

<sup>129</sup> Pedro Calafate. *Portugal como Problema. Volume IV Século XX – Os dramas de alternativa*. Lisboa: Fundação Luso-americana e Público, Comunicação Social, 2006. 235.

Fernandes após o desembarque. Aliás era hábito quando chegavam a terra, os imigrantes tocavam e dançavam. Manuel Nunes abriu uma loja de mobílias e de instrumentos musicais. João Fernandes, Augusto Dias e João Luís Correia formaram um trio musical, e tocavam em festividades, indo até inclusive tocar ao Palácio real lolani, centro musical e cultural da época.<sup>130</sup>

Foram também três madeirenses que fabricavam no Funchal a braguinha, que criaram uma loja em Honolulu, e começaram a comercializar o instrumento com enorme sucesso. O instrumento despertou desde início a curiosidade dos locais que se juntavam para ouvir e ver a festa que os imigrantes portugueses faziam depois de terem passado tantos dias em alto mar chegando finalmente a terra firme:

Quando o navio seguinte ao *Priscilla*, o *Ravenscraig* atracou em Honolulu, além dos 419 pobres imigrantes, trazia um tesouro insuspeito. Uma viola pequenina de quatro cordas, que na Madeira chamam Machete. Conhecido no continente e nos Açores como braguinha ou cavaquinho, a sua variante madeirense tinha há muito, recebido o certificado de óbito nas crónicas de viagem *A Winter in Madeira and Summer in Spain and Florence*. O autor, John A. Dix, que lhe ouviu os trinados nas ruas do Funchal, sentenciou: «Não é provável que o Machete possa emigrar da Madeira.» A opinião não era ousada, o instrumento não era brilhante.

No entanto, cerca de cem anos depois desse juízo definitivo, o Machete desembarcou, em 1879, no outro lado do mundo e foi tal o sucesso que se tornou um dos símbolos do Havai, depois de ligeiras adaptações e de mudar o nome para *ukelele*.<sup>131</sup>

A culinária da Madeira e Açores também se instalou nas ilhas do Hawaii: são famosas as linguças e os chouriços, a carne de vinha de alhos, assim como o pão doce e as malassadas. Também as festividades religiosas anuais são marcos da cultura portuguesa nestas ilhas.

---

<sup>130</sup> Ana Isabel Spranger. "A vida dos emigrantes portugueses no Havai após o término do contrato no século XIX" in *Imigração e Emigração nas ilhas*. Funchal: SRTC, CHEA, 2001.164.

<sup>131</sup> Ferreira Fernandes. *Os Primos da América*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991. 65.



Ilustração 17 – Mulheres portuguesas na tarefa de cozer o pão, num típico forno exterior, quase impossível encontrar hoje um exemplar em Honolulu.

A comunidade portuguesa no Hawaii foi lutando para ser aceite pelas outras comunidades e em especial pela população havaiana. Os portugueses recebiam melhores salários, eram preferidos pela sua forma de estar e dedicação ao trabalho. Profissionalmente ocupavam melhores postos de trabalho. Socialmente começavam a ser notados e a ocupar lugares de destaque. Hoje os descendentes mantêm os nomes e apelidos, que representam uma forte ligação emocional, mas foram cortando as raízes que os ligavam ao “Velho Mundo”. Os nomes de ruas e lugares, em particular em Honolulu, fazem parte do legado histórico:

Around its mountainward edges cluster the huts of “squatters” whom an indulgent government has permitted to remain. The townward slopes are traditionally the home of the Portuguese. Lusitania, Funchal, Azores – its street names bear out the tradition. Ethnic boundaries have a way, however, of overlapping, geographically as well as otherwise, in Honolulu. In recent years those known to census enumerators as “other Caucasians” have been building on Prospect Street, lured by cool attitude and

pleasant view, until the street has been termed jestingly  
“the *haole* side of Punchbowl.”<sup>132</sup>



**Ilustração 18** – Monumento com pormenor de mulher trabalhadora portuguesa em Koloa Sugar Mill

O Hawaii é o quinto estado com maior comunidade luso-americana; contudo, Portugal não demonstra querer continuar a marcar a sua presença na América onde também houve fecho de representações consulares. Em comparação com países europeus, Portugal é dos únicos que não tem um centro cultural nos EUA. Hoje existe apenas um Cônsul Honorário no Hawaii e as tentativas de continuar a marcar a nossa presença são feitas por luso-descendentes empenhados e ligados emocionalmente às suas raízes:

---

<sup>132</sup> Clifford Gessler. *Hawaii Isles of Enchantment*. Nova Iorque: D. Appleton-Century, 1938. 176.

[...] Em 1978 festejaram o centenário da chegada dos primeiros colonos ao Havai, em Honolulu, tendo a comissão, sido nomeada pelo Governador do Estado, George Ariyoshi, e composta por John Henry Félix, cônsul de Portugal, Jack de Mello vice-cônsul, Edna Rebelo Ryan, presidente do Hawaiian Portuguese Heritage, e da Direcção do grupo musical Camões Players e da Portuguese Civic Association, Audrey Rocha Reed, vice-presidente da Portuguese Civic Association e directora de um programa de rádio na ilha de Maui, entre outros.[...] <sup>133</sup>

Audrey Rocha Reed dedica-se a levar a cabo um empreendimento para reviver a memória dos portugueses no Hawaii, ao tentar instalar um centro histórico-cultural da comunidade portuguesa no Hawaii, tentando recolher provas materiais do que foi a vida dura dos imigrantes ou aventureiros que aqui aportaram alguns deles no século XVIII. John Elliot de Castro, foi no século XVIII, médico e secretário do rei Kamehameha I. Portugueses ou luso-descendentes foram figuras preeminentes no Hawaii: conselheiros e presidentes de câmara; o actual bispo de Honolulu é de origem portuguesa.

Erma Freitas O'Toole, está ligada ao *Hawai'i Council on Portuguese Heritage*, falou-nos em inglês, o seu português resumia-se em aquelas palavras que todo o luso-descendente conhecia, para além daquelas palavras portuguesas que fazem já parte do vocabulário local. Erma, cuja família veio da Madeira em pleno *fin du siècle* (décadas de 70), tem estudado a vida dos cowboys, conhecidos por *paniolas* no Hawaii. E tem feito esse estudo particularmente dentro da comunidade portuguesa, alguns dos seus parentes quer da parte do pai quer da mãe, eram correeiros, treinadores de cavalos e cowboys. Erma confienciava-nos que mesmo os mais desligados da cultura portuguesa conheciam a fama das *curadeiras*, palavra que continuava a fazer parte do quotidiano havaiano. Eugene C. Carvalho fazia a seguinte descrição:

Early Portuguese also had a system of folk medicine which is still known today, especially among older Portuguese people. Healers

---

<sup>133</sup> Ana Isabel Spranger. "A vida dos emigrantes portugueses no Havai após o término do contrato no século XIX" in *Imigração e Emigração nas ilhas*. Funchal: SRTC, CHEA, 2001.170.

known as *curadeiras* are still sought by some for the relief of *bucho virado*, or “turned stomach.” These healers are generally older women who have learned the methods from other practitioners. They massage the abdomen with oil and apply cabbage or taro leaves and bandages. They also use vacuum cups for local pains, the vacuum being obtained by burning cotton in the inverted cup.<sup>134</sup>

---

<sup>134</sup>John McDermott, Wen-Shing Tseng e Thomas Maretzk. *People and Cultures of Hawaii: a Psychocultural Profile*. Filadélfia: University Press of Hawaii, 1980. 105.

## Considerações finais

Ao longo desta dissertação, fomos apresentando inferências para contribuir para um melhor esclarecimento da evolução da presença portuguesa no Hawaii. Os portugueses no Hawaii partilham hoje a sua identidade com tantos outros grupos étnicos. Não existem dúvidas quanto à sua influência na cultura havaiana e como a sua chegada e fixação neste arquipélago mudaria para sempre a face do Hawaii.

Percorremos a história na procura de maiores certezas, o que nem sempre foi fácil, fazemos parte do grupo de todos aqueles que concordam que as ilhas havaianas teriam sido vistas, ou mesmo visitadas por navegadores europeus, antes de Thomas Cook, os mapas assinalam rotas que não deixam dúvidas que todo o oceano Pacífico era já há muito percorrido por galeões, nomeadamente espanhóis. Os historiadores, geógrafos e cartógrafos apontam pistas para melhor se clarificar esta incerteza, que vão desde as Filipinas ao México, e obviamente, passando por Espanha.

Num esboço traçamos o percurso de um reino inicialmente desunido, e que através de uma dinastia hereditária, a dinastia Kamehameha soube manter a unidade do reino. É no seio da corte de primeiro destes reis que se assinala a presença do primeiro português no Hawaii. John Elliot de Castro foi conselheiro e secretário para os assuntos estrangeiro de Kamehameha I. Ele teria chegado aqui por volta de 1814, mas existem referências que apontam que já havia aí portugueses nos finais do século XVIII. Teriam experienciado a vivência ao longo de toda esta dinastia, e nos finais da mesma já seriam um número considerável, que aumentou com a subida ao trono de Kalakaua. Este rei teve uma visão muito mais ocidentalizada, empreendeu uma viagem à volta do mundo, e foi em Lisboa que em visita oficial, tratou de estabelecer os mecanismos que iriam permitir a emigração de Portugal para o Hawaii, de forma muito mais organizada, e para isso muito contribuiu a abertura do consulado português em Honolulu.

A figura do cônsul António de Sousa Canavarro, e todo o seu desempenho no apoio a estas populações espalhadas pelas ilhas havaianas, foi abordada, mas fica a sensação que os arquivos do Ministério dos Negócios Estrangeiros poderiam ainda fornecer mais pistas e disponibilizar mais material.

O levantamento de números, em relação à emigração das ilhas da Madeira e dos Açores, para diversos destinos, incluindo o Hawaii, terão eventualmente sido trabalhos por organismos a quem a temática da emigração das ilhas são matéria de estudo. Apenas quisemos demonstrar as motivações e a forma como o fizeram para o Hawaii, na sua especificidade que era uma emigração familiar. Pareceu-nos que estão esquecidos os cabo-verdianos, todos os historiadores apontam para eles como sendo dos primeiros a chegar, e em determinada altura, o maior número dentro da comunidade. Foram infrutíferos os contactos com Cabo Verde na procura de mais alguns dados. Quem seguiu a pista dos continentais, do grupo de alentejanos de Serpa que refere o Professor Doutor Eduardo Mayone Dias. Muito está por fazer, segundo ele, nos cemitérios no Hawaii, são fontes de muita informação.

Todos se aperceberam que a comunidade portuguesa, forte nas suas convicções, foi-se integrando, marcaram para sempre o Hawaii, os casamentos inter-raciais, são uma marca portuguesa no Hawaii, por outro lado nunca ninguém conseguiu fortemente clarificar, a questão da cor, não eram *haoles*, não eram brancos, nem caucasianos, fizeram parte de um outro grupo, de outros caucasianos. Foi preciso campanha durante os censos do princípio do século XX, para que os portugueses se inscrevessem como caucasianos.

Deixaram a sua música, de que é expoente máximo o *ukulele*, o contributo para o enriquecimento vocabular local, a sua religiosidade, e o catolicismo. Contudo os portugueses sempre se interrogaram, quem eram, a que grupo pertenciam, e quando questionados, respondiam de acordo com o interrogante. Todavia chegaram até hoje com um enorme orgulho, de pertença aos pioneiros que mais contribuíram para a construção do Hawaii, e inevitavelmente para a formação dos Estados Unidos da América.

## Glossário

**Alli:** – nome comum para chefe tanto homem como mulher.

**Bagasse, bagaceiras:** – nomes depreciativos que chamavam aos portugueses que abandonavam o catolicismo para se dedicarem ao protestantismo; *bagasse* na gíria havaiana serve para referir alguém de quem não se goste.

**Coolies:** – nome pejorativo para se referir o trabalhador asiático que se deslocavam para as antigas colónias europeias para suprirem a falta de mão-de-obra, como aconteceu no Hawaii.

**Curadeiras:** – nome pelo qual se apelidavam no Hawaii as mulheres, algumas já com idade considerável, e que utilizando antigas mesinhas curavam algumas maleitas como o “bicho virado”.

**Haole:** – palavra usada para se referir às pessoas brancas, normalmente americanos, ingleses, assim como para referenciar tudo o que fosse estrangeiro.

**Kahuna:** – é o sacerdote, o sábio, o feiticeiro.

**Kanaka:** – nome usado na polinésia para referenciar a eles próprios; *kanaka maoli* eram os habitantes nativos no reino do Hawaii.

**Kapu:** – era o antigo sistema de leis e regulamentações sagradas no antigo Hawaii.

**Lei:** – colar de flores usado no Hawaii e se oferecia quando alguém chegava ou partia.

**Potagee:** – nome pelo qual são referidas as pessoas com ascendência portuguesa.

**Ukulele** – nome pelo qual ficou conhecido o cavaquinho, braguinha ou machete no Hawaii e que foi introduzido aí, no século XIX, por Manuel Nunes.

## Bibliografia

ADAMS, Romanzo Colfax. *Interracial marriage in Hawaii: a study of the mutually conditioned processes of acculturation and amalgamation*, Patterson Smith, New Jersey, 1969.

ARAUJO, Margaret F. *Things Portuguese*. Honolulu: Ethnic Resource Center for the Pacific, College of Education, University of Hawaii, 1975.

BARKAN, Elliott Robert. *From All Points America's Immigrant West, 1870s-1952*. American West in the twentieth century. Bloomington: Indiana University Press, 2007.

BELO, Maria. *Filhos da Mãe*, Edeline, Lisboa, 2007.

Bettati, Mário. *O Direito de Ingerência – Mutação da ordem internacional*, Instituto Piaget, Lisboa, 1996.

BIRD, Isabella L.. *The Hawaiian archipelago; Six months in the Sandwich Islands: among Hawaii's palm groves, coral reefs, and volcanoes*, Mutual Publishing, Honolulu, 1881.

BOVA, Patricia Lane. *The Social History of the Portuguese Immigration to Hawaii A Preliminary Bibliography*. 1972.

*Breve notícia acerca das ilhas de Sandwich e das vantagens que ellas offerecem à emigração que as procure*, Typographia Liberal, Funchal, 1878.

BRUNE, Lester. *Chronological History of U.S. Foreign Relations [volume 1 1607-1932]*, Second Edition, Routledge, New York, 2003.

CASTLE, William R. *Hawaii past and present*, Dodd, Mead and Company, New York, 1913.

CHEEVER, Henry T. (Henry Theodore). *Life in the Sandwich Islands*, A. S. Barnes & Co., New York, 1851.

CORYELL, Jill. *The Portuguese in Hawaii A Portrait of a Hard Life*. S.l: s.n, 1986.

COSTA, Euclides Goulart da. *Notas de Hawai*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1921.

COUTO, Mia. *O Outro Pé da Sereia*. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

DAWS, Gavan. *Shoal of Time; A History of the Hawaiian Islands*, University of Hawaii Press, Honolulu, 1974.

DAY, Arthur Grove. *Hawaii and its people*, Meredith Press, New York, 1968

DEMELLO, Robert. *Introduction Passport Registrations for Immigration, Madeira to Hawaii, 1878 to 1884*. Honolulu, Hawaii: DeMello Pub. Co, 1987.

DIAS, A. Jorge. *Contribuição para o estudo da questão racial e miscegenação*, Comunicação apresentada ao I Congresso das Comunidades de Cultura Portuguesa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1965.

DIAS, Eduardo Mayone. *A Presença Portuguesa no Havai*, Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, III Série – Nº 87 – 1º tomo – 1981

*A presença portuguesa no Havai*. Lisboa: Composto e impresso por Ramos Alfono e Moita, 1981.

*Coisas da Lusalândia*, Instituto Português de Ensino a Distância, Lisboa, 1981.

ESTEP, Gerald Allan. *Social Placement of the Portuguese in Hawaii As Indicated by Factors in Assimilation*. San Francisco: R and E Research Associates, 1974.

FELIX, John Henry, and Peter F. Senecal. *The Portuguese in Hawaii*. Honolulu: Felix, 1978.

FELIX, John Henry, Leslie Nunes, and Peter F. Senecal. *The 'ukulele A Portuguese Gift to Hawaii*. Honolulu, Hawaii: Felix, 1980.

FERNANDES, Ferreira. *Os Primos da América*, Relógio d'Água, Lisboa, 1991.

*Madeirenses Errantes*, Oficina do Livro, Lisboa, 1ª Edição, 2004.

FREITAS, Joaquim Francisco. *The Portuguese Hawaiian Memories*. Honolulu: The Printshop Company. 1930.

GESSLER, Clifford. *Hawaii Isles of Enchantment*, D. Appleton-Century Company, Inc., New York, 1938.

*Tropic Landfall: The Port of Honolulu*, Doubleday, Doran & Company, Inc., New York, 1942

GOUVEIA, . *From Madeira to the Sandwich Islands The Story of a Portuguese Family in Hawaii*. Honolulu: Ethnic Resouce Center for the Pacific, 1975.

GRANT, Glen/Hymer, Bennett/Bishop Museum. *Hawaii Looking Back: An Illustrated History of the Islands*, Mutual Publishing, Honolulu, 1999.

GRANT, M. Forsyth. *Scenes in Hawaii; or, Life in the Sandwich Islands*, Hart & Co., Toronto, 1888.

HALLOCK, Leavitt H, *Hawaii under King Kalakaua*, from personal experiences of Leavitt H Hallock, Smith & Sale Publishers, Portland Maine, 1911.

HAWAII, and Hawaii Multicultural Awareness Project. *Who Are Hawaii's Peoples? Families in Hawaii, unit 4*. Honolulu, Hawaii: Hawaii State Dept. of Education, 1980.

IRWIN, Edward P. *Importing a Population*, Pacific Monthly Associates, Inc., Los Angeles, California, 1910.

JARVES, James Jackson. *History of the Hawaiian or Sandwich island*, Moxon, London, 1843.

*Scenes and Scenery in the Sandwich Islands, and a trip through Central America: being observations from my notebooks during the years 1837-1842*, James Munroe Co., Boston, 1844.

KALLEY, Robert R. *Aos madeirenses*, Typographia do Defensor, Funchal, 1843.

*Uma exposição de factos*, Typographia do Defensor, Funchal, 1843.

KNOWLTON, Edgar C. *Portuguese in Hawaii*. 1960.

*Portuguese Language Resources for Hawaiian History*. 1961.

KROUT, Mary H. *Hawaii and a revolution; the personal experiences of a correspondent in the Sandwich Islands during the crisis of 1893 and consequently*, Dodd, Mead and Co., New York, 1898.

KUYKENDALL, Ralph S. (Ralph Simpson). *The Hawaiian Kingdom, 1874-1893: The Kalakaua Dynasty*, University of Hawaii Press, Honolulu, 1967.

LODGE, David. *Notícias do Paraíso*, Gradiva, Lisboa, 1ª Edição, Dezembro 1992.

MACDONALD, James John. *Cognitive Aggregate and Social Group The Ethnic Portuguese of Honolulu*. Thesis (Ph. D.)--University of Hawaii, 1982.

MCDERMOTT, John F., Jr., Ed. *People and Cultures of Hawaii: A Psychocultural Profile*. University of Hawaii Press, 2840 Kolowalu Street, Honolulu, 1980.

MAGALHÃES, José Calvet de. *Eça de Queiroz, A Vida Privada*, Editorial Bizâncio, Lisboa, 2000.

MILZA, Pierre. *As Relações Internacionais de 1871 a 1914*, Edições 70, Lisboa, 1995.

MIRA, Manuel. *Os Portugueses na Formação da América – Melungos e Primeiros Colonos da América*, Fundação Luso-Americana de Pesquisa Histórica, Franklin, E.U.A., 2001

NEGÓCIOS EXTERNOS – Documentos apresentados às Cortes na Sessão Legislativa de 1885 pelo Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros Negócios Consulares e Comerciais, Secção VI, *Emigração Portuguesa para as Ilhas Hawaiiannas*, Lisboa. Imprensa Nacional, 1885

OKAMURA, Jonathan Y.. *Ethnicity and Inequality in Hawai'i*, Temple University Press, Philadelphia, 2008.

OKIHIRO, Gary. *Island Worl: A History of Hawai'i and the United States*, University of California Press, Los Angeles, 2008.

PALMER, Albert W. (Albert Wentworth). *The human side of Hawaii: race problems in the mid-Pacific ...*, The Pilgrim Press, Boston, 1924.

PAP, Leo. *Portuguese Pioneers and Early Immigrants in North America*, Separata do Vol. I das ACTAS do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Coimbra 1965.

*The Portuguese-Americans*, Twayne Publishers, Boston, 1981.

PRATT, Julius W. *Expansionists of 1898: the acquisition of Hawaii and the Spanish Islands*, The Johns Hopkins Press, Baltimore, 1936.

REED, Audrey R. *Portuguese Centennial in Hawaii, 1878-1978*. Honolulu, Hawaii: Portuguese Centennial Commission, 1978.

REMY, Jules. *Ka Mooolelo Hawaii, Histoire de L'Archipel Havaiien (Iles Sandwich)*, Librairie A. Franck, Paris, 1862.

ROBERTS, J.M.. *History of the World*, Oxford University Press, New York, 1993.

RUSSEL-WOOD, A. J. R. *.Um mundo em movimento: os portugueses na África, Ásia e América (1415-1808)*, Difel Difusão Editorial, SA, Lisboa, 1998

SANS, R. Monner, *El Reino de Hawaii, apuntes Geográficos, Históricos y Estadísticos*, Librería de Juan Llordachs, Barcelona, 1883.

SANTOS, Fernando dos. *Os portugueses no Hawaii = The Portuguese in Hawaii*. Newark, N.J.: Luso-Americano Newspaper, 1990.

SERRA, Antonio Truyol y. *La sociedad internacional*, Alianza Editorial, Madrid, 2006.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal – O Terceiro liberalismo (1851-1890)*

Editorial Verbo, Lisboa, 1986

SILVA, Joaquim Palminha. *. XIX e XX (da imigrac*  
*)*. [Portugal]: Gabinete de Emigrac  
Acorianas, 1996.

SPRANGER, Ana Isabel. "A vida dos emigrantes portugueses no Havai após o término do contrato no século XIX" in *Imigração e Emigração nas ilhas*. Funchal: SRTC, CHEA, 2001.

STRONA, Proserfina A. *Portuguese in Hawaii A Bibliography*, Honolulu: Hawaii and Pacific Unit, State Library Branch, 1974.

TAKIKI, R. T. *Pau hana: plantation life and labor in Hawaii, 1835-1920*. University of Hawaii Press, Honolulu, (1983).

TWAIN, Mark [i.e. S. H. Clemens]. *Letters from the Sandwich Islands*, Stanford University Press, California, 1938.

VEIGA, Teresa Rodrigues. *A População Portuguesa no século XIX*, Edições Afrontamento, Porto, 2004.

VELASCO, Manuel Díez. *Instituciones de Derecho Internacional Público*, Editorial Tecnos, Madrid, 1991.

VICENTE, António Luís. *Os Portugueses nos Estados Unidos da América – Política de Comunidades e Comunidade Política*, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Lisboa, 1999

VIDAL, César. *Hawai 1898 La historia de la última reina de Hawai*, Edhasa, 1ª edição, Barcelona, 1999.

VIPOND, Anne. *Hawai'i by cruise ship*, Ocean Cruise Guides, Pt. Roberts, WA, 2006.

WORLD BOOK, Inc. *The World Book of America's Multicultural Heritage*. Chicago: World Book, 2003.

YOUNG, Nancy Foon. *The Portuguese in Hawaii A Resource Guide*. Honolulu, Hawaii: Ethnic Research and Resource Center, 1973.

## **DOCUMENTÁRIOS:**

PROENÇA, Fr. Luís. Pukiki - The Portuguese Americans of Hawai'i

Produced, Directed and Edited by Fr. Luis Proença, S.J. Los Angeles: Arrupe Productions, 2006.

“Mo'olelo – Oral Histories of the Portuguese in Hawai'i” - Oral Interviews of the Portuguese Americans in Hawaii with a duration of 8 hours. The audio section is been Broadcast on *K.N.U.I. 900 AM, Maui* since August 2003 until middle of 2004. Los Angeles: Arrupe Productions, 2006.

## **Jornais:**

A Liberdade: Jornal Imparcial Litterario e Noticioso, Dedicado aos Interesses da Colonia Portugueza de Hawaii, Honolulu, 17 Agosto 1899.

Diario Illustrado

Diário de Notícias

O Occidente

## **Estatutos:**

Estatutos da Sociedade Lusitana Beneficente de Hawaii, Press of Hawaiian Gazette Company, Honolulu, 1892.

Relatório annual da Sociedade Portugueza de Santo António Beneficiente de Hawaii, Honolulu.

### **Tratados:**

Convenção provisória de commercio, navegação e emigração e consular entre Sua Magestade El-Rei de Portugal e dos Algarves e Sua Magestade o Rei do Hawaii assignada em Lisboa em 5 de Maio de 1882. Imprensa Nacional, Lisboa, 1882.

### **Mapas:**

DELISLE, Guillaume de, 1675-1726 Mappede-Monde [Material cartográfico / par G. de l'Isle ; gravé par Berey. - Escala [ca. 1:79400000]. - A Paria : Chez l'Auteur, Avec Privilege du Roy pour vingt ans, 1700. - 1 mapa : p&b ; 67x43 cm <http://purl.pt/4610>

SANSON, Nicolas, 1600-1667 Mappede-monde dressé sur les observations de Mrs. de l'Academie Royale des Sciences... [Material cartográfico / par M. Sanson. - Escala [ca. 1:.. - A Amsterdam : Chez Pierre Mortier, [16--]. - 1 mapa : com traçados color. ; 64x50 cm <http://purl.pt/3762>

### **Documentos electrónicos:**

<http://www.google.pt/images>

<http://keouanui.homestead.com/Liliuokalani4.jpg>

Site oficial da família real do Hawaii

[www.bishopmuseum.org/](http://www.bishopmuseum.org/)

[www.ehawaii.gov/](http://www.ehawaii.gov/)

[www.yourislandroutes.com](http://www.yourislandroutes.com)

## **Anexos**

### **PROVISIONAL CONVENTION BETWEEN PORTUGAL AND THE HAWAIIAN ISLANDS**

**May 5, 1882**

His Majesty the King of the Hawaiian Islands and His Majesty the King of Portugal and of Algarves, equally desirous of binding and strengthening the relations of friendship and commerce which happily exist between their respective States, have resolved to conclude a Convention to regulate temporarily these relations, until a definite treaty can be made, and for this purpose have appointed their Plenipotentiaries, namely:

His Majesty the King of the Hawaiian Islands, Mr. Henry A.P. Carter, member of His Privy Council of State, Grand Officer of the Royal Order of Kalakaua, His Envoy Extraordinary and Minister Plenipotentiary at this Court; and His Majesty the King of Portugal and the Algarves, Mr. Antonio de Serpa Pimental, Counselor of State, Peer of the Realm, Minister and Secretary of State of Foreign Affairs; who, after communicating each to the other their full powers, which they found in good and due form, agreed to the following:

ARTICLE I. The Consular Agents, the subject, the ships and products of the soil, or of the industry of one of the two countries, will enjoy on the territory of the other the same exemptions, privileges, and immunities which other Consular Agents, subjects, ships and products of the soil, or of the industry of the most favored nation, enjoy.

ARTICLE II. It is, therefore, understood that the special advantages which Portugal may judge convenient to grant to Brazil cannot be claimed by the Hawaiian Islands, in virtue of their right of a most favored nation, and that in the same way, the advantages which these Islands grant to the United States cannot be claimed by Portugal.

ARTICLE III. The High Contracting Parties equally desirous of conciliating individual liberty with regard to the contract for service with the regulations necessary to be adopted to regulate conveniently the emigration, agree that until a definite convention is made for this purpose, the following conditions be observed:

1. That the two Governments will render mutual help to oblige the captains of vessels which transport emigrants from one country to the other to observe the regulations in force in the country where the emigrants embark; with regard to the space which every one ought to occupy, the

- quantity and quality of food, medicine, and all sanitary and hygienic conditions.
2. That in view of this, the Diplomatic of consular Agents of each of the two countries will be given all the facilities to inspect the vessels that arrive with emigrants to the ports of the other country, and see if the respective captains have complied with the regulations to which the preceding clause refers.
  3. That to the same Diplomatic of Consular Agents shall be equally given all the facilities that they may satisfy themselves whether the contracts for service for their countrymen have been fulfilled, and to secure for them, in case of violation, all the protection of the laws and of the local authorities.

ARTICLE IV. The present Convention shall be ratified and the ratifications shall be exchanged in Honolulu or in Lisbon, as soon as possible.

ARTICLE V. The present Convention shall take effect sixty days after the ratifications are exchanged, and will remain in force until one of the High Contracting Parties shall notify the other of its intention to abrogate the Treaty remaining in force (after) one year after this notice, counting from the date of the notification.

It is understood that in all respects when not depending on Legislative authority, the present Convention shall come into effect in the Hawaiian Kingdom as soon as approved by the Hawaiian Government, and in Portugal as soon as such approval shall be notified to the Portuguese Government.

In testimony of which, the respective Plenipotentiaries hereby sign and place their respective seals.

Made in Lisbon, in duplicate, on the fifth day of May, in the year of Our Lord, eighteen hundred and eighty-two.

ANTONIO DE SERPA PIMENTAL,  
HENRY A. P. CARTER

AND WHEREAS, We, Kalakaua, have fully examined all the points and articles thereof, by and with the advice of Our Cabinet Council, We have confirmed and ratified the foregoing Provisional Convention, and We do confirm and ratify the same, in the most effectual manner, promising on Our faith and words as King, for Us and Our successors, to fulfill and observe it faithfully and scrupulously in all its clauses.

In faith of which, We have signed this ratification with Our hand, and have affixed thereto the great Seal of Our Kingdom.

Done at Our Palace of Iolani, in the city of Honolulu, this twenty-sixth day of August, the year of Our Lord one thousand eight hundred and eighty-two, and the eighth of Our Reign.

KALAKAUA REX

By the King:  
WALTER MURRAY GIBSON,  
MINISTER OF FOREIGN AFFAIRS.

All persons are hereby notified that the above Convention is to be regarded, in all its provisions, as part of the laws of this Kingdom, and respected accordingly.

WALTER MURRAY GIBSON,  
Minister of Foreign Affairs,  
Department of Foreign Affairs,  
Honolulu, August 26th, 1882

# Diario de Noticias

distritos e dos delegados da comissao central. Em quanto a equidade reconhecida nos depósitos, tudo feito para seu uso proprio ou questionario muito minucioso, na obra, oremos, de fazer uma monographia ou catalogo industrial do districto, os outros ramallos, pela observação igualmente directa e comparativa, e situação e relações das diversas indústrias, a fim de se poder chegar com maior facilidade e segurança ás apreciações geraes que têm de dirigir quaesquer reformas de pautas e negociação de concessões, acrescentando a circumstancia de ser indispensavel manter a uniformidade e harmonia n'estes trabalhos, o que se não conseguiria em cada districto se fantasiar uma inquirição independente.

Na ultima sessão da delegação da sociedade de geographia commercial do Porto, em Coimbra, foi approvada a proposta para a criação de uma escola de geographia geral, e de desenho topographico. Resolveu crear tambem um jornal, organo da delegação.

Falleceu em Braga o sr. dr. José Joaquim de Araújo Alvarés, advogado.

Na avançada idade de 92 annos se fôz hoje ontem, pelas 9 horas da manhã, a mãe do sr. Diogo da Silva, muito conhecido e acreditado negociante d'esta praça. O sepultamento verificou-se hoje. Adiante vai o convite funebre.

Apresenta-se hoje novamente, no theatro dos Recreios, a *troupe de cortias africanas*, que se agradao. Vae tambem a linda comedia *Bola de sabão*.

Organizou-se no domingo no centro republicano em Alhos Vedros. Fallaram os sr. Sebastião Bagan, Jacques Santa Anna, Raphael do Valle, e a sr. Angelina Vidal.

No lalho de Sacaven de Cima vende-se carne de vacca a 300 réis o kilo, mas em passando das 7 horas da manhã já se não obtém por preço algum! Por diferentes vezes tem acontecido ficarem algumas das familias de Lisboa, das que caíam a ares nos arredores d'aquelle lugar, privadas d'esta alimentação. Muito sera para desejar, pois que o referido açogueiro está melhor provido para satisfazer as necessidades de consumo a que é obrigado por contrato municipal.

**Crime revoltante**  
Em Villa Rica de Ferreira ocorreu na quarta feira uma fôrta de circumstancias aggravadas. Um tio andava malquizado com um sobrinho por causa de umas aguas de rego. Tanto fervilharam as intrigas e tanto se azedaram os animos que, encontrando-se tio e sobrinho, na quarta-feira, num

remellido ás cadeias d'esta cidade, e os dois homens, culpados d'este horrivel crime, esvaziaram-se.

Fa'leceu em Bessa o sr. José Maria da Gama, maior reformado. Serviu durante muitos annos na infantaria 4.

Toda-se de estabelecer estação postal na frequencia de Camarate, dispensando assim os moradores de mandarem a Sacaven de Gama procurar a sua correspondencia. É um melhoramento que deverá ser correspondido com a terminação do abuso de mandar cartas pelos correios. Bem será que se sigam outros melhoramentos convencionados para as pessoas que procuram aquella localidade para se robustecerem com magnifica ar e excellente agua. A concorrência de algumas familias de Lisboa tem despertado na povoação de Camarate o desejo de imitar a da Briceira. Já vão sendo bastantes casas que se haviam engreído completamente com a ausencia da cal. No Algarve chegam a cair os telhados. Tanto parece-nos excessivo o far mal á vista.

### Coragem de uma mulher

Ha dias um cão hydrophobo fez tantas diabruras em Magães de D. Maria, que poz a povoação em alvoroço. O animal brindeu acis pessoas, e a ultima foi uma mulher, que sendo atacada pelo cão, teve a coragem de o segurar em quanto outra mulher foi buscar um sacco como que deu cabo do curatecido animal.

O sr. Guilherme Gomes Fernandes chefe dos bombeiros voluntarios do Porto, e de sr. vellecendes da Silva Monteiro e do Alves Machado, abriram entrada os seus amigos uma subscrição para os pescadores do Furadouro. Recolheram 350 \$000 réis.

### O rei Kalakama

O rei das ilhas Sandwich devia ter saído hontem de Paris em direcção a Lisboa, d'onde partirá no dia 25 para aquella capital. O monarca polygnico, além dos orçados, é acompanhado pelo sr. Armstrong, seu ministro da justiça; coronel Judd, seu ajudante; conde de Gannart d'Hampala, conselheiro geral de Sandwich em Bruxellas; Michiels, comissario belga, encarregado de lhe organizar uma banda de musica em Honolulu; e Henri Rivand, director do National de Bruxellas. Estes tres cardeiros acompanharam-no de Lisboa a Paris, mas é de supor que não venham a Lisboa.

### Correspondencia telegraphica do Diario de Noticias

PORTO 15, ás 8 h. e 35 da t. — (do Diario de Noticias, Lisboa) — Uma semana a comissao de

transportado da Gaya. *Monte da colé, gravar la montagna*, eram phrases para muitos dos que ali iam ao reveladas em novellas ou em descrições de viagens, isto é, phrases perfeitamente theoreticas. A realidade de uma ladeira de alguns kilometros de extensão punha-se-nos pela primeira vez com todos os aspectos de belleza, de arrogancia abrupta, de magestade.

### Expedição scientifica á serra da Estrela

CFA, 15, ás 7 h. e 5 da t. — (do Diario de Noticias, Lisboa.) Os povos de Alveuco da Serra, principalmente os operarios fôrtes da fabrica do sr. Antonio Luiz Monteiro Praia, deram hontem á expedição uma serena e calida recepção. Os povos de Alveuco da Serra, principalmente os operarios fôrtes da fabrica do sr. Antonio Luiz Monteiro Praia, deram hontem á expedição uma serena e calida recepção. Os povos de Alveuco da Serra, principalmente os operarios fôrtes da fabrica do sr. Antonio Luiz Monteiro Praia, deram hontem á expedição uma serena e calida recepção.

### Sociedade de geographia

CELIA, 14, ás 5 h. e 42 m. da t. — Sociedade de geographia. — Acampamento na Serra da Estrela 14, ao meio dia. — Espera-se que recolham hoje alguns dados das expedições que partiram para excursões de estudo. Vae fazer-se um reconhecimento para escolha do lugar onde possa estabelecer-se um posto meteorologico e um sanitario. Bochorst e Silva vão partir hontem para as lagoas a recolher aguas para analyses. Centenas de pessoas dos arredores da serra, com suas musicas visitam hontem o acampamento e saudam a expedição.

transportado da Gaya. *Monte da colé, gravar la montagna*, eram phrases para muitos dos que ali iam ao reveladas em novellas ou em descrições de viagens, isto é, phrases perfeitamente theoreticas. A realidade de uma ladeira de alguns kilometros de extensão punha-se-nos pela primeira vez com todos os aspectos de belleza, de arrogancia abrupta, de magestade.

transportado da Gaya. *Monte da colé, gravar la montagna*, eram phrases para muitos dos que ali iam ao reveladas em novellas ou em descrições de viagens, isto é, phrases perfeitamente theoreticas. A realidade de uma ladeira de alguns kilometros de extensão punha-se-nos pela primeira vez com todos os aspectos de belleza, de arrogancia abrupta, de magestade.

transportado da Gaya. *Monte da colé, gravar la montagna*, eram phrases para muitos dos que ali iam ao reveladas em novellas ou em descrições de viagens, isto é, phrases perfeitamente theoreticas. A realidade de uma ladeira de alguns kilometros de extensão punha-se-nos pela primeira vez com todos os aspectos de belleza, de arrogancia abrupta, de magestade.

diam accomodar, 20 cavas A comissao tocou os devologios ao sr. Norberto de T. pos, intelligente official de fãnteria em comissao de obras publicas e membro da expedicao, o qual reside ali com os operarios cercado de imensas difficuldades e contradições, vencendo-nos todas nos apresentar o explen accompanhamento que tinha terminado horas antes da chegada. Deitamo-nos na meia noite tendo prmente armado a nossa in phantasiado para o dia seguinte o moas primeira excr que será ás lagoas.

Está em Colares, onde balha n'um primoroso qu copia de um sítio proximo quella localidade, o sr. Ali Keli, um talentoso artista um grande e esclarecido rito.

A policia andou hontem seguinte fãnta. — Ás 4 h. tarde viu-se na necessidade prender um caixeiro agostiano, que degra esp cuido, glaciando em plena do Belem. Logo meia depois catrãhion no meangar um Joaquim Antonio esbofetou um Mariann Conceição, mostrando ab meio de tanta gente ao q chega a sua coragem. — A hora depois deitou a n dois individuos que se a vom n'um armazem de vi do largo de 3. Julho, ch do um a agredir depois d'ado que o prendeu. — Dex da mais eis hora levou a *starin* o maritimo Joa Antonio, que na rua de Barraça, ficando um d'ell maltratado que teve de s colido ao hospital. — Só meia hora de descompo teve de conduzir igual para a estação o maritimo bastião José, que na r Esperança quasi agredir ficia 93 da 3. — Passou meia hora e teve de meti estação o carpinteiro A Celestino, que foi embriro a sentinella da rua da i ca. — Mais meia hora, e a cia lá teve de correr p Gaus de Santarem, para Maria da Conceição, que caido ao rio, ferido se beca. — Passou ainda meia ora, e um Martins, fun trabalhador, na rua de queira, socoando-se com do, e a policia lá foi gal-os. — Tinha passa mais meia hora, e a de um trem colica e c n.º 31 da n.º companhia da Junqueira, quando acudia tambem a deord Pouso mais de meia ho

missão; teinte o Aguiar, fouteira, mestrado, o sr. de parnasios do Mar, e fofone de Santa e Santa

resenção e Aguiar, et. o peido o diu o cont e so papel o que co nas po- ondões re vinda zn. O sr. a largu s fofos e pediu o di- da nos s e estran a ex- de fesse de Italia paca de

Em te- o sr. e se os depra- s que ali

mañã, o, o con- or causa n de su- a real.

niro da o aos re- s de se co- ntre sra de co- pto de sencia de

ontem a nitramar respect- presentou para as

r elevado nomeado barão de Portugal,

a Fonseca rmade, il- do de Por- nesse re- corte, pe- edinha de sociedade ndres ao detador o

em, na sua

### Ilustre general mexicano Aristazo D. Mariano

Em 7 de agosto de 1855, falleceu em Lisboa a bordo do vapor *Togata*, em viagem para Inglaterra, o ex-presidente da república Mexicana, D. Mariano Aristazo. Pouco antes da sua viagem apresentára perante as câmaras do seu país a renúncia da presidencia constitucional d'aguelha república, por não querer assumir ao go- verno de estado proposto pelo seu governo, e por consequencia o derramamento de sangue. Não obstante aquella renun- cia, o illustre general não tinha ainda sido substituído ao tempo da sua morte, no alto cargo de chefe do estado; e em 1857, o presidente Alvarez pronunciou que os restos mortaes do seu antecessor fossem trasladados para a patria, a expensas publicas, declarando a expensas publicas a patria, res- ponsavel pelo congresso constituente, ter elle merecido bem da patria, honra esta a mais alta que o Mexico pôde conferir, não só em vida, mas ainda depois da morte.

Requiecia epocha não foi possível averiguar-se o paradeiro dos despojos mortaes de D. Mariano Aristazo, e só depois, por uma coincidência official, se fez constar ao governo do Mexico que, esses restos ven- dendoz jaziam em um deposito num mausoleo particular, da familia dos Balthazar, no cem- terio oriental de Lisboa.

Comunicado o facto ao congresso mexicano, por uma manifestação, volgi da novo a traslacao, pronunciando-se brilhantes discursos, n'uma sessão solenne, consagrada ex- clusivamente a exaltar as virtudes e vicias do illustre gene- ral.

«Serdo combatido pela acção revolucionaria, manteve-se no seu posto dignamente até ao dia em que julgou pres- tar ao país um dos mais assi- duos e fidedignos serviços, renunciando a poder pessoal a repre- sentação nacional, para evitar a effusão de sangue, e ex- pectando a sua morte em seguida.

Surprehendeu o a morte longe do Mexico, e os seus restos mortaes repousarem em um ter- ritorio estrangeiro, conduzidos pelo sr. patrio solo e, como dissemos, um dever de todos nós.

«Eis aqui brevemente expoa- tas as razões em que basea- mos a seguinte proposta, e que ampliamos na discussão que porventura se suscitae, se ta- nto for necessaria, de toda e qualquer formalidade do regu- lamento pedimos a camera se sirva aprovar a proposta in- dicada, e que é a seguinte:

«Ficticia-se o poder execu- tivo para proceder á traslaca- ção das cinzas do general Mariano Aristazo, cujo nome se achae inscripto entre os pre- cedentes constitucionaes da república, mandando repousar em um territorio de Portugal, e transportar-se para esta capi- tal do Mexico.»

«O sr. D. Mariano Aristazo, de- se do cemiterio, será acompanhado por dois esqua- drões de cavallaria, e no Fer- ro do Paço formará uma brigada de artilheria para dar as baixas á passagem do feretro, que será acompanhado, por trez outros personagens, por quatro generaes com activo ser- viço. O transporte *Africa* le- vatará fôrto ás 11 horas da manhã, dando os navios de guerra surtos no Tejo as sal- vadas de castigo.

«Ao chegar a Cadix, a urna fune- raria será conduzida para bordo de um paquete da car- reira da Havana, o *Yahi* até Vera Cruz, e a bordo de um navio de guerra hespanhol.

Já saiu o primeiro numero da *Galeria* de escriptores e artistas portuguezes. O re- tratado, com o fac-simile do dis- tincto advogado e jornalista, dr. Magalhães Lima.

Hontem, logo ao abrir da porta, o merceiro da rua de S. José, Manuel dos Santos, benzeu-se com um bom fre- queza. Foi chamado e viu a quem o fendeiro feriu, alirando-lhe com um pão á cara, como quem afira barro á parede. O agredido levou a acção á han- lancia da policia.

A tabacaria de Judice Samora, estabelecida na rua de S. Bento, na qual houve domi- ngo incendio, como noticiamos, estava segura em 350,000 réis e não em 700,000. O seu actual proprietario ao tomar por tres- passae aquelle estabelecimen- to, julgava que o seguro era de esta quantia e só hontem se apercebeu a applicação reconhecendo o prejuizo, e soffrendo portanto o maior prejuizo do que ao prin- cipio confiava. A companhia *Providencia* pagou prompte- mente o seguro, do que o sr. Samora se confessa fachecheido.

Ainda não pagaram aos dis- tribuidores dos telegraphos a 1.ª quinzena d'este mez, o que tem causado transtorno, prin- cipalmente aos que se acham sobrecarregados com familia.

### Noticias de França

PARIS, 17.—O sr. marquez de Penafiel, ministro plenipo- tenciario de sua magestade fi- delissima em Berlim, partirá no domingo á noite a fim de apresentar as suas creden- cias ao imperador Guilherme. O sr. marquez irá ao estran- geiro em missão especial antes de assumir as funções do seu cargo. Kakakato, rei das Ilhas Sandwich, partiu hontem á tarde para Madrid e Lisboa, irá depois a Londres, voltando a Paris no fim do mez. O go- verno cubão e todos os pre- feitos uma circular desmen- tando, se hontem da proxima mobilização parcial do exerci- to.—(Illova.)

PARIS, 17.—Concorreram hontem mais de dez mil pes- soas ao comicio eleitoral no districto de Charente para au- tirem o programma do sr. Gambetta. A 8 oit horas e me- iorço o candidato, que foi re- cebido com applausos. Ao pas- sarem se pôtem a mesa, sus- ceber se 400 grandes promos- ções e 400 grandes tumbeo e de- bordem para não deixarem fal- tar o sr. Gambetta. Este, per- dendo de toda a paciencia, deu um burra em cima do mesa e desconfiou os interruptores.

### há de ter livre pratica no lazareto.

Perden-se uma letra com a data de hoje, da quantia de réis 200,000 e de que é aceitante J. V. D. Ferreira. Previne-se para que ninguém a transac- cione.

Quartões que se agravaram consideravelmente os padeci- mentos do sr. visconde de Du- pra, consel geral de Portugal em Londres.

«Fes hontem a sua apresenta- ção ao ministerio das negocia- ções estrangeiras o sr. conde de Theomar, que ha pouco regres- sou do seu posto de ministro de Portugal na Belgica.

O sr. Luiz Octavio Pereira Guimarães, secretario da lega- ção imperial do Brazil, foi nomeado encarregado de nego- cios d'esta corte, em quanto não vier tomar posse do lugar de ministro do Brazil em Por- tugal. O sr. barão de Aguiar de Andrade, que é esperado em Lisboa no mez de novem- bro proximo.

### O rei das Ilhas de Sand- wich — Preparativos

Partiu hontem á noite para a promovação das Ilhas de Sand- wich, para conduzir a Lisboa o rei das Ilhas Sandwich, que de- verá chegar amanhã, segundo parece, tendo abreviado a sua estadia em Madrid. O soberano do reino havaiano será reco- lhido na estação de Santa Apo- lonia pelo sr. ministro dos ne- gocios estrangeiros, e por um camarista de sua magestade oitral. No comboio da noite in- cluam um carregado do mi- nisterio das negociações estran- geiras encarregado de dirigir a viagem, e acompanhar o so- berano até á capital.

O rei das Ilhas Sandwich re- cebeu em Paris o sr. consel-heiro Monades Leal, e annun- ciou-lhe a sua visita á corte portugueza, renunciando de- terminar se uma semana em Lis- boa, como já noticiamos. Va- zão, hospedado, por conta do sr. estado no hotel Bragança, onde já estão preparados os mesmos aposentos que foram occupa- dos pelo imperador do Brazil, que são os repartimentos n.ºs 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, do 1.º andar.

Está gravemente doente o sr. D. Luiz de Mascarenhas, governador de Alentejo de sua magestade vel.

O sr. Theophilo Ferreira apresentou em sessão munici- pal o projecto de regula- mento para o pelouro da hy- giene, com as alterações que dizem terem sido indicadas pela junta geral do districto.

Em 30 de junho ultimo o seu exercito tinha 1,986 ofi- ciales na effectividade de ser- viço, sen' o 8 generaes do di- visão, 34 de brigada, 61 chro- nis, 2 graduados, 87 tenentes coronéis, 92 majores, 5 gra- duados, 500 capitães, 3 gra- duados, 475 tenentes, 398 al- tezes, 210 graduados e 91 al- tezes alibados.

Parce que o regimento do almirante vai novamente ser removido para o quartel do corpo de marinheiros milita- res em Alentejo.

A companhia da cultura do

especial á digna officialidade por ter a felicidade de conti- nuar a ter por chefe um mil- litar que sabe ser modelo pela sua dedicação, integridade, sa- ber e delicadeza.

A banda de escaçadores 6 tem ultimamente tocado nos do- mingos e dias santos na praça de Rodrigues Lobo. Achamos acertadissima a escolha do no- vo local, porque agora já vemos a concorrência do high- life lieirês, o que não accom- plia quando a musica tocava no passeio.

Um pobre rapaz que hontem foi furtado no rio Lis- boa, em um assido junto ás Cortes, teve a infelicidade de se perder afogado. Lançando se á agua nem se pôde de maneira que foi tirado ja cadaver do fundo do rio.

Ocorren hontem na villa da Balsa uma grã desorde- dem, por questões electoras, não podendo por consequencia dar-lhe promogões fidedignas por serem diferentes as vertes que correm a tal respeito; e porém certo que, depois de mortas e vivas dadas pelos partidos progressista e tran- senerador, houve cabeças que- bradas, tiros, facadas etc.—(Do nosso correspondente.)

Donativos a favor do typo- grapho sr. Luiz Cavassa, que perdeu os seus haveres no in- cendio do predio da rua da Boa Vista:

Transporte ...	21,000
Do sr. I. C. da Costa	300
Osorio ...	21,300

Na Bolsa venderam-se hontem a dinheiro coupons e in- scripções de assentamento a 53,37, 53,38 e 53,40, e titulos liberados do empreitado de 1860 a 53,33. Em fundos hespanhoes de divida interna hou- ve transacções a 25,85, e ex- ternas a 27,70. Venderam-se a dinheiro accões do banco Lis- boa & Agores a 113,000, do Liabonense a 3,500, da com- panhia cartea de ferro de Lis- boa a 33,000, e obrigações de accionistas de assentamento a 92,400.

A 8 horas da noite de hontem foi atropellado por uma carroça, na estrada do Arco do Gego, o trabalhador francico Nunes, ficando bastante mal e sendo levado em maca para o hospital.

### Expedição científica á Serra da Estrella

CEIA, 17, ás 5 e 21 m. da t. (Ao Diario de Noticias, Lisboa).—Os trabalhos da expedição concluem sexta-feira. No sabado retiram todos. Estalha Reis e Polque regressaram da excursão de reconhecimento de agricultura, siveicultura e regimen das aguas dos vales de Zezere, Ribeira de Dejanas, arredores do Covilhã, Linhares e vertentes sul da serra, 140 kilometros eul da montanha. Ho- jinhos visitantes da Covilhã, muito ventis. A velocidade má- xima 150 kilometros por hora.

### Sociedade de Geo- graphia

CEIA, 16, ás 6 h e 25 m. da t. —Sociedade de geographia. —Assampamento da serra da Estrella, 16, ao meio dia. —Con- clusão de sessões trabalhosas

perto o serviço do transportes no Te- epocha da febra de vapores da cavaria mais passageiros: a vem e as carreiras gain se até á noite horas, o que pôde- sia a gravissima, si

Pelo ministerio publicas foram exp- dos nos chefes da Botestac para em- ministerio da marin- riar sementes de florescens.

«Ja lhe disse a u- hoje, no pagoda. A) tãca meter da traga- xista no Tejo.

Questão de politico —Ja lhe disse a u- para ser bom- mas deve fallar o b- a ch-hollins, a sala- do o colorado.

«Qual historia! É caldeira de fumaça de lico!

«Pois você quer a arte de cozinhar? sou cozinheiro! Or- ga-me lá como fide- deira!

«Falta digo... Me amigo n'um caidre do por espaço de m- depois.

«Vêdo parece q- chamar cabento! Ve- trar como costum- bifes!

«E em seguida o- Luis Fernandes des- ródos de accões no l- Canido Martins. F- cado n'um armazem da praça de Vasco

REMOVALS —FALTA X- sociopções de assentamento a 53,37, 53,38 e 53,40, e titulos liberados do empreitado de 1860 a 53,33. Em fundos hespanhoes de divida interna hou- ve transacções a 25,85, e ex- ternas a 27,70. Venderam-se a dinheiro accões do banco Lis- boa & Agores a 113,000, do Liabonense a 3,500, da com- panhia cartea de ferro de Lis- boa a 33,000, e obrigações de accionistas de assentamento a 92,400.

O sr. dr. Alves f- pela camera para nomear o pessoal. comparecer no lei- terias preventivas ligão dos predios e Esperança e Merc- deve effectuar-se á a feira.

chegaram hontem a Lisboa, vindo de 675 barris do maui nosso mercado.

### Combosios de Fôrmenço

Com respeito á cia de anti-hontes desordens que se d- serra ferrea do hort- gão do comboio e a torrada de far- teve soar no dom- a reclamar, que, i- mos informamos, competente, não se da fractura do in- spector, nem o do governo se tel- de revolver na m- povo. As desorden- ginadas, não tinh- de agglomeração que é a gila- de mactes, e a q- nã não pôde re- bilibetes para o- nunciado, o que pela imprudencia- que approvaram- investivel com- mactes de ferro,

que o meu cora-  
em nenhuma ma-  
is é dos interesses  
anhã; porque elle  
acionalmente um  
e dignos come-  
lesajava ver ricos  
a, ainda que fosse a  
vida.  
o ouvir, applaudiu  
de M. lière é de  
grande para obte-  
nimento pessoal.  
mento que o par  
s passou ao lado  
discursadores.  
se a Fontaine em  
os amigos, é o  
Racine com a viu  
ipare já iam longa  
ornava-os de tal  
parecia mal toca-  
se-hia que tinham  
proseguiu Boileau,  
ho de Port Royal,  
e cabeça baixa no  
rios do século.  
bos de t'atrol ex-  
talne, não quer di-  
te quer d'izar mui-  
ileau, su cunhego-  
ade.  
bem, Boileau, sile  
terreno onde não  
ar dissabores, s'ju  
theatro é um loco  
intrigas, de peque-  
e de calumnias.  
os discreteram ain-  
o acerca da Andro-  
pto obrigado d'rom-  
ações, e retiraram-  
a-os conhecido per-  
s além, de o enlejar  
Molière, a circum-  
a a Duparc pelo bra-  
ermittia dirigir-se a  
o proprio la Fontai-  
receiasse as obser-  
s d'este ultimo. La  
ava naturalissimo  
amavel como era,  
o vigor da idade, ti-  
ante; o contrario é  
o parecido singular.  
da Andromacha não  
ira confiança no fa-  
is julgava poder oc-  
lta, tanto mais que  
iva havia apenas al-  
primava em guardar-  
ra. Tanto me como  
a noite sabiam jun-  
a coja porta haei-  
a clandestinamente,  
que ninguém os via-  
s durou, com toda a  
s primeiros ardores,  
tombro de 1668, dia  
o poeta teve a des-  
r morrer, apoz uma  
dade, a formosa Du-  
trina e cinco annos  
o subsequente o

— Envenenador e leproso excla-  
mos Racine em voz soffocada.  
O poeta já não viu para conti-  
nuar a leitura; levantou-se da ca-  
deira e deixou-se cair aos pés do  
monarcha exclamando:  
— Sire, vossa magestade acre-  
dita em semelhantes infâmias?  
— Se acreditasse, repellido Luiz  
XIV com aquella magestade que o  
caracterizava e revelava a sua  
granjeza, Racine estaria preso a  
estas horas.  
O poeta beijou os joelhos ao rei  
— Não foi o sr. Louvois, que está  
presente, observou o monarcha,  
quem impediu que fosse interroga-  
do pelo sr. de la Reinya.  
Racine voltou um olhar sinis-  
tro a Louvois, exclamando: sire!  
sire! sire!  
E não pôde apontar nem mais  
uma palavra.  
O rei levantou-o e disse-lhe em  
tom affectuoso.  
— Racine, nós fomos ambos rapa-  
zaxes, meu e rapazes. O Racine re-  
tirou-se a tempo de uma sociedade  
de corruptos, onde lhe seria difficil  
alcaugar a salvação. Continue a  
pensar na sua como eu penso na  
minha. Ninguém conhecerá estas  
accusações que ficarão para sem-  
pre sepultas na Bastilha. (1)  
— Obrigada, sire, obrigado, vos-  
sa magestade é o maior e o me-  
lhor dos reis.  
Disse, realison-se cambaleando  
como um ambulio, e voltou pa-  
ra casa, onde se encerrou no seu  
gabinete, sem querer fallar a nin-  
guem, com grave inquietação dos  
amigos.  
Luiz XIV soube-o por Boileau.  
Foi então que os nomeou a ambos  
seus historiographos.  
Passado algum tempo lembrou-  
se madame de Maintenon de fazer  
trabalhar Racine para o theatro do  
de Saint Cyr; o poeta fez a Esther  
o, como quer que não tivesse per-  
doado a Louvois, pintou-o e b as  
as fôrças de Aman. Em segunda  
foi a Andria, que é a sua obra  
prima; mas a conversação que ti-  
vou com o rei acerca da Duparc  
não se lhe riscava da memoria, e  
todas as vezes que em resultado  
de uma preocupação qualquer,  
não encontrava no rei as mesmas  
mostras de benevolencia e as at-  
tenções a que estava habituado.  
julgava se perdido, e receia na sua  
profunda tristeza. O golpe que tão  
duramente lhe tippam vibrado de-  
terminou sem duvida a doença de  
que morreu.  
Abel Molière não se tinha enga-  
nado na sua prophacia: o amor da  
Duparc foi fatal a Racine.  
Hippolite Lucas.  
Festa de caridade no  
Palacio de Crystal do  
Porto  
A festa do palacio de Crystal  
que se effectou ante-hontem no  
Porto, promovida pela associação  
dos bombeiros voluntarios d'aquel-  
la cidade, a favor dos pescadores  
do Furadouro esteve bastante  
concurrida, apesar da noite se não

— Envenenador e leproso excla-  
mos Racine em voz soffocada.  
O poeta já não viu para conti-  
nuar a leitura; levantou-se da ca-  
deira e deixou-se cair aos pés do  
monarcha exclamando:  
— Sire, vossa magestade acre-  
dita em semelhantes infâmias?  
— Se acreditasse, repellido Luiz  
XIV com aquella magestade que o  
caracterizava e revelava a sua  
granjeza, Racine estaria preso a  
estas horas.  
O poeta beijou os joelhos ao rei  
— Não foi o sr. Louvois, que está  
presente, observou o monarcha,  
quem impediu que fosse interroga-  
do pelo sr. de la Reinya.  
Racine voltou um olhar sinis-  
tro a Louvois, exclamando: sire!  
sire! sire!  
E não pôde apontar nem mais  
uma palavra.  
O rei levantou-o e disse-lhe em  
tom affectuoso.  
— Racine, nós fomos ambos rapa-  
zaxes, meu e rapazes. O Racine re-  
tirou-se a tempo de uma sociedade  
de corruptos, onde lhe seria difficil  
alcaugar a salvação. Continue a  
pensar na sua como eu penso na  
minha. Ninguém conhecerá estas  
accusações que ficarão para sem-  
pre sepultas na Bastilha. (1)  
— Obrigada, sire, obrigado, vos-  
sa magestade é o maior e o me-  
lhor dos reis.  
Disse, realison-se cambaleando  
como um ambulio, e voltou pa-  
ra casa, onde se encerrou no seu  
gabinete, sem querer fallar a nin-  
guem, com grave inquietação dos  
amigos.  
Luiz XIV soube-o por Boileau.  
Foi então que os nomeou a ambos  
seus historiographos.  
Passado algum tempo lembrou-  
se madame de Maintenon de fazer  
trabalhar Racine para o theatro do  
de Saint Cyr; o poeta fez a Esther  
o, como quer que não tivesse per-  
doado a Louvois, pintou-o e b as  
as fôrças de Aman. Em segunda  
foi a Andria, que é a sua obra  
prima; mas a conversação que ti-  
vou com o rei acerca da Duparc  
não se lhe riscava da memoria, e  
todas as vezes que em resultado  
de uma preocupação qualquer,  
não encontrava no rei as mesmas  
mostras de benevolencia e as at-  
tenções a que estava habituado.  
julgava se perdido, e receia na sua  
profunda tristeza. O golpe que tão  
duramente lhe tippam vibrado de-  
terminou sem duvida a doença de  
que morreu.  
Abel Molière não se tinha enga-  
nado na sua prophacia: o amor da  
Duparc foi fatal a Racine.  
Hippolite Lucas.  
Festa de caridade no  
Palacio de Crystal do  
Porto  
A festa do palacio de Crystal  
que se effectou ante-hontem no  
Porto, promovida pela associação  
dos bombeiros voluntarios d'aquel-  
la cidade, a favor dos pescadores  
do Furadouro esteve bastante  
concurrida, apesar da noite se não

— Envenenador e leproso excla-  
mos Racine em voz soffocada.  
O poeta já não viu para conti-  
nuar a leitura; levantou-se da ca-  
deira e deixou-se cair aos pés do  
monarcha exclamando:  
— Sire, vossa magestade acre-  
dita em semelhantes infâmias?  
— Se acreditasse, repellido Luiz  
XIV com aquella magestade que o  
caracterizava e revelava a sua  
granjeza, Racine estaria preso a  
estas horas.  
O poeta beijou os joelhos ao rei  
— Não foi o sr. Louvois, que está  
presente, observou o monarcha,  
quem impediu que fosse interroga-  
do pelo sr. de la Reinya.  
Racine voltou um olhar sinis-  
tro a Louvois, exclamando: sire!  
sire! sire!  
E não pôde apontar nem mais  
uma palavra.  
O rei levantou-o e disse-lhe em  
tom affectuoso.  
— Racine, nós fomos ambos rapa-  
zaxes, meu e rapazes. O Racine re-  
tirou-se a tempo de uma sociedade  
de corruptos, onde lhe seria difficil  
alcaugar a salvação. Continue a  
pensar na sua como eu penso na  
minha. Ninguém conhecerá estas  
accusações que ficarão para sem-  
pre sepultas na Bastilha. (1)  
— Obrigada, sire, obrigado, vos-  
sa magestade é o maior e o me-  
lhor dos reis.  
Disse, realison-se cambaleando  
como um ambulio, e voltou pa-  
ra casa, onde se encerrou no seu  
gabinete, sem querer fallar a nin-  
guem, com grave inquietação dos  
amigos.  
Luiz XIV soube-o por Boileau.  
Foi então que os nomeou a ambos  
seus historiographos.  
Passado algum tempo lembrou-  
se madame de Maintenon de fazer  
trabalhar Racine para o theatro do  
de Saint Cyr; o poeta fez a Esther  
o, como quer que não tivesse per-  
doado a Louvois, pintou-o e b as  
as fôrças de Aman. Em segunda  
foi a Andria, que é a sua obra  
prima; mas a conversação que ti-  
vou com o rei acerca da Duparc  
não se lhe riscava da memoria, e  
todas as vezes que em resultado  
de uma preocupação qualquer,  
não encontrava no rei as mesmas  
mostras de benevolencia e as at-  
tenções a que estava habituado.  
julgava se perdido, e receia na sua  
profunda tristeza. O golpe que tão  
duramente lhe tippam vibrado de-  
terminou sem duvida a doença de  
que morreu.  
Abel Molière não se tinha enga-  
nado na sua prophacia: o amor da  
Duparc foi fatal a Racine.  
Hippolite Lucas.  
Festa de caridade no  
Palacio de Crystal do  
Porto  
A festa do palacio de Crystal  
que se effectou ante-hontem no  
Porto, promovida pela associação  
dos bombeiros voluntarios d'aquel-  
la cidade, a favor dos pescadores  
do Furadouro esteve bastante  
concurrida, apesar da noite se não

— Envenenador e leproso excla-  
mos Racine em voz soffocada.  
O poeta já não viu para conti-  
nuar a leitura; levantou-se da ca-  
deira e deixou-se cair aos pés do  
monarcha exclamando:  
— Sire, vossa magestade acre-  
dita em semelhantes infâmias?  
— Se acreditasse, repellido Luiz  
XIV com aquella magestade que o  
caracterizava e revelava a sua  
granjeza, Racine estaria preso a  
estas horas.  
O poeta beijou os joelhos ao rei  
— Não foi o sr. Louvois, que está  
presente, observou o monarcha,  
quem impediu que fosse interroga-  
do pelo sr. de la Reinya.  
Racine voltou um olhar sinis-  
tro a Louvois, exclamando: sire!  
sire! sire!  
E não pôde apontar nem mais  
uma palavra.  
O rei levantou-o e disse-lhe em  
tom affectuoso.  
— Racine, nós fomos ambos rapa-  
zaxes, meu e rapazes. O Racine re-  
tirou-se a tempo de uma sociedade  
de corruptos, onde lhe seria difficil  
alcaugar a salvação. Continue a  
pensar na sua como eu penso na  
minha. Ninguém conhecerá estas  
accusações que ficarão para sem-  
pre sepultas na Bastilha. (1)  
— Obrigada, sire, obrigado, vos-  
sa magestade é o maior e o me-  
lhor dos reis.  
Disse, realison-se cambaleando  
como um ambulio, e voltou pa-  
ra casa, onde se encerrou no seu  
gabinete, sem querer fallar a nin-  
guem, com grave inquietação dos  
amigos.  
Luiz XIV soube-o por Boileau.  
Foi então que os nomeou a ambos  
seus historiographos.  
Passado algum tempo lembrou-  
se madame de Maintenon de fazer  
trabalhar Racine para o theatro do  
de Saint Cyr; o poeta fez a Esther  
o, como quer que não tivesse per-  
doado a Louvois, pintou-o e b as  
as fôrças de Aman. Em segunda  
foi a Andria, que é a sua obra  
prima; mas a conversação que ti-  
vou com o rei acerca da Duparc  
não se lhe riscava da memoria, e  
todas as vezes que em resultado  
de uma preocupação qualquer,  
não encontrava no rei as mesmas  
mostras de benevolencia e as at-  
tenções a que estava habituado.  
julgava se perdido, e receia na sua  
profunda tristeza. O golpe que tão  
duramente lhe tippam vibrado de-  
terminou sem duvida a doença de  
que morreu.  
Abel Molière não se tinha enga-  
nado na sua prophacia: o amor da  
Duparc foi fatal a Racine.  
Hippolite Lucas.  
Festa de caridade no  
Palacio de Crystal do  
Porto  
A festa do palacio de Crystal  
que se effectou ante-hontem no  
Porto, promovida pela associação  
dos bombeiros voluntarios d'aquel-  
la cidade, a favor dos pescadores  
do Furadouro esteve bastante  
concurrida, apesar da noite se não

— Envenenador e leproso excla-  
mos Racine em voz soffocada.  
O poeta já não viu para conti-  
nuar a leitura; levantou-se da ca-  
deira e deixou-se cair aos pés do  
monarcha exclamando:  
— Sire, vossa magestade acre-  
dita em semelhantes infâmias?  
— Se acreditasse, repellido Luiz  
XIV com aquella magestade que o  
caracterizava e revelava a sua  
granjeza, Racine estaria preso a  
estas horas.  
O poeta beijou os joelhos ao rei  
— Não foi o sr. Louvois, que está  
presente, observou o monarcha,  
quem impediu que fosse interroga-  
do pelo sr. de la Reinya.  
Racine voltou um olhar sinis-  
tro a Louvois, exclamando: sire!  
sire! sire!  
E não pôde apontar nem mais  
uma palavra.  
O rei levantou-o e disse-lhe em  
tom affectuoso.  
— Racine, nós fomos ambos rapa-  
zaxes, meu e rapazes. O Racine re-  
tirou-se a tempo de uma sociedade  
de corruptos, onde lhe seria difficil  
alcaugar a salvação. Continue a  
pensar na sua como eu penso na  
minha. Ninguém conhecerá estas  
accusações que ficarão para sem-  
pre sepultas na Bastilha. (1)  
— Obrigada, sire, obrigado, vos-  
sa magestade é o maior e o me-  
lhor dos reis.  
Disse, realison-se cambaleando  
como um ambulio, e voltou pa-  
ra casa, onde se encerrou no seu  
gabinete, sem querer fallar a nin-  
guem, com grave inquietação dos  
amigos.  
Luiz XIV soube-o por Boileau.  
Foi então que os nomeou a ambos  
seus historiographos.  
Passado algum tempo lembrou-  
se madame de Maintenon de fazer  
trabalhar Racine para o theatro do  
de Saint Cyr; o poeta fez a Esther  
o, como quer que não tivesse per-  
doado a Louvois, pintou-o e b as  
as fôrças de Aman. Em segunda  
foi a Andria, que é a sua obra  
prima; mas a conversação que ti-  
vou com o rei acerca da Duparc  
não se lhe riscava da memoria, e  
todas as vezes que em resultado  
de uma preocupação qualquer,  
não encontrava no rei as mesmas  
mostras de benevolencia e as at-  
tenções a que estava habituado.  
julgava se perdido, e receia na sua  
profunda tristeza. O golpe que tão  
duramente lhe tippam vibrado de-  
terminou sem duvida a doença de  
que morreu.  
Abel Molière não se tinha enga-  
nado na sua prophacia: o amor da  
Duparc foi fatal a Racine.  
Hippolite Lucas.  
Festa de caridade no  
Palacio de Crystal do  
Porto  
A festa do palacio de Crystal  
que se effectou ante-hontem no  
Porto, promovida pela associação  
dos bombeiros voluntarios d'aquel-  
la cidade, a favor dos pescadores  
do Furadouro esteve bastante  
concurrida, apesar da noite se não

TELEGRAMMAS  
AGENCIA TELEGRAPHICA



Antônio de Aguiar, o 6.º Sr. ...

ESPECTACULOS DE HOJE

...colinas a  
...cidade por  
...a vida  
...pelo lado  
...da  
...primaveras a cer-  
...de rosas e de perfumes d'a-  
...um inverno escuro e frio, co-  
...mo o inverno.

No longo naufrágio tormentoso  
d'aquella vida sem luz encontrara  
a tabua de salvação no braço  
amoroso do anjo, que Deus man-  
dara ao seu horto de espíritos para  
a guiar e ancorar na asperri-  
da vereda da sua perpetua noite.  
E era realmente um anjo a gen-  
til donzella piedosa, que no firmo-  
so alvorecer da mocidade fazia  
convergir os raios azuis e nevios-  
sos do seu olhar sereno e meigo  
sobre o marmore frio e triste do  
rostro de sua mãe.

Nas compridas e pesadas noites  
de inverno, quando as águas tor-  
rencias da montanha engrassam  
as fundas ribeiras do valle, e o  
vento sibilla entre os ramos nus  
das arvores esguias, Margarida  
lia a sua mãe os delicados roman-  
ços de Julio Dini, os contos pri-  
mosos de Pedro Ivo, os versos  
adoráveis de Soares dos Passos e  
de Balthão Pato, insinuando doc-  
mente no ouvido e na alma da  
pobre cega as divinas harmonias  
do amor do céu e do amor da ter-  
ra vibradas n'essas harpas melo-  
diosas da lingua humana.

Depois acompanhava-a ao leito,  
retavam ambas por alma do ve-  
lho militar, que de deixara na vi-  
vez e na orfandade, esculpindo as  
ecstasias de tantas feridas glorio-  
sas, que lhe humavam o peito, pa-  
oebias nas batalhas pela independen-  
cia e liberdade da patria, na  
algida mortalha do sepulchro.

A casa situada na Encosta da  
colina era um pequeno paraíso.  
O jardim ressequia a jasmines e  
magnolias; nos bastos hellebrases  
cerrados, as noites de luar fugi-  
do, ecoavam os redobres magu-  
dos e plangentes do rouxinol dilu-  
cido, e as aguas gemedoras das  
fontes desciam em tuilhas argen-  
teas, descendo sobre as em ondu-  
las alvimentes a brisa a reiva de  
velho, nascera em vaso de alaba-  
stro a caudal flor de petalas d'ou-  
ro, que absorve os raios do sol da  
primavera da vida, e ao calor dos  
seios d'alma abre o calice perfu-  
mado dos petales do céu.

O primeiro e ultimo idyllio d'a-  
mor casto e diaphano, como a nu-  
vem branca d'uma alvorada esti-  
va, segredara-o tendidamente ao  
sussor das laranjeiras em flor,  
uma alma de poeta e de lirico,  
que prendia nos caballos de Mar-  
garda todas as illusões da felici-  
dade.

Anelitos suavissimos de auro-  
ras gemeeas, vomam como um ca-  
sal de pombas para o nubo de si-  
dêreos n'yros; os anjões intima-  
de corações banhados no gulfu-  
scintillante da perpetua luz; as  
cenas ineffáveis da eterna vida  
que brota das flamas coruscantes  
do carro etherreo, guantao as  
almas para o esplendor infinito.  
E no extase suspirado em lagri-  
mas e sorrisos, nas vagas do ruse-  
ler da esperança, pubres phle-  
mas que nunca logram aquiescer  
no abismo do sul, o souho esvae-  
cedo-se ao tempo; da segure d'a-  
mantina, que o archanj. do ex-  
termino vibra com o urago lin-  
pluvial.

Margarida cingiu a corda de  
perguntas em vez da grinalda de  
flores de laranjeira; e a velhucha,  
que perdera a lex dos olhos ho-

...colinas a  
...cidade por  
...a vida  
...pelo lado  
...da  
...primaveras a cer-  
...de rosas e de perfumes d'a-  
...um inverno escuro e frio, co-  
...mo o inverno.

No longo naufrágio tormentoso  
d'aquella vida sem luz encontrara  
a tabua de salvação no braço  
amoroso do anjo, que Deus man-  
dara ao seu horto de espíritos para  
a guiar e ancorar na asperri-  
da vereda da sua perpetua noite.  
E era realmente um anjo a gen-  
til donzella piedosa, que no firmo-  
so alvorecer da mocidade fazia  
convergir os raios azuis e nevios-  
sos do seu olhar sereno e meigo  
sobre o marmore frio e triste do  
rostro de sua mãe.

Nas compridas e pesadas noites  
de inverno, quando as águas tor-  
rencias da montanha engrassam  
as fundas ribeiras do valle, e o  
vento sibilla entre os ramos nus  
das arvores esguias, Margarida  
lia a sua mãe os delicados roman-  
ços de Julio Dini, os contos pri-  
mosos de Pedro Ivo, os versos  
adoráveis de Soares dos Passos e  
de Balthão Pato, insinuando doc-  
mente no ouvido e na alma da  
pobre cega as divinas harmonias  
do amor do céu e do amor da ter-  
ra vibradas n'essas harpas melo-  
diosas da lingua humana.

Depois acompanhava-a ao leito,  
retavam ambas por alma do ve-  
lho militar, que de deixara na vi-  
vez e na orfandade, esculpindo as  
ecstasias de tantas feridas glorio-  
sas, que lhe humavam o peito, pa-  
oebias nas batalhas pela independen-  
cia e liberdade da patria, na  
algida mortalha do sepulchro.

A casa situada na Encosta da  
colina era um pequeno paraíso.  
O jardim ressequia a jasmines e  
magnolias; nos bastos hellebrases  
cerrados, as noites de luar fugi-  
do, ecoavam os redobres magu-  
dos e plangentes do rouxinol dilu-  
cido, e as aguas gemedoras das  
fontes desciam em tuilhas argen-  
teas, descendo sobre as em ondu-  
las alvimentes a brisa a reiva de  
velho, nascera em vaso de alaba-  
stro a caudal flor de petalas d'ou-  
ro, que absorve os raios do sol da  
primavera da vida, e ao calor dos  
seios d'alma abre o calice perfu-  
mado dos petales do céu.

O primeiro e ultimo idyllio d'a-  
mor casto e diaphano, como a nu-  
vem branca d'uma alvorada esti-  
va, segredara-o tendidamente ao  
sussor das laranjeiras em flor,  
uma alma de poeta e de lirico,  
que prendia nos caballos de Mar-  
garda todas as illusões da felici-  
dade.

Anelitos suavissimos de auro-  
ras gemeeas, vomam como um ca-  
sal de pombas para o nubo de si-  
dêreos n'yros; os anjões intima-  
de corações banhados no gulfu-  
scintillante da perpetua luz; as  
cenas ineffáveis da eterna vida  
que brota das flamas coruscantes  
do carro etherreo, guantao as  
almas para o esplendor infinito.  
E no extase suspirado em lagri-  
mas e sorrisos, nas vagas do ruse-  
ler da esperança, pubres phle-  
mas que nunca logram aquiescer  
no abismo do sul, o souho esvae-  
cedo-se ao tempo; da segure d'a-  
mantina, que o archanj. do ex-  
termino vibra com o urago lin-  
pluvial.

Margarida cingiu a corda de  
perguntas em vez da grinalda de  
flores de laranjeira; e a velhucha,  
que perdera a lex dos olhos ho-

...colinas a  
...cidade por  
...a vida  
...pelo lado  
...da  
...primaveras a cer-  
...de rosas e de perfumes d'a-  
...um inverno escuro e frio, co-  
...mo o inverno.

No longo naufrágio tormentoso  
d'aquella vida sem luz encontrara  
a tabua de salvação no braço  
amoroso do anjo, que Deus man-  
dara ao seu horto de espíritos para  
a guiar e ancorar na asperri-  
da vereda da sua perpetua noite.  
E era realmente um anjo a gen-  
til donzella piedosa, que no firmo-  
so alvorecer da mocidade fazia  
convergir os raios azuis e nevios-  
sos do seu olhar sereno e meigo  
sobre o marmore frio e triste do  
rostro de sua mãe.

Nas compridas e pesadas noites  
de inverno, quando as águas tor-  
rencias da montanha engrassam  
as fundas ribeiras do valle, e o  
vento sibilla entre os ramos nus  
das arvores esguias, Margarida  
lia a sua mãe os delicados roman-  
ços de Julio Dini, os contos pri-  
mosos de Pedro Ivo, os versos  
adoráveis de Soares dos Passos e  
de Balthão Pato, insinuando doc-  
mente no ouvido e na alma da  
pobre cega as divinas harmonias  
do amor do céu e do amor da ter-  
ra vibradas n'essas harpas melo-  
diosas da lingua humana.

Depois acompanhava-a ao leito,  
retavam ambas por alma do ve-  
lho militar, que de deixara na vi-  
vez e na orfandade, esculpindo as  
ecstasias de tantas feridas glorio-  
sas, que lhe humavam o peito, pa-  
oebias nas batalhas pela independen-  
cia e liberdade da patria, na  
algida mortalha do sepulchro.

A casa situada na Encosta da  
colina era um pequeno paraíso.  
O jardim ressequia a jasmines e  
magnolias; nos bastos hellebrases  
cerrados, as noites de luar fugi-  
do, ecoavam os redobres magu-  
dos e plangentes do rouxinol dilu-  
cido, e as aguas gemedoras das  
fontes desciam em tuilhas argen-  
teas, descendo sobre as em ondu-  
las alvimentes a brisa a reiva de  
velho, nascera em vaso de alaba-  
stro a caudal flor de petalas d'ou-  
ro, que absorve os raios do sol da  
primavera da vida, e ao calor dos  
seios d'alma abre o calice perfu-  
mado dos petales do céu.

O primeiro e ultimo idyllio d'a-  
mor casto e diaphano, como a nu-  
vem branca d'uma alvorada esti-  
va, segredara-o tendidamente ao  
sussor das laranjeiras em flor,  
uma alma de poeta e de lirico,  
que prendia nos caballos de Mar-  
garda todas as illusões da felici-  
dade.

Anelitos suavissimos de auro-  
ras gemeeas, vomam como um ca-  
sal de pombas para o nubo de si-  
dêreos n'yros; os anjões intima-  
de corações banhados no gulfu-  
scintillante da perpetua luz; as  
cenas ineffáveis da eterna vida  
que brota das flamas coruscantes  
do carro etherreo, guantao as  
almas para o esplendor infinito.  
E no extase suspirado em lagri-  
mas e sorrisos, nas vagas do ruse-  
ler da esperança, pubres phle-  
mas que nunca logram aquiescer  
no abismo do sul, o souho esvae-  
cedo-se ao tempo; da segure d'a-  
mantina, que o archanj. do ex-  
termino vibra com o urago lin-  
pluvial.

Margarida cingiu a corda de  
perguntas em vez da grinalda de  
flores de laranjeira; e a velhucha,  
que perdera a lex dos olhos ho-

...colinas a  
...cidade por  
...a vida  
...pelo lado  
...da  
...primaveras a cer-  
...de rosas e de perfumes d'a-  
...um inverno escuro e frio, co-  
...mo o inverno.

No longo naufrágio tormentoso  
d'aquella vida sem luz encontrara  
a tabua de salvação no braço  
amoroso do anjo, que Deus man-  
dara ao seu horto de espíritos para  
a guiar e ancorar na asperri-  
da vereda da sua perpetua noite.  
E era realmente um anjo a gen-  
til donzella piedosa, que no firmo-  
so alvorecer da mocidade fazia  
convergir os raios azuis e nevios-  
sos do seu olhar sereno e meigo  
sobre o marmore frio e triste do  
rostro de sua mãe.

Nas compridas e pesadas noites  
de inverno, quando as águas tor-  
rencias da montanha engrassam  
as fundas ribeiras do valle, e o  
vento sibilla entre os ramos nus  
das arvores esguias, Margarida  
lia a sua mãe os delicados roman-  
ços de Julio Dini, os contos pri-  
mosos de Pedro Ivo, os versos  
adoráveis de Soares dos Passos e  
de Balthão Pato, insinuando doc-  
mente no ouvido e na alma da  
pobre cega as divinas harmonias  
do amor do céu e do amor da ter-  
ra vibradas n'essas harpas melo-  
diosas da lingua humana.

Depois acompanhava-a ao leito,  
retavam ambas por alma do ve-  
lho militar, que de deixara na vi-  
vez e na orfandade, esculpindo as  
ecstasias de tantas feridas glorio-  
sas, que lhe humavam o peito, pa-  
oebias nas batalhas pela independen-  
cia e liberdade da patria, na  
algida mortalha do sepulchro.

A casa situada na Encosta da  
colina era um pequeno paraíso.  
O jardim ressequia a jasmines e  
magnolias; nos bastos hellebrases  
cerrados, as noites de luar fugi-  
do, ecoavam os redobres magu-  
dos e plangentes do rouxinol dilu-  
cido, e as aguas gemedoras das  
fontes desciam em tuilhas argen-  
teas, descendo sobre as em ondu-  
las alvimentes a brisa a reiva de  
velho, nascera em vaso de alaba-  
stro a caudal flor de petalas d'ou-  
ro, que absorve os raios do sol da  
primavera da vida, e ao calor dos  
seios d'alma abre o calice perfu-  
mado dos petales do céu.

O primeiro e ultimo idyllio d'a-  
mor casto e diaphano, como a nu-  
vem branca d'uma alvorada esti-  
va, segredara-o tendidamente ao  
sussor das laranjeiras em flor,  
uma alma de poeta e de lirico,  
que prendia nos caballos de Mar-  
garda todas as illusões da felici-  
dade.

Anelitos suavissimos de auro-  
ras gemeeas, vomam como um ca-  
sal de pombas para o nubo de si-  
dêreos n'yros; os anjões intima-  
de corações banhados no gulfu-  
scintillante da perpetua luz; as  
cenas ineffáveis da eterna vida  
que brota das flamas coruscantes  
do carro etherreo, guantao as  
almas para o esplendor infinito.  
E no extase suspirado em lagri-  
mas e sorrisos, nas vagas do ruse-  
ler da esperança, pubres phle-  
mas que nunca logram aquiescer  
no abismo do sul, o souho esvae-  
cedo-se ao tempo; da segure d'a-  
mantina, que o archanj. do ex-  
termino vibra com o urago lin-  
pluvial.

Margarida cingiu a corda de  
perguntas em vez da grinalda de  
flores de laranjeira; e a velhucha,  
que perdera a lex dos olhos ho-

...colinas a  
...cidade por  
...a vida  
...pelo lado  
...da  
...primaveras a cer-  
...de rosas e de perfumes d'a-  
...um inverno escuro e frio, co-  
...mo o inverno.

No longo naufrágio tormentoso  
d'aquella vida sem luz encontrara  
a tabua de salvação no braço  
amoroso do anjo, que Deus man-  
dara ao seu horto de espíritos para  
a guiar e ancorar na asperri-  
da vereda da sua perpetua noite.  
E era realmente um anjo a gen-  
til donzella piedosa, que no firmo-  
so alvorecer da mocidade fazia  
convergir os raios azuis e nevios-  
sos do seu olhar sereno e meigo  
sobre o marmore frio e triste do  
rostro de sua mãe.

Nas compridas e pesadas noites  
de inverno, quando as águas tor-  
rencias da montanha engrassam  
as fundas ribeiras do valle, e o  
vento sibilla entre os ramos nus  
das arvores esguias, Margarida  
lia a sua mãe os delicados roman-  
ços de Julio Dini, os contos pri-  
mosos de Pedro Ivo, os versos  
adoráveis de Soares dos Passos e  
de Balthão Pato, insinuando doc-  
mente no ouvido e na alma da  
pobre cega as divinas harmonias  
do amor do céu e do amor da ter-  
ra vibradas n'essas harpas melo-  
diosas da lingua humana.

Depois acompanhava-a ao leito,  
retavam ambas por alma do ve-  
lho militar, que de deixara na vi-  
vez e na orfandade, esculpindo as  
ecstasias de tantas feridas glorio-  
sas, que lhe humavam o peito, pa-  
oebias nas batalhas pela independen-  
cia e liberdade da patria, na  
algida mortalha do sepulchro.

A casa situada na Encosta da  
colina era um pequeno paraíso.  
O jardim ressequia a jasmines e  
magnolias; nos bastos hellebrases  
cerrados, as noites de luar fugi-  
do, ecoavam os redobres magu-  
dos e plangentes do rouxinol dilu-  
cido, e as aguas gemedoras das  
fontes desciam em tuilhas argen-  
teas, descendo sobre as em ondu-  
las alvimentes a brisa a reiva de  
velho, nascera em vaso de alaba-  
stro a caudal flor de petalas d'ou-  
ro, que absorve os raios do sol da  
primavera da vida, e ao calor dos  
seios d'alma abre o calice perfu-  
mado dos petales do céu.

O primeiro e ultimo idyllio d'a-  
mor casto e diaphano, como a nu-  
vem branca d'uma alvorada esti-  
va, segredara-o tendidamente ao  
sussor das laranjeiras em flor,  
uma alma de poeta e de lirico,  
que prendia nos caballos de Mar-  
garda todas as illusões da felici-  
dade.

Anelitos suavissimos de auro-  
ras gemeeas, vomam como um ca-  
sal de pombas para o nubo de si-  
dêreos n'yros; os anjões intima-  
de corações banhados no gulfu-  
scintillante da perpetua luz; as  
cenas ineffáveis da eterna vida  
que brota das flamas coruscantes  
do carro etherreo, guantao as  
almas para o esplendor infinito.  
E no extase suspirado em lagri-  
mas e sorrisos, nas vagas do ruse-  
ler da esperança, pubres phle-  
mas que nunca logram aquiescer  
no abismo do sul, o souho esvae-  
cedo-se ao tempo; da segure d'a-  
mantina, que o archanj. do ex-  
termino vibra com o urago lin-  
pluvial.

Margarida cingiu a corda de  
perguntas em vez da grinalda de  
flores de laranjeira; e a velhucha,  
que perdera a lex dos olhos ho-

118 FINESTRA

Remova ali a ordem mais comu-  
nada e para a maior actividade

...colinas a  
...cidade por  
...a vida  
...pelo lado  
...da  
...primaveras a cer-  
...de rosas e de perfumes d'a-  
...um inverno escuro e frio, co-  
...mo o inverno.

...colinas a  
...cidade por  
...a vida  
...pelo lado  
...da  
...primaveras a cer-  
...de rosas e de perfumes d'a-  
...um inverno escuro e frio, co-  
...mo o inverno.

...colinas a  
...cidade por  
...a vida  
...pelo lado  
...da  
...primaveras a cer-  
...de rosas e de perfumes d'a-  
...um inverno escuro e frio, co-  
...mo o inverno.

meio  
clicadas,  
e mais  
idente  
esport-  
ontem  
usindo  
m car-  
chá,  
e a va-  
o, sob  
lizei  
eso no  
a uma  
ximo  
uardo  
ra que  
lguet-  
uncior  
e lizo  
s, a co-  
o mez  
em 30  
meu to  
ave na  
fecha-  
Novas)  
amora-  
s mor-  
que pu-  
blica  
condi-  
na her-  
soidade  
m o re-  
lyres e  
as em  
l de di-  
m, Bre-  
Mexi-  
vairtel-  
ro dois  
ros da  
o fere-  
o almi-  
Soares  
vero e  
seconde  
l'envia-  
Mexico,  
Estados  
e extra-  
brigada  
nim da  
e João  
l de em-  
pião de  
presen-  
a guer-  
em que  
e pres-  
vairtel-  
quatro  
fecharia  
vçada a  
nortiva  
bra lei  
apostas  
o b efo-  
modo o  
no con-  
o muito

tro foi cendizado para bordo do transporte Africa n'uma grande galeota, seguida por um escalor do arsenal. A corveta Bortholomeu Dias e a fragata italiana Victor Manuel, estiveram por essa occasião e fô saída do nosso transporte, que deve chegar hoje ao início da Cadix. Os srs. visconde de S. Januario e Breton y Vedra acompanharam até aqui os restos mortaes d'aquelle illustre offi- cial. O sr. r. prior dos Martyres greatos se obsequiosamente a acompanhar o feretro deade o cemiterio até borden.

Passou a serviço completo a estação telegraphica do papo das Necessidades.

O sr. Luiz Antonio Bente arduos em praça, nos paços do concelho, um terreno situado na rua da Fonte Santa, pe- la quantia de 185000 réis.

**Noticias de Hespanha**  
SANTIAGO, 18, ás 12 h. e 33 d. t. — (Ao Diario de Noticias Lisbo.) — Os reis terão sido muito victoriosos. Na hujada do teatro, o rei pronunciou um notavel discurso ante o olan- tro da universidade offerecen- do protecção por o ensino offi- cial. Disse que em breve a fococulativa alcançaria estas provincias, enriquecendo-as. — (Do nosso correspondente.)

MADRID, 18. — Manifestar-se nos incendios, em Malaga, Cáceres e Badajoz. Foram já presos cinco incendiarios. O rei das Indias Sandwich via já caminho de Lisboa. O minist- ro das obras publicas convi- dou o representante dos ban- cos portuguezes a licitar na adjudicação da construcção dos caminhos de ferro de Sr- lamanca a Boadilla e ao Porto. — (Novas.)

Antonio, que ás duas horas da noite de hontem se afogou na rua do Marquês, munido d'uma d'uma pistola, com o simio- ro intento, disse estive co- cozer um individuo, que felici- mente se desceoz do ilicio.

Foram agraciadas com a commenda da Concoção, os srs. Ignacio de Miranda Vas- concellos, do Porto e visconde de Biazand; com a de Christo o sr. F. de Sampaio de Alca- e Castro, presidente da camara de Garrazosa.

A tropa dos coristas offi- cios que tanto tem agrada- do ao theatro dos Reatores, desem- penha hoje uma nova peça caracteristica *Fada das flozes*, que nos dizem ser de effeito. Accoem também as outras tres peças, que tem agrada. A companhia de comedia portu- guez representará tres co- medias.

Chegou hontem do Rio de Janeiro o sr. commandador Joaquim Maria de Mello.

A camara indicou os srs. Au- gusto José de Oliveira, Rodrigo Joaquim de Aguiar e José Augusto da Silva Gamello, pa- ra substitutos do juiz ordina- rio do julgádo de S. Mamede, satisfazendo por esta forma a requisição do sr. juiz de dire- to da 4.ª vara.

MARSELHA, 17. — Contam-se já 17 mortos e 250 feridos no denastro da traça de torcos. — (Novas.)

LONDRES, 17. — Foi nomeado ministro do thesouro o sr. Gladstone filho. — (Novas.)

LONDRES, 18. — A taxa do deapozo no banco de loga- terra hontem estava a 2 1/2 sobre a 3/4. — (Novas.)

O sr. João dos Santos, natu- ral de Setubal, quando bon- tem atravessava o Tejo n'uma boia caui-lhe a verga d'este sobre a cabeça, arrempen- do-o sobre a fotechã onde se feriu tão desastrosamente que teve de ser levado para o hos- pital de S. José.

**Almada, 18.** — Pedem pro- videncias ao sr. director geral do correo e telegraphos, os empregados do correo de Al- made, pois aos distribuidores, já se lhes devem duas quinze- nas, a 1.ª de 16 a 31 de julho, a 2.ª de 1 a 15 do corrente, e aos conductores de maila o mez de julho. Para aquellos empregados, que vivem d'este precario e diminuto ordenado, torna se gravissima a sua si- tuação, e demais, a mais quel- les que andam expostos a um trabalho excessivo por causa do serviço rigoroso. Oralá que se lhes pague as duas quinze- nas já vencidas. — (Do nosso correspondente.)

Um melhor o sr. capitão de fragata Gravelo Lopes.

Tem estado muito doente com oha bronchite aguda o illustre conservador do mu- seum de botânica da escola polytechnica, o sr. Antonio Ri- cardo da Cunha. Fazemos vo- tos pelo prompto restabeleci- mento do nosso estimado amigo.

PARIS, 18. — Noticias de Vien- na desmentem a noticia de a entrevista projectada entre o imperador de Austria e o rei

**Expedição scientifica a Serra da Estrela**

CEIA, 18, ás 5 e 33 m. da t. — (Ao Diario de Noticias, Lisboa.) — A expedição começa a levanta- r o seu arraial. Constataram os estudos de climatologia me- dica, sendo colligidos elemen- tos de analyse de rochas, aguas, etc. Chegaram hontem vinte cavalheiros da nobreza, med- icos delegados, negociantes e industriaes, para saadár a ex- pedição. Ao jantar houve brin- deos entusiasticos, e apresen- tação a offerta, em nome da Covilha, para collocar uma pa- drão no alto da serra, com os nomes dos expedicionarios. Brindes muito affectuosos tim- porem, ao *Diario de Noticias*, a sociedade de geographia, aos chefes de seccões saudações especiaes. Partimos todos no sabbado de manhã. — S.

**Sociedade de geographia**

CEIA, 17, ás 5 h. e 15 m. da t. — Sociedade de geographia. — Amapamento na serra da Estrela, 17, ao meio dia. — Re- gressaram hontem de tarde ao acampamento Betalha Reis e Pedro Polque, tendo estada a agricultura, sylvicultura e a regomia das aguas dos vales do Zesere, ribeira de Beija- mes, arredores da Covilha e Unhas e varienças sul da serra. Continham aqui as obser- vações medicas e meteorolo-

dica. — Souza Martins. (A.) — O presidente da com- missão directoria.

Uns comen os filios o a ou- tros rebatca-se-lhes a bocta. Assim, aconteceu a sr.ª Maria Placo, que teve grandes amara- gores com a sr.ª Maria da Concoção, ambas moráderas no largo do Mastro, porque esta lhe comia os filios d'uma li- guista que pertence aquella. O caso foi até a policia.

Morreu no Rio de Janeiro o sr. Manoés de Aze, redactor da *Tribuna Portugueza*, que ali se publica. Tinha apenas 26 annos.

**Questão de Tunes**

SALDA, 17. — Os trabalhos do caminho de ferro de Kreider continuam rapidamente. O es- tado assasinado um maltem em Siza no dia 15 por um tripulian- te fustico, o contraccado inglez March desembarcou all 300 fuzes, e existem nas mesmo- as o bey responder que não pôde regular esta questão. — (Novas.)

TUNES, 17. — Assegura-se que, em consequencia de ter sido assasinado um maltem em Siza no dia 15 por um tripulian- te fustico, o contraccado inglez March desembarcou all 300 fuzes, e existem nas mesmo- as o bey responder que não pôde regular esta questão. — (Novas.)

LONDRES, 17. — Diz o *Morning Post* que sir Charles Dilke, o general Menabrea e o sr. Lleslies estão todos tres de accordo para pedir imden- sificações ao bey de Tunes para os subditos inglezes, Italianos e hespanhoes residentes em Siza, e existem nas mesmo- as o bey responder que não pôde regular esta questão. — (Novas.)

Escre para a filha da Madeira o sr. conselheiro Goncalves de Freitas, amigo deputado da na- ção.

**NO MARANHÃO**

Chega esta madrugada a Lis- boa o rei David Kaleksna, rei das ilhas Sandwich. Japio a- gora formam um regimento de infantaria e um esquadrao de cavallaria que acompanharão a expedição viajante no hotel Bra- gança.

O sr. Antonio da Cunha Sotillo, maior, empregado do minist- rio dos negocios estrangeiros, foi nomeado para a commis- são da recepção e installação d'este monarcha.

Durante a ausencia do sr. conde de Silves, ministro de Portugal em Bruxellas, ficou servindo de encarregado de negocios o sr. Augusto de An- drade, secretario de legação.

**ESMOLAS PARA OS POBRES REQUERIDOS**

Recehemos do anonymo V. S. A. J., 15500 réis para 9 po- bres.

A commissão do restabele- cimento eleitoral do bairro orien- tal, reuniu, na conformidade da lei, domingo 14, para a escolha dos presidentes das mesas das assembleias eleitoraes que de- vem ter logar no proximo di- mingo para a eleição de depu- tados. O secretario da commis- são, o sr. Antonio José Con- deia, antes da volação decla- rou que sendo candidato pelo circulo n.º 98, recusava a pre- sidencia de qualquer das as- semblias d'aquelle circulo, no

ca e Sa. Adjos. — Luiz Castano da Guer- ra Santos.

S. Jorge. — Manuel Ignacio da Motta e Silva. Circulo n.º 96 — 85 — Joaquim Fêes de Sousa.

O circo francez na feira de Belem tem sido uma das casas mais concorridas pelo publico, atendendo aos variados traba- lhos, que ali se executam.

Foi levado para o hospital de S. José, em consequencia de ter tomado uma porção de massa phosphorica, a sr.ª Emi- lia Ferreira, moradora n'um 4.º andar da rua da Encarna- ção.

Foi dada a medalha de prata ao sr. Manuel Luiz Lopes, policia n.º 46, da 2.ª divião.

Entregou hontem, 18, o com- mando do regimento de infan- teria n.º 7 o sr. general Salles Machado, que exercia esse car- go desde julho de 1871. A des- pedida de s. ex.ª foi um acto commoveante. Dirigido-se aos officiaes, em hujada e sentidas palavras, demonstrou a dor que o affligia ao ter de deixar o commando da infantaria n.º 7, regimento este, que, até ho- je, tem mantido uma excellen- te reputação, devida, como dis- se s. ex.ª, aos esforços da cor- poração de que esteve á testa durante dez annos e mezes, pelo que a louvava e muito lhe agradecia. Por parte da officialidade fallou o sr. major Cambos, que ficou internam- ente encarregado do comman- do do corpo, e que tambem n'uma singela allocução propo- u a effeição que todos os officiaes e praças consagra- vam a s. ex.ª que com provado zelo e extraordinaria probidade se tinha commandado, e que o seu nome ficaria vinculado se despedirem. Fimado este acto os officiaes, officiaes inferior- es e a banda de musica, fan- dando o pequeno uniforme ri- goroso, acompanharam a porta do quartel o seu ex-commanda- dante.

Em uma das noites anteceden- tes os gatinos entraram em uma loja de mercancia, no alto da Porcalhota, roubando uma gaveta de balcão com cento e tantos mil réis. A ga- veta feiz no outro dia, e a contrada a distancia da loja. O dono e um criado estavam dormindo no estabelecimento mas nada sentiram.

**Noticias de Franca**

PARIS, 18. — (Ao Diario de Noticias, Lisboa.) — Brevemente serão restabelecidas as nego- ciações do tratado de comer- cio com a Inglaterra, suspen- sas por causa do conflicto par- lamentar. — (Do nosso cor- respondente.)

MARSELHA, 18. — (Ao Diario de Noticias, Lisboa.) — Foi abri- ta uma subscrição publica em beneficio das victimas da praça de touros. Sabede aqui que a febre amarella toca as- sistantoras proporções no Senegal, morrendo 40 por cen- to dos atacados. — (Do nosso correspondente.)

Foi agraciado com o habito de Aviz o sr. Alberto da Silva Oliveira, capitão do estado maior.

te na cara. Os socos artilheiro equivalem de artilheria!

Abriu-se uma esta- grapho postal em Vil de Ourém.

Na Bolsa venderam- tem a dinheiro! comp- scripções de assenta 6340. Em fundos hei- de dívida interna hou- sacções a 25,35 e 25, deram-se a dinheiro e Banco Ultramarino e de Lisboa e Açores a do commercial de 110220, da compan- de ferro de Lisboa e obrições prodias d' tamento a 92,500 e do timo a cidade de 96,8000 réis.

Hontem de tarde foi lido por um cavallo Larga de S. Roque, a dida Garcia, que soffr- mais pontudas de qui- r curar-se ao hospita

Os vinhedos em Br- xcellentes. A colhe- ser abundante.

Morreu no Rio de o sr. Francisco An- Silva Bettencourt, do exercito brasileiro, do seihero da guerra. A reformada ha cinco an- rante a guerra do de reserva.

Esta a concurso o engenheiro districial

**Candidatura**

Segundo as inform- podemos colher, a candidatura a depul proxima eleição, é a samos a dar em segun- tando, porém, os no- se hontem, e a sua candidatura, não se tornar publicas.

Circulo n.º 1 Mons- condo da Ribeira I- generador; Luiz J- progressista; Thoma de Castro, independe- te

2 Valença — Ilidio reira do Valle, regu- 3 Caminha — Alga Goncalves Pereira. 4 Arcos do Valle — Manuel Bento da. 5 auto, reg. 6 Ponte do Lima — José Teixeira, reg. 7 Viana do Castelo Ribeiro dos Santos neste Julio Goes F. 7 Espozende — Fr- Castro Gomes Pach- de Baria, reg. 8 Barcellos — Jos- do Couto de Amor reg.; José Barroso Mattos, prog. 9 Villa Nova de F- Adolpho Cunha Fim- barão de Pombeiro, lho de Carvalho, e 10 Guimarães — Menezes, reg. 11 Braga — Ayre de Castro e Solis, reito, reg.; Pereira 12 Villa Verde — Regal Costa, reg. 13 Povos de Lan- gusto José Pereira 14 Cabecinhas — Guilherme August- Carvalho e Abreu, 15 Fafe — Viscon-

ndo isso a vida adiante, sereno, e il- quarios, tranquilos, contem- Ao passo que, no Lazareto... murmurio das ondas, e os des- verdade, na sensi produziu a voz de... cantos dos barqueiros do Por- a hora de partir.

DN 19/8/1881



28—Bragança, Trajano de Oliveira, governamental.  
 29—Mogadouro, Luciano Cordeiro, governamental.  
 30—Feira, Côté Real, governamental.  
 31—Sabugal, Thomaz Ribeiro, governamental.  
 32—Trancoso, Jeronymo Osorio, governamental.  
 33—Gouveia, Ignora-se o resultado da eleição. E' candidato progressista o sr. Marianno de Carvalho.

Recebemos o seguinte telegrama da assembleia de Celorico, que faz parte do circulo de Gouveia:

«Em Celorico, a opposição vendo perdida a eleição, antes de terminada o acto eleitoral, tentou roubar a urna. Candidato governamental obteve o roubo, mas a opposição rasgou os cadernos e abandonou a urna. Força armada recusou obedecer ao administrador, que a tornou responsavel por esta falta. Ainda assim, o candidato regenerador julga vencer a eleição».

S. Martinho, 21 ás 3 h. t.  
 A' redacção do *Diario Illustrado*. Fontes ganhado 1049 votos. Muito entusiasmado. Sorogo.  
 (Do nosso correspondente)

Mafra, 21 ás 7 h. 35 m. t.  
 A' redacção do *Diario Illustrado*. Circulo 90; Tito Augusto de Carvalho 2017 votos. Barão do Assate 4 votos. S. cego completo, digno de um circulo exemplar.  
 (Do nosso correspondente)

Figueira, 21, ás 8 h. e 21 t.  
 A' redacção do *Diario Illustrado*. Na assembleia da Figueira ha 72 votos de maioria governamental. O escrutinio esta incompleto. Na assembleia de Alhandas 275, Encarnes 30. Em Maiorca contamos com mais de 450 votos em favor de opposição 15 votos. Tem corrijo tudo sugegado. Darei promeores. Contamos ganhar por mais de 450 votos.  
 (Do nosso correspondente)

Foi approved o projecto do lanço da estrada real n.º 24 (ramal do Coura), comprehendido entre S. Bento de Porta Alenteja e S. Sebastião de Formoz no comprimento de 5.238 e 74, e mandou-se proceder a execução dos respectivos planos de construção, autorisando-se para esse fim a quantia de réis 49.500.000 importancia do orçamento.

Dizem de Vizeu que é mau ali o estado sanitario, augmentando consideravelmente o numero de obitos.

**Historia de Portugal (Illustrada)**

O ultimo fasciculo publicado é ja distribuido d'esta importantissima obra traz as seguintes estampas: Ismael-Abu-Ischub. Affonso VII de Leão e de Castella, Fernando Gonçalves, Gonçalves Mendo da Maia, Fernando II de Leão, Interior do claustro do mosteiro de Santo Thyrsio, castello de Leiria e espella onde foi baptisado D. Affonso Henriques em Guimarães.

Além d'estas estampas, esplendidamente desenhadas e impressas em magnifico papel, illustram o texto as seguintes: sellos da rainha D. Beatriz de Gusmano, brazão d'armas do visconde de Vãla Nova de Carreira, brazão d'armas do

terras. No mercado os preços não sobem de 300 a 350 réis, o que quasi não paga o sal que n'ella se emprega.

Manuel Bilhar, costeiro, gritou hontem por soccorro, ás 3 horas e meia da manhã, em consequencia de um individuo, que se levantara, querer jogar-lhe duas taças de café.

O apollido, realmente, é irresistivel

Quando a maior parte da gente pensava hontem no resultado das eleições entreinha se elle a encher de algarismos cadernos e cadernos de papel.

Era curioso ver-o, umas vezes a sorrir se como satisfeito do resultado das sommas e multiplicações, outras carrancudo, cogando a cabeça, com gestos ameaçadores em risco de fazer o estabelecimento em fanicos.

De repente atirou com a papella para debaixo do balcão e, tirando da carteira um bilhete da lotaria que se extrax amanhã, mandou dividir-o em cartellas de diferentes preços!

Está passou-se para os lados da rua nova da Palma na loja do felix cambista Alves Martins.

**As eleições em França**  
 NOTA DA AGENCIA HAYAS DE LISBOA

Para esclarecimento dos sr.s assignados damos as seguintes informaçoes:

As eleições para deputados em França verificou-se hoje 21 de agosto, como ha tempo publicamos. A ultima camera compoem-se de 533 membros assim divididos:

Republicanos:	
Esquerda republicana	163
União republicana	179
Centro esquerdo	95
Extrema esquerda	17
Bonapartistas	391
Orleanistas e legitimistas	53
<b>Total</b>	<b>533</b>

O numero de deputados da nova camera será de 555 pelas seguintes razões: 7 circulos de Paris e 8 da provincia elegerão 2 deputados em vez de 1

Argel dará 6 deputados em vez de 3...  
 A Martinica, a Guadalupe e a Reunião, cada uma, 2 em lugar de 1.  
 Emfim, a Guayana, que não estava representada...

Que juntos aos 533 anteriores formam um total de 555.

Por estes dias não serão conhecidos os resultados das eleições em França e em Argel ou em 548 circulos.

Paris, 21, t.

Operações eleitorales em Paris terminadas. Ordem completa. Antecedentes dos eleitores em Belleville é geral. Grande affluencia. S. cego.

Foi removido para a igreja de S. João da Praça o cadaver de um homem que appareceu na praia, proximo ao Casa da Arde, e que foi visto pelo guarda da alfandega n.º 22, ás 12 horas e mais da noite.

pecie de auto de fé, incandescente de fogueiras reanimadas, onde os nossos pobres corpos ardem, desfazendo-se em pequeninas brasas e diluindo-se em um suor copioso, que para assimilar-se ao suor da agonia, só lhe falta ser um suor frio.

Lisboenses, volvei a mim os vossos olhares piedosos.

Sa Lisboa arrasta uma existencia atribulada, batida por um sol tropical a provincia, pela sua parte, incumbido se de algemas os dias de seus habitantes, demonstrando, em face do thermometro, que ha na terra outras creaturas, albita menos hajeadas por esses dois favores do céu, inutilmente sollicitados no momento actual, uma brisa fresca e um copo de agua gelada.

Oh! como a temperatura da provincia é fertil em surpresas desde que uma pessoa começa a perceber que, saindo de Lisboa a um estado pouco mais ou menos identico ao de um ovo cozido, passa, algum tempo depois de ser acolhido no regaço carinhoso da mesma provincia, a ser um ovo frito...

E verdade que a estação de Santa Apollonia, um dos pontos de partida d'esse seductor martyrologico que se chama a *villegatura*, perturba um tanto o previsto da sua praça, condemnando-nos, desde o fatal instante em que calmos sob a sua dependencia, offensiva aos horrores da sede.

Ella poderá dispensar-nos todo um *broutinho* medonho, capaz de provocar a *mgriame*, uma boi pizadella, valentemente applicada por uma toza mentejana, o airtro pouco aromatizado, da grande multidão, w gous que pedem harelle e empregados activos que existam para nos cearem misericordiosos um bilhete de 1.ª classe, não só que lhe entreguem o nosso dinheiro, mas que ojechem nos humilides, e supplices, e a espantar sobre nossas cabeças todos esses benedictos, mas o que ella não fará nunca, em nome, aqui o juro, é dar-nos um copo d'agua.

Santarem, queridas leitoras, desvelou-se por algumas notas do seu habes monacha, e resolveu, como qualquer terra menos archeologica o mais profeta, atrever-se.

Depois da tourada, onde Luiz do Rego, um gentil calção, esbeto e correcto como um cavalheiro de Mauricio Gerard, arrancou uma ovagão doida a uma praça completamente cheia de *afficionados* de Lisboa e seus arreadores e esualtada de senhoras elegantemente vestidas, hazar e musica, á noite no passeio Maria Pia.

Na tourada, cabe a primeira menção a Luiz do Rego, um valente raph, corajoso e intrepido, que joga a vida com a mesma nonchalance com que poderia jogar o bilhar. Os jogos de forçado, de momento alcoolizados e saturados de um palheiro genuino, jogaram o mesmo precioso objecto com uma força, um impeto e uma brutalidade verdadeiramente animal. Afforrou-se nos por vezes que era o touro quem tinha a idéa e que eram elles que tinham o instincto. Um boi, offerecido como desenhado aos trabalhos avinçados dos currisos, fechoo estupidamente a corrida, provocando varios murros, abrindo algumas cabeças e produzindo outras tantas prietas.

No passeio, um kineos guardas

GABRIEL CLAUDIO.

**As ilhas Sandwich**  
 O rei David Kalakaua K

O archipelago *Sandwich* ou antes archipelago de *Hawaii*, é o grupo d'ilhas mais isolado de toda a Polynesia e o ponto extremo da Oceania, ao nordeste, em 18° 53' e 22° 3' de latitude norte, e entre 157° 9' e 164° 10' de longitude oeste. Este archipelago dirige-se de sueste para noroeste, n'uma extensão approximada de 900 kilometros (80 leguas) e comprehende por ilhas a sua superficie total é de proximatemente dois milhões de hectares, isto é, meos da quarta parte de Portugal. Sa do mar na visibilidade do tropico de Cancer e no caminho da California para a China, para o archipelago Indochin e para a India.

D'estas onze ilhas as principaes são:

*Hawaii* ou *Owhyhee*, a maior de todas, que deu ao archipelago um dos dois nomes por que elle é conhecido. Tem uma superficie de 154 myriametros quadrados e comprehende pouco mais ou menos, 22 000 habitantes. É a maior terra de toda a Polynesia. Facha no seu litoral fragado dois dos mais poderosos volcanes do globo, o *Mauna Loa* (2194 metros) e o *Mauna Kea* (4180 metros). Na vertente oriental do *Mauna-Loa*, a cratera de Kilauea é, sem duvida alguma, a fonte de lavas mais nocivas do nosso planeta. Abre-se a 1200 metros de altitude, em uma cuspide de 11 kilometros de perimetro, no lombo da cratera sobre o despece de lago de lavas em fusão. Quando a cratera se despeja, como succedeu em 1840 e em 1866 em duas torrentes abrangedoras de 60 kilometros de comprimento por 40 de largura, a sua profundidade é de 450 metros até ao ponto onde começaram as trevas impeneetraveis. Para mais de um século, *Hawaii* é a *Hawaii* legendaria, a metropole dos *Mauris* não zelandezes, que a ilha não teve ter recebido os seus habitantes em 1791.

*Mauoi* ou *Mauoi* a terceira em grandezza, tem 22 myriametros quadrados e a sua capital é Lahaiue, a segunda praça commercial do grupo. É vulcanica tambem, muito montanhosa, e contém o pico de *Halea-Kala* (3100 metros). *Kadoolah*, *Lanae*, *Mookai* são tambem muito montanhosas e vulcanicas. Esta ultima tem uma das colinas mais tristes entre as que ha em toda a terra, uma grande alfama de leprosos severamente isolados do resto dos homens.

*Waahu* ou *Waahu*, é a quarta em extensão e a mais importante de todo o archipelago sob o ponto de vista politico e administrativo; o seu aspecto é verdadeiramente magifico; chamam-lhe o *jardim das Ilhas Sandwich*, porque todos os frutos dos tropicos ali se encontram naturalizados. A sua superficie é de 15 myriametros quadrados e a sua capital *Honolulu*, cidade de 15 000 habitantes, situada n'uma risente planicie proximo da bahia do mesmo nome, com o melhor porto do archipelago, é a capital do reino e a residencia do monarcha e da corte. Defendem a duas fortalezas; possessões cauteiros bem fortificados, nos quaes os maiores navios podem ser reparados em pouco tempo, com o qualquer outro estabelecimento europeo d'essa genero.

*Keeou*, a mais vasta das ilhas

1840

